

A Liahona

Agosto/Setembro de 1985

A Liahona

Agosto/Setembro de 1985 - Volume 38 - Nº 6
PBMA0609PO
São Paulo - Brasil

Publicação oficial em português de
A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, apresentando material das revistas ENSIGN, NEW ERA e FRIEND.

A Primeira Presidência:
Spencer W. Kimball, Marion G. Romney, Gordon B. Hinckley.

Conselho dos Doze:
Ezra Taft Benson, Howard W. Hunter, Thomas S. Monson, Boyd K. Packer, Marvin J. Ashton, L. Tom Perry, David B. Haight, James E. Faust, Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks.

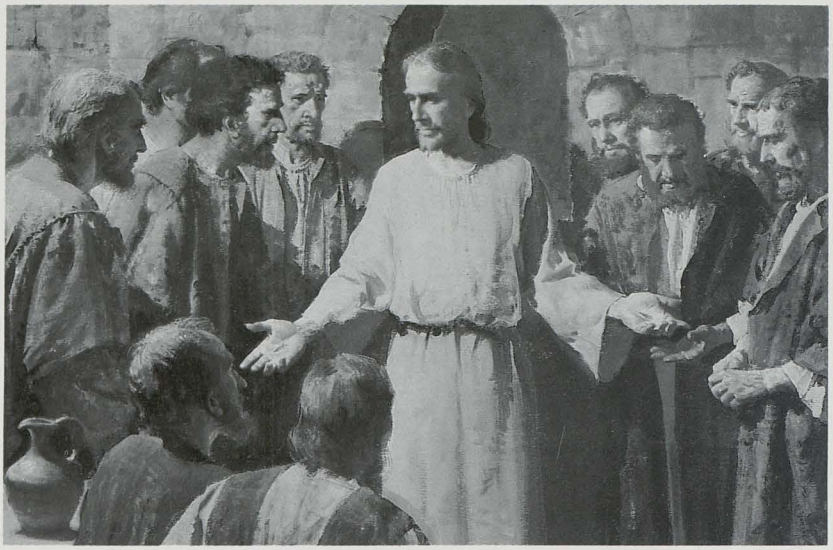
Comitê de Supervisão:
M. Russell Ballard, Loren C. Dunn, Rex D. Pinegar, Charles Didier, George P. Lee.

Editor:
M. Russell Ballard

International Magazines:
Editor Gerente: Larry A. Hiller
Editor Associado: David Mitchell
Seção Infantil: Lois Richardson
Desenhista: Mary A. Hodson

A Liahona:
Diretor Responsável: José Maria Carleto
Editor: Paulo Dias Machado
Assinaturas: Victor Hugo da C. Pires
Supervisor de Produção: Elias Nelson Munhoz Dias

Capa: "Traze os anais que tens guardado" o Salvador ressuscitado falando aos nefitas (3 Néfi 23:7), de Robert Barrett



1 Mensagem da Primeira Presidência: A Ressurreição de Jesus, *Presidente Marion G. Romney*
6 Profetas Semelhantes: Paulo e Joseph Smith, *Richard Lloyd Anderson*
13 Para um Sacrifício, Bênção Dobrada, *Mary Ann Young*
16 Élder Yoshihiko Kikuchi: Inabalável nas Mudanças, *Larry E. Morris*
21 Com o Som de uma Trombeta, *Jeanne Newman*
24 Minha Amiga Distante, no Tempo e no Espaço, *Peggy Hill Ryskamp*
26 O Tesouro Oculto, *Lori Anne Brown*
28 Em Busca de um Testemunho, *Dennis F. Lythgoe*
30 Aqui, Élder Myers, *Leonard F. Myers*
33 Yao-Shi, *Richard Tice*
39 Objetivo Número Um: Converter Papai, *Elizabeth Sainsbury Orton*
41 Conforto Tranqüilizador, *JoEllen Jester*

Seção Infantil:
1 O Dom do Espírito Santo, *Alice Stratton*
4 De um Amigo para Outro — Élder Dean L. Larsen, *Janet Peterson*
6 A Fuga de Ló, *Histórias das Escrituras*
8 Divertimentos

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao **Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 26023, São Paulo, SP**. Preço da assinatura anual para o Brasil: **Cr$ 20.000,00**; para Portugal — Centro de Distribuição Portugal Lisboa, Àvenida Almirante Gago Coutinho 93 — 1700 Lisboa. Assinatura Anual Esc. 300; para o exterior, simples: US$ 5,00; aérea, US$ 10,00. Preço de exemplar em nossa agência: **Cr$ 2.500,00**.

As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.
A LIAHONA — © 1977 pela Corporação do Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados.
Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857, de 9-11-1930. "International Magazine" é publicado sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco e tonganês. Composição: HOMART Fotocomposição e Artes Gráficas Ltda. - Av. Paulista, 900 - 6º andar - Fone: 289-7279 - Impressão: Gráfica Editora Lopes - Rua Manoel Carneiro da Silva, 241 - Fone: 276-8222 - Jardim da Saúde - São Paulo - SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.
Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430 - Telefone (011) 814-2277.

Mensagem da Primeira Presidência

A RESSURREIÇÃO DE JESUS

Presidente Marion G. Romney
Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência

Esta mensagem foi tirada de um discurso proferido na Conferência Geral de abril de 1982.

Ele "já ressuscitou, não está aqui". (Marcos 16:6.) Estas palavras, eloqüentes em sua simplicidade; anunciaram o evento mais importante da história, a ressurreição do Senhor Jesus — um acontecimento tão extraordinário, que mesmo os apóstolos, que conviveram intimamente com Jesus em seu ministério terreno e sabiam do que estava por acontecer, acharam difícil apreender a realidade do seu pleno significado. Os primeiros relatos que ouviram pareceram-lhes "desvarios" (Lucas 24:11), pois milhões de homens haviam vivido e morrido antes daquele dia. Seus corpos se desfaziam no pó, em cada vale e colina, sem que nenhum deles se houvesse levantado da sepultura até a manhã da primeira Páscoa.

Quando falamos da ressurreição de Jesus, queremos dizer que o espírito pré-mortal que animara seu corpo mortal, desde o nascimento na manjedoura até a morte na cruz, regressara a esse corpo; e os dois, seu corpo espiritual e o físico, ligados inseparavelmente, ressurgiram do sepulcro como alma imortal.

Cremos e assim testificamos, que Jesus não só venceu a morte por si mesmo e realizou sua própria ressurreição gloriosa, mas que, com isso, também operou uma ressurreição universal. Este era o fim e o propósito da missão para a qual fora designado e ordenado no grande conselho dos céus, ao ser escolhido para ser nosso Salvador e Redentor.

Com respeito ao ministério terreno, seu papel de Redentor requeria quatro coisas:

Primeiro, que seu espírito pré-mortal se revestisse de um corpo mortal, o que se deu quando anjos do céu anunciaram aos humildes pastores: "Não temais... pois na cidade de Davi, vos nasceu hoje o Salvador, que é Cristo, o Senhor." (Lucas 2:10-11.)

Segundo, que sofresse as dores de todos os homens, o que fez principalmente no Getsêmani, cenário de sua suprema agonia. Ele próprio descreveu esse sofrimento como tão intenso, que "me fez, mesmo sendo Deus, o mais grandioso de todos, tremer de dor e sangrar por todos os poros, sofrer tanto corporal como espiritualmente — desejar não ter de beber a amarga taça e recuar.

"Todavia, glória ao Pai, eu tomei da taça e terminei as preparações que fizera para os filhos dos homens." (D&C 19:18-19.)

Terceiro, que desse a vida. Sua morte na cruz, após ser rejeitado e traído e de sofrer espantosas indignidades, não parece ser motivo de disputa, mesmo entre os descrentes. Mas que deu a vida voluntariamente com o expresso propósito de retomá-la na ressurreição, não é aceito tão universalmente. No entanto, é o fato. Ele foi, na verdade, maldosamente assassinado por homens iníquos; contudo, poderia tê-los impedido a qualquer momento.

"Dou a minha vida para tornar a tomá-la", afirmou. "Ninguém ma tira de mim, mas eu de mim mesmo a dou, tenho poder para a dar, e poder para tornar a tomá-la." (João 10:17-18.)

Este poder lhe era inerente por haver nascido da virgem Maria (uma mortal) sendo o Filho de Deus (um ser imortal, celestializado).

Havendo, assim, assumido a mortalidade, tendo sofrido no Getsêmani pelos pecados de todos os homens, e entregue a vida na cruz, restava-lhe tão somente quebrar as cadeias da morte — o quarto e último requisito — para completar sua missão terrena de Redentor. Ele havia repetidamente ensinado que a totalidade de sua vida mortal seguia para essa consumação, prenunciada nas declarações sobre dar e retomar a vida. À pesarosa Marta, disse: "Eu sou a ressurreição e a vida" (João 11:25); e aos judeus: "Derribai este templo e em três dias eu o levantarei." (João 2:19.)

A ressurreição era tão estranha à experiência humana, que até seus fiéis seguidores tinham dificuldade em compreendê-la. A doutrina, contudo, fora ouvida até pelos crucificadores. Perturbados por ela, foram a Pilatos, dizendo: "Senhor, lembramo-nos de que aquele enganador, vivendo ainda, disse: Depois de três dias, ressuscitarei." Assim, com o consentimento de Pilatos, colocaram sentinelas, para que "não se dê o caso que os seus discípulos vão de noite e o furtem, e digam ao povo: Ressuscitou dos mortos". (Mateus 27:63-64.) Aconteceu que esses vigias contratados se tornaram involuntariamente testemunhas da abertura do sepulcro pelo anjo (vide Mateus 28:2-4), última preliminar para o aparecimento do Senhor ressurreto.

A evidência da ressurreição de Jesus é convincente. No domingo seguinte à crucificação o Senhor mostrou-se por cinco vezes.

A primeira a vê-lo foi Maria Madalena. Logo que Pedro e João verificaram que o corpo não mais estava no sepulcro, foram embora. Maria, porém, demorou-se ali, chorando. Dando as costas ao sepulcro vazio, ela "viu Jesus em pé, mas não sabia que era Jesus.

"Disse-lhe Jesus: Mulher, por que choras? A quem buscas? Ela, cuidando que era o hortelão, disse-lhe: Senhor, se tu o levaste, dize-me onde o puseste e eu o levarei.

"Disse-lhe Jesus: Maria! Ela voltando-se, disse-lhe: Raboni... Mestre."

Então, contendo-a bondosamente, ele continuou: "Não me detenhas, porque ainda não subi para meu Pai, mas vai para meus irmãos e dize-lhes que eu subo para meu Pai e vosso Pai,

Ilustrado por Arnold Friberg

Exatamente como se revelou, após a ressurreição aos seus seguidores na Terra Santa e aos nefitas na América, revelou-se também em nossos dias.

meu Deus e vosso Deus." (João 20:14-17.)

Um pouco mais tarde, ao nascer o sol, Maria, a mãe de Tiago, Salomé e outras mulheres dirigiram-se ao sepulcro com especiarias, a fim de preparar o corpo para o sepultamento definitivo. (Vide Marcos 16:1.) Encontraram a tumba aberta e vazia; consternadas, deram com dois homens em vestes reluzentes, que lhes disseram: "Por que buscais o vivente entre os mortos? Não está aqui, mas ressuscitou." (Lucas 24:5-6.) Quando iam contar aos outros discípulos, encontraram o próprio Jesus que falou: "Eu vos saúdo. E elas, chegando, abraçaram seus pés e o adoraram." (Mateus 28:9.)

Mais tarde, no mesmo dia, Jesus aproximou-se, incógnito, de Cléofas e um companheiro deste. Quando indagou do que estavam falando, eles repetiram-lhe o relato das mulheres e, diante de seu aparente ceticismo, ele disse: "Ó néscios e tardos de coração para crer tudo o que os profetas disseram!" E abriu-lhes o entendimento para as escrituras que dele falavam. Demorando-se em Emaús, "tomou o pão, o abençoou e partiu-o e lhos deu. Abriram-se-lhes os olhos, e o conheceram, e ele, desapareceu-lhes". (Vide Lucas 24:13-31.)

À noite, os discípulos ouviram os relatos de que Jesus havia aparecido não só a Cléofas e seu companheiro, mas também a Pedro. Então, enquanto eles assim falavam, "Jesus se apresentou no meio deles"; a fim de acalmá-los e mostrar que não era um espírito, mostrou-lhes as mãos e os pés, e o lado ferido, dizendo: "Vede as minhas mãos e os meus pés, que sou eu mesmo; apalpai-me e vede; pois um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho..."

"E, não o crendo eles ainda por causa da alegria e estando maravilhados, disse-lhes: Tendes aqui alguma coisa que comer?

"Então eles lhe apresentaram parte de um peixe assado, e um favo de mel.

"O que ele tomou, e comeu diante deles." (Vide Lucas 24:36-43.)

Assim, pois, naquele memorável dia, seus antigos companheiros contemplaram-lhe o glorioso corpo ressuscitado. Não apenas o contemplaram, como lhe ouviram a voz e apalparam as feridas de suas mãos, pés e lado. Na presença deles, ele comeu. Assim, souberam com certeza que ele retomara o corpo que eles próprios haviam depositado no túmulo. A dor transformou-se em júbilo, ao saberem que ele vivia, alma imortal.

Durante quarenta dias, ele ministrou a seus discípulos na Terra Santa. Apareceu novamente aos discípulos em Jerusalém, quando Tomé estava presente (vide João 20:26-29); e na praia do mar de Tiberíades, onde os orientou na pesca, convidou-os para jantar, deu-hes comida preparada por ele próprio num braseiro e os instruiu no ministério. (Vide João 21:1-14.) Na Galiléia, no alto de um monte; comissionou os onze a pregarem o evangelho a todas as nações. (Vide Mateus 28:16-18.) E, finalmente, depois de abençoá-los em Betânia, eles o viram sendo "elevado ao céu". (Vide Lucas 24:50-53.)

Terminada sua missão na Palestina, fez uma visita aos nefitas na América, para que estes também soubessem de sua ressurreição. O Pai apresentou-o a eles como "meu Filho bem amado, no qual me alegro". Ao vê-lo descendo do céu, eles o descreveram como "um homem vestido com uma túnica branca" que se apresentou como "Jesus Cristo, cuja vinda ao mundo foi anunciada pelos profetas". Eles o viram, ouviram e, a um convite seu, "a multidão se adiantou, tocou com as mãos o seu lado e apalpou as marcas que os cravos haviam deixado em suas mãos e pés"; assim, convencidos, eles testificaram que ele era o Redentor ressurreto. (Vide 3 Néfi 11:7-15.)

Exatamente como se revelou, após a ressurreição aos seus seguidores na Terra Santa e aos nefitas na América, revelou-se também em nossos dias. Na verdade, esta dispensação teve início com a gloriosa visão na qual o Profeta Joseph Smith foi visitado pelo Pai e pelo Filho. Ele ouviu-lhes a voz, pois conversou com eles. Jesus ressurreto foi-lhe apresentado pelo próprio Pai. Contemplou seus corpos gloriosos que posteriormente descreveu assim: "O Pai possui um corpo de carne e ossos tão tangível como o do homem; o Filho também." (D&C 130:22.)

Uns doze anos mais tarde, o Salvador voltou a revelar-se a Joseph Smith, que na ocasião estava acompanhado de Sidney Rigdon. Ambos testificaram "que ele vive! Pois", disseram "vimo-lo mesmo à direita de Deus; e ouvimos a voz testificando que ele é o Unigênito do Pai". (D&C 76:22-23.)

O Profeta, desta vez em companhia de Oliver Cowdery, viu-o mais uma vez no Templo de Kirtland. "O véu foi retirado de nossa mente, e abertos os olhos de nosso entendimento.

"Vimos diante de nós o Senhor, de pé, no parapeito do púlpito; e sob seus pés um calçamento de ouro puro, da cor do âmbar.

"Seus olhos eram como a labareda de fogo; os cabelos de sua cabeça eram brancos como a pura neve; seu semblante resplandecia mais do que o sol; e a sua voz era como o som de muitas águas, mesmo a voz de Jeová que dizia:

"Sou o primeiro e o último, sou o que vive; sou o que foi morto; sou o vosso advogado junto ao Pai." (D&C 110:1-4.)

Unicamente Jesus poderia realizar a necessária expiação infinita, porque,

Ilustrado por Arnold Friberg



Ilustrado por Harry Andersen

sendo a única pessoa sem pecado na terra, podia oferecer uma vida impoluta e porque, sendo o Filho de Deus, tinha poder sobre a vida e a morte. Ninguém poderia tirar-lhe a vida, se não tivesse disposto a entregá-la. "Ninguém ma tira de mim", disse ele, "mas eu de mim mesmo a dou; tenho poder para dar e poder para tornar a tomá-la". (João 10:18.) Foi, portanto, com atos de amor infinito e misericórdia que pagou vicariamente a dívida da violação da lei e satisfez os reclamos da justiça.

Somos devedores de Jesus, não só por haver satisfeito os reclamos da lei da justiça, mas também por efetivar a lei da misericórdia pela qual os homens podem ser redimidos da morte espiritual. Pois, embora não sendo responsáveis pela morte física, são-no pela morte espiritual, que os exclui da presença de Deus.

Todo homem que habita a terra está sujeito tanto às influências da justiça como às do maligno. Entretanto, é dotado do divino dom do livre-arbítrio moral; nenhuma pessoa, porém, que já viveu na terra até a idade da responsabilidade, exceto Jesus, foi capaz de não ceder às influências do maligno em todas as coisas. Todos pecam. Por isso, toda pessoa é impura na medida em que pecou; e, por causa dessa impureza, é banida da presença do Senhor, enquanto estiver sujeita aos efeitos de seus próprios erros.

Como sofremos essa morte espiritual em virtude de nossas próprias transgressões, não podemos reclamar livramento delas em nome da justiça. Tampouco homem algum tem poder para realizar uma reparação tão completa, a ponto de livrá-lo totalmente dos efeitos de seus próprios erros. Para o homem livrar-se das conseqüências de suas próprias transgressões e retornar à presença de Deus, ele precisa valer-se de uma mediação capaz de libertá-lo dos efeitos do pecado. Foi para esse propósito que a expiação de Jesus Cristo foi preparada e realizada.

Foi o supremo ato de caridade neste mundo, feito por Jesus em virtude de seu grande amor a nós. Por meio dele, não só satisfez os reclamos da justiça, que nos teria deixado eternamente maculados pelos efeitos de nossas próprias transgressões, mas efetivou a lei da misericórdia, pela qual todo homem pode ser limpo de seus próprios pecados.

Não importa em que cremos ou como vivemos, todos vamos ressuscitar, pois pela expiação de Cristo, toda alma tem garantida, incondicionalmente, a redenção da morte. O mesmo não se dá, todavia com respeito ao perdão e redenção dos efeitos de nossas próprias transgressões. As únicas pessoas assim perdoadas e redimidas são as que aceitam e cumprem os termos prescritos pelo Redentor, colocando-se, com isso, ao alcance de seu sangue expiatório, com relação a seus próprios pecados.

Ele estabeleceu os termos do evangelho — o Evangelho de Jesus Cristo — que é a lei da misericórdia, cujo primeiro requisito é aceitar Jesus pelo que de fato é, nosso Redentor literal. Esta é a "fé no Senhor Jesus Cristo". (4ª Regra de Fé.) Segue-se o abandono dos pecados e a possível reparação. Isto é arrependimento.

Sem o cumprimento desses requisitos e demais princípios e ordenanças do evangelho, a pessoa fica fora do alcance do plano de misericórdia, sujeitando-se à lei da justiça, a qual exigirá que ela sofra pelos próprios pecados, exatamente como Jesus sofreu. (Vide D&C 19:16-18.) Pois, "aqueles que não exercem fé para o arrependimento, ficam expostos a todas as disposições das exigências da justiça; portanto, apenas sobre os que têm fé para se arrepender tem efeito o grande e eterno plano de redenção". (Alma 34:16.)

Contemplar a Expiação — que me assegura a ressurreição e me dá oportunidade de conseguir a remissão dos pecados através da fé, do arrependimento e fidelidade até o fim, — induz-me à mais intensa gratidão e apreço de que minha alma é capaz, e abre meu coração à mensagem: "Que assombro é, Oh! ele me amou, E assim me resgatou." ("Assombro Me Causa", *Hinos,* nº 62.) ■

Idéias para os Mestres Familiares

Alguns Pontos que Merecem Ênfase

Talvez queira ressaltá-los em sua mensagem de mestre familiar:

1. Quatro coisas foram requeridas de Jesus em seu ministério mortal. Ele nasceria na mortalidade; sofreria as dores de todos os homens, incluindo o sofrimento no Jardim do Getsêmani; daria a vida voluntariamente e levantar-se-ia novamente, quebrando as cadeias da morte.

2. Houve muitas testemunhas da ressurreição do Senhor. Após a ressurreição, ele se mostrou aos discípulos na Terra Santa e aos nefitas, na América. Ele também voltou a revelar-se em nossos dias.

3. Cristo redimiu o homem da morte física através da ressurreição. Ele também pode redimir o homem da morte espiritual, a qual ele mesmo acarreta com seus próprios pecados. A ressurreição é dada a todas as pessoas, incondicionalmente. Ao perdão e à redenção só fazem jus os que aceitam e cumprem os termos prescritos pelo Salvador — começando pela fé para o arrependimento.

4. Jesus pôde fazer esse sacrifício expiatório por ser imaculado e ter poder sobre a vida e a morte.

Sugestões para o Debate

1. Fale de seus sentimentos pessoais sobre a expiação. Como a expiação do Senhor afetou sua vida? Peça aos membros da família que compartilhem seus sentimentos.

2. Há escrituras ou citações neste artigo que a família poderia ler em voz alta e debater?

3. Seria preferível abordar este assunto depois de conversar com o chefe da casa? O líder do quorum ou o bispo tem uma mensagem para o chefe da família a respeito da missão do Salvador?

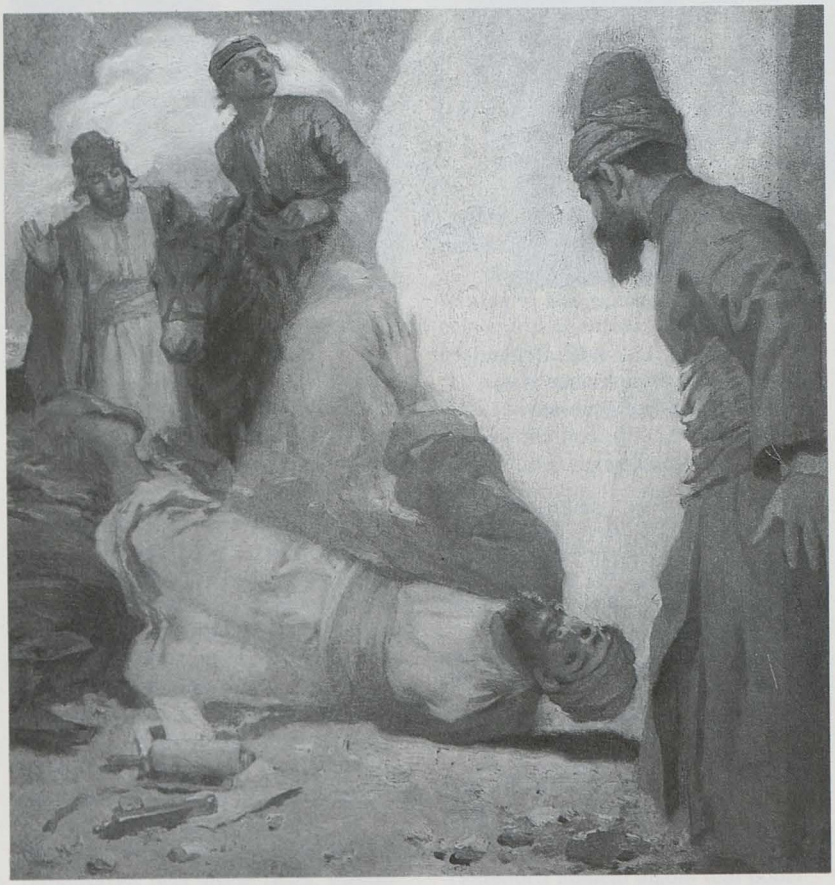
Jesus não só venceu a morte por si mesmo e realizou sua própria ressurreição gloriosa, mas... também operou uma ressurreição universal.

PROFETAS SEMELHANTES: PAULO E JOSEPH SMITH

Richard Lloyd Anderson

Paulo foi um profeta, Joseph Smith também. As evidências que apóiam o chamado profético de Paulo também corroboram o de Joseph Smith.

Esta conclusão é um resultado natural do cuidadoso estudo da vida desses dois grandes homens. Tal semelhança não pressupõe, é claro, que Joseph Smith fosse uma cópia exata de Paulo. Paulo não era um homem vistoso, ao passo que Joseph Smith impressionava muitos visitantes com sua estatura e porte. Paulo era um apóstolo missionário, enquanto Joseph Smith presidia os apóstolos e geralmente orientava a obra missionária, em vez de fazê-lo pessoalmente. Paulo teve a melhor educação que sua cultura podia proporcionar, ao passo que Joseph Smith foi criado na pobreza das regiões fronteiriças, sem instrução formal além da oitava série do primeiro grau.



A despeito, porém, de tamanhas diferenças pessoais, há semelhanças impressionantes. Pouco importa que um falasse inglês e o outro os dialetos hebraicos e grego, desde que ambos falassem inspirados pelo Espírito Santo. Como estamos abordando a questão do seu chamado, autoridade e revelação, equivalentes, somos forçados a ir além das aparências para chegar às realidades espirituais interiores.

A Primeira Visão

Tanto Paulo como Joseph Smith tiveram uma "primeira visão". Naturalmente as circunstâncias diferiram, mas a visão perto de Damasco e a visão no bosque de Nova York foram para estes dois homens orientação para uma vida inteira de serviço. Cristo apareceu a Paulo depois de haver pessoalmente aberto aquela dispensação, enquanto o Pai e o Filho apareceram a Joseph Smith para dar início à dispensação da plenitude dos tempos. Entretanto, as duas visões incluíram uma conversação com o Cristo ressurreto, e em ambas as ocasiões, os profetas foram mandados a mudar seu curso de vida e aguardar instruções posteriores do Senhor.

Muitos cristãos que aceitam normalmente a visão de Paulo, rejeitam a de Joseph Smith. Entretanto, não são consistentes em suas críticas, pois a maioria dos argumentos contrários à primeira visão de Joseph Smith desacreditariam igualmente a experiência de Paulo em Damasco.

Por exemplo, a credibilidade de Joseph Smith é atacada, porque a primeira descrição conhecida de sua visão data de doze anos após o acontecimento. A primeira descrição conhecida da aparição de Damasco, porém, encontrada em I Coríntios 9:1, foi registrada aproximadamente *vinte e quatro* anos depois de sua experiência.

Os críticos deleitam-se em apontar supostas inconsistências nos relatos espontâneos de Joseph Smith sobre sua primeira visão. Todavia, as pessoas em

geral recordam vividamente suas experiências com mais ou menos detalhes ao contá-las mais de uma vez. Joseph Smith relutava em expor publicamente sua sagrada experiência esperando que a Igreja se tornasse mais forte e ele pudesse publicar corretamente o que Deus lhe havia concedido. Assim, seu relato mais minucioso da primeira visão seguiu-se a diversos outros — quando começou a escrever sua história oficial.

Nisto, também se assemelha à experiência de Paulo. Seu relato mais completo da visão na estrada de Damasco é o último dos diversos registrados. (Ver Atos 26:9-20.) E este é o único exemplo conhecido, no qual ele menciona o detalhe da profecia do Salvador glorificado sobre a obra de Paulo entre os gentios. (Ver versículos 16-18.) Por que Paulo incluiu este pormenor só nessa ocasião? Provavelmente por estar-se dirigindo a um *público gentio*, em lugar de um grupo de cristãos judeus. Tanto Paulo como Joseph Smith tinham razões para omitir detalhes da visão até a chegada do tempo e lugar apropriados.

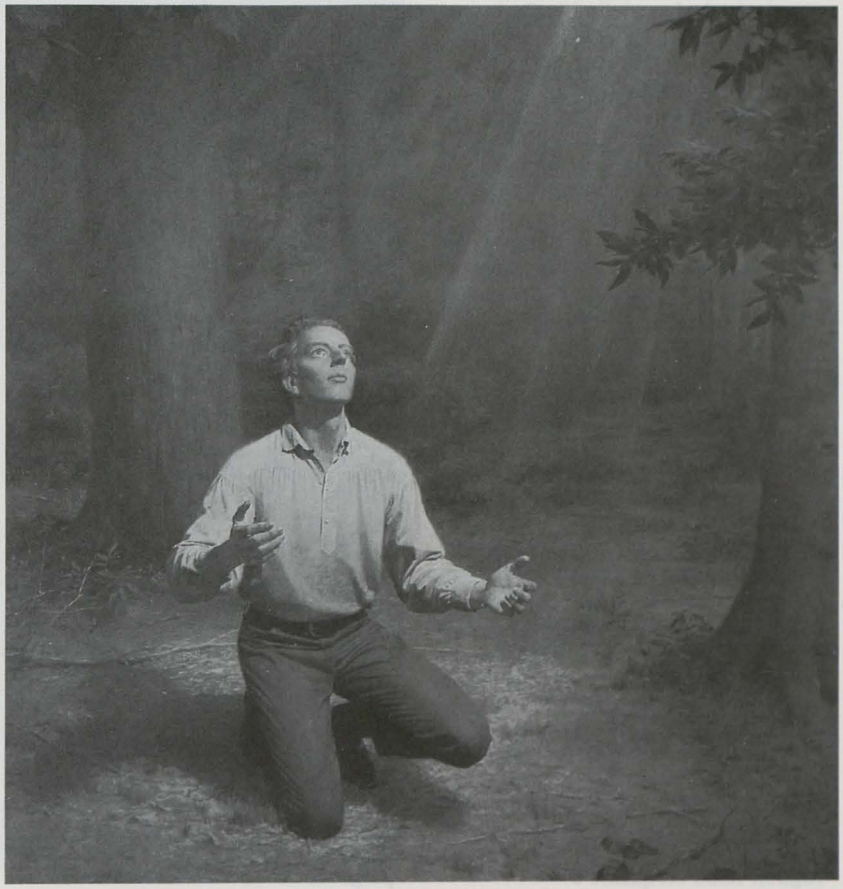
Profetas

A primeira visão de Paulo e de Joseph Smith ressalta o caráter direto de seu contato divino. Ambos estiveram literalmente na presença do Senhor ressurreto e ambos receberam orientação específica. Paulo conta que, depois da primeira visão viu o Senhor mais quatro vezes no decorrer dos vinte e cinco anos seguintes. (Atos 22:17-21; II Coríntios 12:1-4, inferência; Atos 18:9-10 e Atos 23:11.) Joseph Smith relata que viu o Senhor diversas outras vezes nos quinze anos seguintes à primeira visão. (D&C 76:22-24; 137:2-3;110:1-10.) Nenhum dos profetas caiu na armadilha do impostor de reivindicar excessivas experiências sagradas.

Ambos sabiam que tinham autoridade para representar Deus. Seus comentários estão repletos do conhecimento pessoal de sua autoridade para falar em nome do Salvador. Quando foi desafiado, Paulo respondeu: "Não sou eu apóstolo?... Não vi eu a Jesus Cristo Senhor nosso?" (I Coríntios 9:1.) E Joseph Smith declarou: "Eu tinha realmente visto uma luz, e no meio da luz vi dois Personagens, e eles em realidade falaram comigo: e ainda que perseguido e odiado por dizer que eu tivera uma visão, entretanto era verdade... Porque havia visto uma visão; eu o sabia, e compreendia que Deus o sabia, e não podia negá-lo, nem ousaria fazê-lo; pelo menos eu sabia que, procedendo assim, ofenderia a Deus, e estaria sujeito à condenação." (Joseph Smith, História 1:25.)

Embora fosse dado aos dois profetas grande discernimento doutrinário, eles evitaram outra armadilha comum a impostores: Não afirmavam conhecer todas as respostas. Paulo destruiu a arrogância dos coríntios, comparando o conhecimento humano à compreensão de uma criança: "Porque em parte, conhecemos, e em parte profetizamos." (I Coríntios 13:9.) E várias das declarações de Joseph Smith acerca de julgamentos e da Segunda Vinda refletem seu comentário de 1839: "Não sei quando estas coisas acontecerão."[1]

Tanto Paulo como Joseph Smith foram considerados blasfemos por seus contemporâneos. Seu pecado? Fazer acréscimos às escrituras tradicionais. Por esta "ofensa", Paulo foi



Os ensinamentos de Paulo e Joseph Smith concordam entre si — e diferem do mundo cristão — porque eles receberam pessoalmente revelação verdadeira.

considerado anti-judaico, e os seguidores de Joseph Smith são hoje rotulados de não-cristãos. Paulo e Joseph Smith, entretanto estavam simplesmente fazendo o que todo profeta judeu e cristão havia feito: acrescentar um testemunho pessoal a revelações anteriores e transmitir a mensagem de Deus a uma nova geração.

Paulo demonstrou essa continuidade, declarando ao sumo conselho judeu que estava sendo julgado por crer no que outros fariseus acreditavam: Na realidade da ressurreição. (Ver Atos 23:6.) A diferença no caso era que ele prestava um testemunho *pessoal*.

Quando os coríntios o desafiaram a respeito da ressurreição, ele não argumentou com eles sobre a possibilidade filosófica. Pelo contrário, respondeu às suas objeções só depois de insistir em que ele e outros sabiam por si mesmos, pois tinham visto com seus olhos. Se não há ressurreição, dizia ele, "somos também considerados como falsas testemunhas de Deus". (I Coríntios 15:15.)

Semelhantemente, durante a ressurreição em Filadélfia, Pensilvânia, em janeiro de 1840, na qual Joseph Smith e Sidney Rigdon testificaram em favor das indenizações aos santos dos últimos dias depois das perseguições no Missouri, o Irmão Rigdon falou eloqüente e minuciosamente das evidências bíblicas em defesa da Restauração; em seguida, porém, Joseph Smith virtualmente lançou-se ao púlpito para falar de sua experiência *pessoal*, de como Deus o chamara, "prestando testemunho das visões que tivera da ministração de anjos que havia desfrutado".[2]

A obra essencial de um profeta é testificar pessoalmente. E no caso dos profetas Paulo e Joseph Smith, eles o fizeram baseados na condição de testemunhas oculares de Cristo.

Relance a Alguns de Seus Ensinamentos

Acesso à revelação. Na época dos profetas primitivos e seus contemporâneos, não existia a forte distinção entre o clérigo e o homem comum. Os apóstolos do Novo Testamento tinham claramente uma posição de liderança especial do ponto de vista de autoridade e revelação doutrinária; mas, quanto à participação na inspiração de Deus, eles convidavam todos a se batizarem e receberem o Espírito Santo pela imposição das mãos, participando assim dos dons do Espírito. Embora corrigisse os excessos, Paulo encorajava os santos primitivos a procurar "com zelo os dons espirituais,... principalmente o de profetizar". (I Coríntios 14:1.) Ele deixou uma visão muito impressiva do acesso de todas as pessoas à revelação através do Espírito Santo: As coisas de Deus só nos podem ser reveladas "pelo seu Espírito", o qual penetra "as profundezas de Deus". (I Coríntios 2:10.)

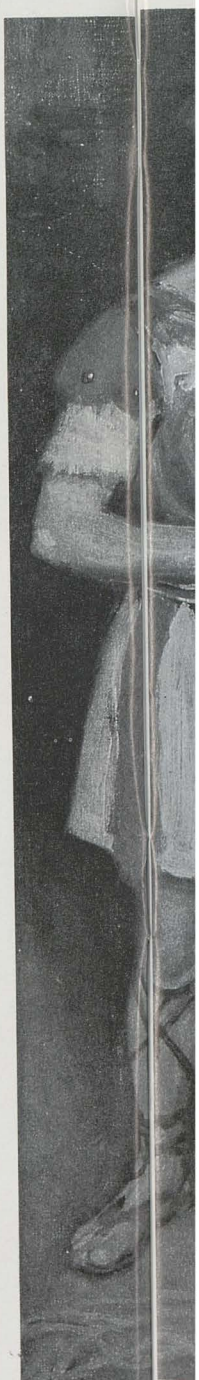
A semelhança entre os ensinamentos de Paulo e os de Joseph Smith é clara. Numa carta ao seu tio, Silas Smith, que ainda não se havia filiado à Igreja, ele afirma que as revelações aos primitivos servos de Deus eram a *história* da religião, não a religião. A verdadeira religião exige comunicação presente com Deus. As grandes respostas de Deus aos líderes bíblicos foram realmente convites para buscar aquelas respostas de novo. Joseph pergunta ao tio: "E não tenho eu privilégio igual ao dos antigos santos? E o Senhor não ouvirá minhas orações e escutará meus clamores tão depressa quanto sempre atendeu os deles, se eu o buscar como eles o buscavam?"[3] Nenhum verdadeiro servo de Deus ensina que passou o dia de revelação contínua.

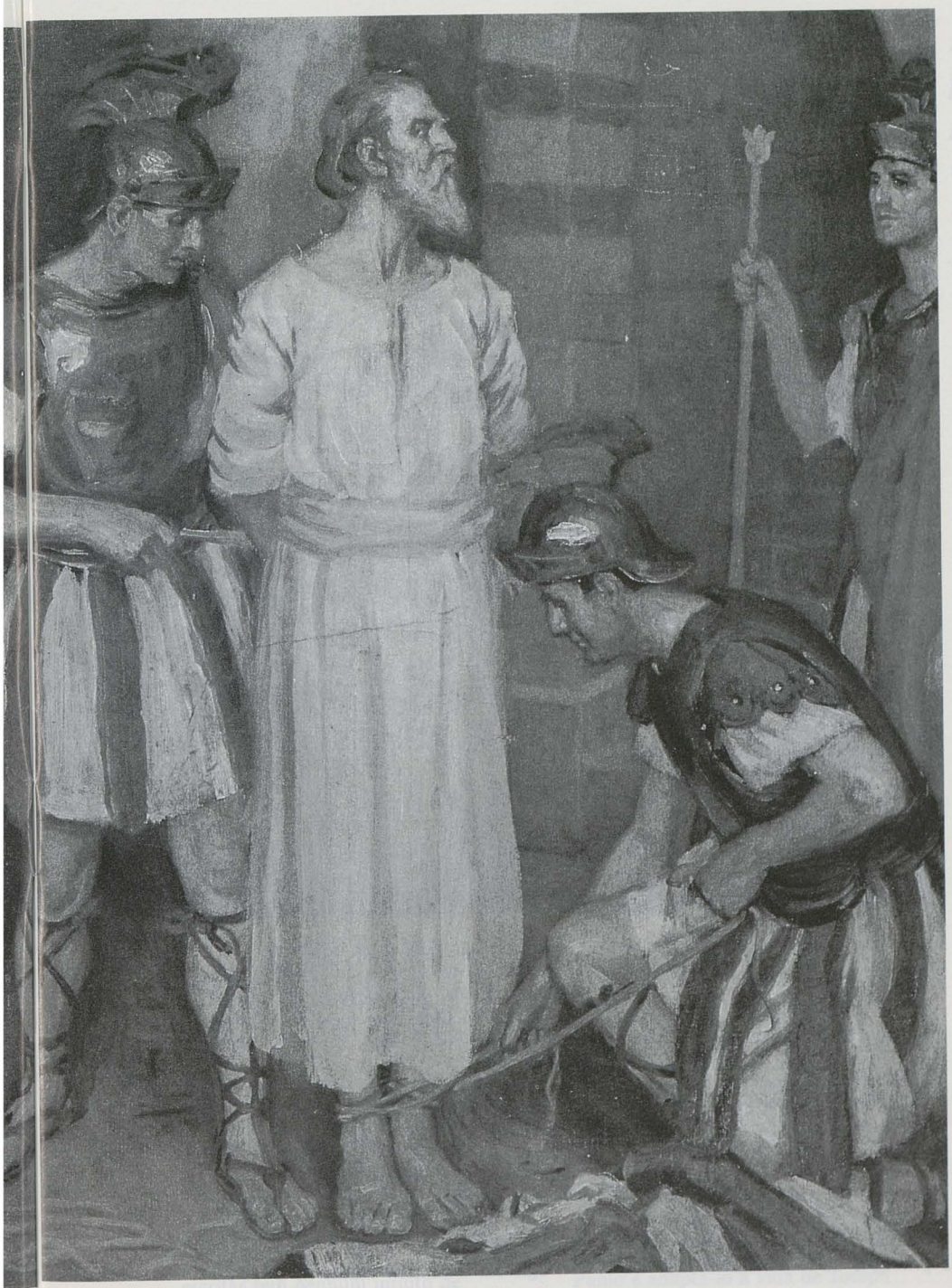
Numa meia dúzia de outras ocasiões, Joseph afirmou ser um profeta, acrescentando, porém, nas palavras de Apocalipse 19:10, que qualquer outra pessoa que conseguisse um testemunho de Jesus, desfrutaria também da profecia "porque o testemunho de Jesus é o espírito de profecia".[4] Isto é, se todos pagarem o preço para ter a companhia do Espírito Santo, poderão ser profetas. E deu um conselho prático de como identificar esses sutis mas poderosos influxos espirituais: "A pessoa pode beneficiar-se ao perceber a primeira insinuação do espírito de revelação", aconselhava. "... Quando sentir inteligência pura brotando dentro de si — isto poderá dar-lhe súbitos acessos de idéias."[5]

Esses ensinamentos parelelos mostram que os verdadeiros profetas não procuram fechar-se em grupo exclusivo, mas sim conduzir todos ao mesmo poder que Deus compartilhou com eles.

O destino do homem. As revelações concedidas a Paulo e a Joseph Smith nos falam de nosso destino pessoal. Não existe nada mais empolgante que a auspiciosa cena dos três graus de glória na visão de Joseph Smith, registrada em Doutrina & Convênios, Seção 76. O mundo cristão não conhece coisa alguma desses graus de glória; acredita somente num céu superficial e num lúgubre inferno. Entretanto, Paulo fala de si mesmo em humildade como "um homem em Cristo" que "foi arrebatado até o terceiro céu" para ver coisas gloriosas. (Ver II Coríntios 12:2-4.) E comparou a ressurreição dos mortos a corpos "celestes" e "terrestres", os quais diferem em glória como o sol, a lua e as estrelas são diferentes. (Ver I Coríntios 15:40-42.)

Os ensinamentos de Paulo e Joseph





Smith concordam entre si — e diferem do mundo cristão — porque eles receberam pessoalmente revelação verdadeira. Nas palavras de Joseph: "Quando alguma pessoa recebe uma visão dos céus, ela vê coisas em que nunca havia pensado antes."[6]

Amor. Conheço uns poucos profetas que ensinaram o significado do amor melhor do que Paulo e Joseph Smith. Na verdade, a autenticidade de seu próprio e abnegado amor confirma a validade dos seus ensinamentos sobre o assunto.

Não há quase necessidade de se comentarem as palavras de Paulo sobre o amor celestial encontrado em I Coríntios, capítulo 13, ou seu cuidado paterno para com os conversos — fiéis ou rebeldes.

A vida de Joseph Smith exibe o mesmo cuidado experimentado pelo próximo. Por exemplo, ele poderia ter escapado antes de ser confinado na Cadeia de Liberty, mas não o fez por temer represálias aos santos.[7] Depois de garantida a segurança deles pela dispersão do populacho e ter início a migração, ele tentou escapar da cadeia por três vezes, todas de forma criativa, mas só o conseguindo na última. E no fim, Joseph voltou da margem oposta do Mississippi, dizendo que, se sua vida não tinha valor para seu povo, não tinha nenhum para ele. Os documentos históricos referentes a essa decisão provam que ele se expôs conscientemente ao perigo de ser assassinado para evitar que a turba enraivecida fosse procurá-lo em Nauvoo, e, assim, proteger o povo.[8] Vezes sem conta Joseph colocou sua segurança em segundo plano, e o bem-estar de sua família e dos santos dos últimos dias em primeiro.

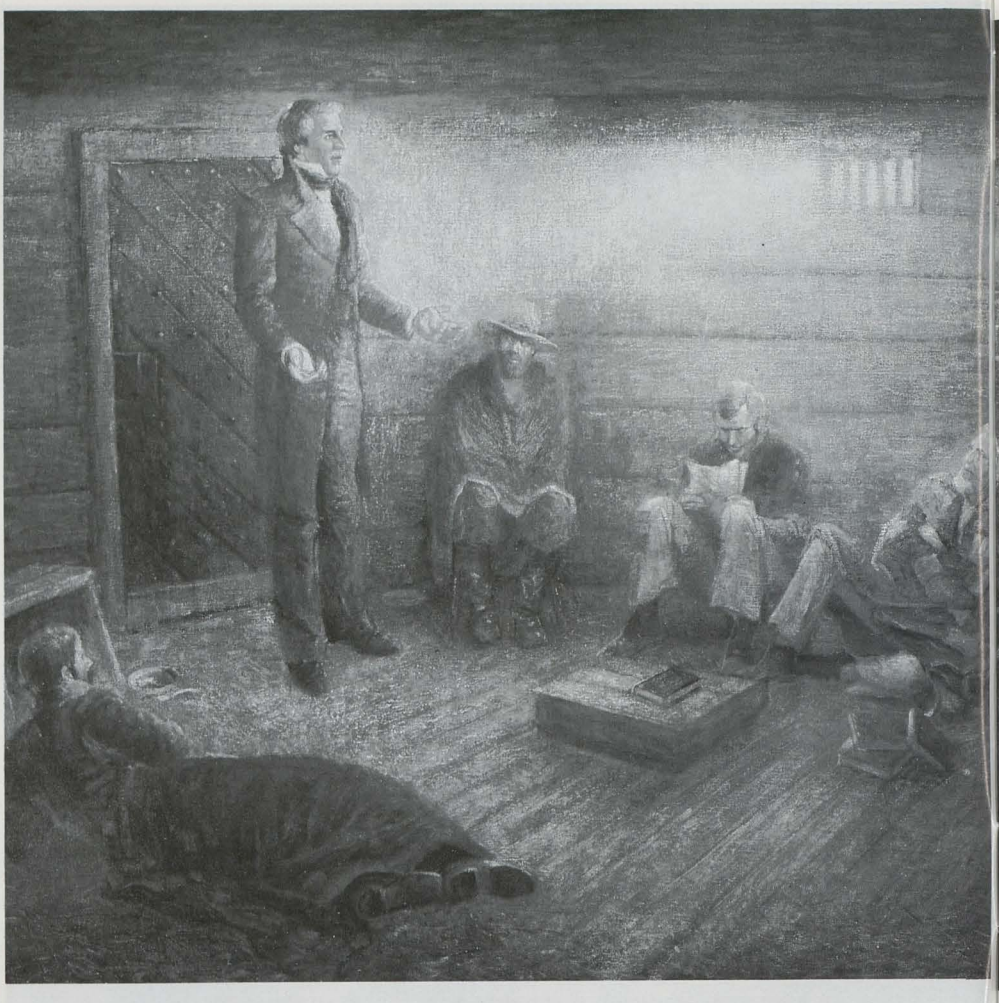
Por conseguinte, há substância em seus ensinamentos em Nauvoo sobre o amor. Seus comentários diante da Sociedade de Socorro, embora talvez expressos de modo canhestro, foram divinos em conteúdo: "Quanto mais nos achegamos ao nosso Pai Celestial, tanto mais dispostos estamos a olhar com compaixão as almas que perecem, para tomá-las sobre nossos ombros e

atirar seus pecados para trás de nossas costas.''[9] Antes, ele havia escrito aos Doze, que estavam deixando seus lares para pregar o evangelho: ''O homem cheio do amor de Deus não se satisfaz em abençoar apenas sua família, mas corre pelo mundo, ansioso por abençoar toda a família humana.''[10]

Joseph Smith permitiu um de seus mais reveladores vislumbres de seu íntimo apenas algumas semanas antes do martírio. Sua declaração de que ''nenhum homem conhece minha história'' é sua despedida de amor, ligando suas visões com sua ilimitada abnegação pessoal: ''Não sinto inimizade contra qualquer homem... pois amo todos os homens, especialmente estes meus irmãos e irmãs... Jamais conhecestes meu coração. Nenhum homem conhece minha história. Não posso fazê-lo. Jamais o farei. Não tivesse experimentado o que experimentei, não teria sabido por mim mesmo. Jamais causei mal a homem algum desde meu nascimento no mundo. Minha voz é sempre dirigida para a paz.''[11] Joseph está dizendo aqui que conheceu coisas maravilhosas; por isso, ele compartilhava. Sabendo que Joseph Smith e Paulo amavam, sinceramente, não posso acreditar que qualquer deles houvesse ludibriado alguém.

Graça e obras. Não é estranho que os tratados sobre a salvação apenas pela graça raramente citem Cristo e o Sermão da Montanha? Jesus termina o Sermão da Montanha com a advertência de que ouvir (ou ler) suas palavras sem colocá-las em prática, produziria uma catástrofe moral semelhante à casa que ruiu por não estar construída sobre um alicerce sólido. (Ver Mateus 7:24-27.)

Em meia dúzia de cartas, Paulo cita os pecados morais que nos afastam do reino de Deus, se não nos arrependermos, concluindo certa ocasião com estas palavras: ''Como já antes vos disse,... os que cometem tais coisas não herdarão o reino de Deus.'' (Galátas 5:21.) Que melhor prova de apostasia do que a mudança do cristianismo de uma religião de ação — baseada na crença da graça redentora de Cristo — para uma religião de crença apenas?



Joseph Smith também ensinou a importância da graça, misericórdia e amor do Salvador. ''E sabemos que a justificação pela graça de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo é justa e verdadeira'', ensinava. ''E sabemos também, que a santificação pela graça de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo é justa e verdadeira.'' Mas, consistente com os ensinamentos do Salvador e de Paulo, ensinava também o princípio da responsabilidade: ''A santificação pela graça de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo é justa e verdadeira, *para todos os que amam e servem a Deus com todo o seu poder, mente e força.*'' (D&C 20:30-31; grifo nosso.)

Não existe salvação fácil, e Joseph Smith consistentemente pregava a salvação baseada no domínio do nosso corpo para o bem. Como Paulo, ensinava que o pecado sem arrependimento não seria ignorado no dia do julgamento. Apelava a todos que pusessem sua vida em ordem e ''agissem retamente diante de Deus e



com todos os homens — então estaremos limpos no dia do julgamento''.[12]

A doutrina da importância das obras de maneira alguma diminui o papel da redenção do Salvador. Onde encontramos um relato mais pungente do sofrimento expiatório de Jesus Cristo em favor da humanidade, do que na revelação dada ao Profeta Joseph Smith: ''Sofrimento que me fez, mesmo sendo Deus, o mais grandioso de todos, tremer de dor e sangrar por todos os poros, sofrer tanto corporal como espiritualmente — desejar não ter de beber a amarga taça e recuar —

''Todavia, glória ao Pai, eu tomei da taça e terminei as preparações que fizera para os filhos dos homens.'' (D&C 19:18-19.)

Através de Joseph Smith foi restaurado o mesmo evangelho ensinado por Paulo, com sua garantia de sermos perdoados sob a condição de arrependimento, e sua promessa de que todo crente que obedecer aos mandamentos pode, através de Cristo, chegar à perfeição.

Espiritualidade e Sacrifícios Pessoais

As qualidades espirituais pessoais vistas tanto em Paulo como em Joseph Smith são impressivamente semelhantes. Ambos confiavam profundamente em Deus. As cartas do experimentado Paulo aos santos falam de constantes orações e de sua esperança de que eles orarão por ele. O grande milagre de se ver liberto da prisão por um terremoto, deu-se durante as orações de Paulo e seu companheiro. (Atos 16:25-26.)

Semelhantemente, as cartas, diários e discursos de Joseph Smith em Nauvoo estão repletos de orações pelas bênçãos de Deus sobre sua obra e os santos dos últimos dias, não se tratando de referências astutamente planejadas, mas de apelos espontâneos de um homem sincero. Sua proximidade com o Senhor também salta à vista em suas cartas pessoais à esposa, que foram escritas sem nenhum intuito de publicação. Para citar apenas um dentre numerosos exemplos, em 1832 ele lhe escrevia sobre um atraso em seu retorno ao lar, mencionando suas sinceras orações a Deus por perdão e bênçãos, e falando de Deus como seu amigo e consolo: ''Entreguei minha vida em suas mãos. Estou preparado para partir ao seu chamado. Desejo estar com Cristo. Minha vida não tem valor para mim, apenas fazer sua vontade.''[13]

Os sacrifícios pela obra caracterizam a missão desses dois homens. Quando os coríntios duvidaram da ressurreição, Paulo simplesmente lhes perguntou por que ele levaria uma vida de desconforto, arriscando-a a todo momento por algo não verdadeiro. Numa ocasião, ele enumera algumas das adversidades que havia sofrido em seu ministério:

''Recebi dos judeus quarenta açoites menos um.

''Três vezes fui açoitado com varas, uma vez fui apedrejado, três vezes sofri naufrágio, uma noite e um dia passei no abismo;

''Em viagens, muitas vezes, em perigo de rios, em perigo de salteadores, em perigo dos da minha nação, em perigo dos gentios, em perigo na cidade, em perigo no deserto, em perigo no mar, em perigo entre os falsos irmãos;

''Em trabalhos e fadiga, em vigílias muitas vezes, em fome e sede, em jejum muitas vezes, em frio e nudez.

''Além das coisas exteriores, me oprime cada dia o cuidado de todas as igrejas.'' (II Coríntios 11:25-28.)

Joseph Smith também provou sua sinceridade pelo sacrifício. Escrevendo à Igreja durante as injustas tentativas de aprisionamento que o mantiveram escondido dentro e fora de Nauvoo durante meses, ele também recorda: ''A inveja e a ira dos homens têm sido a minha sorte todos os dias da minha vida... e como Paulo, eu me glorio na tribulação.'' (D&C 127:2.) De fato, embora o Profeta não resumisse todas as suas provações, qualquer historiador poderia facilmente tomar o formato de Paulo e adaptá-lo à vida de Joseph

A obra essencial de um profeta é testificar pessoalmente. E no caso dos profetas Paulo e Joseph Smith, eles o fizeram baseados em sua condição de testemunhas oculares de Cristo.

Smith, como o próprio Joseph fez na Cadeia de Liberty, referindo-se aos fardos de sua vida. (Ver D&C 122:5.)

Por exemplo, um sem-número de vezes cristãos professos apontaram-lhe armas com ameaças de morte. Uma vez ele foi espancado, coberto de alcatrão e penas, e largado inconsciente. Quando a serviço do Senhor, duas vezes cavalos em disparada colocaram sua vida em perigo. Enveredou por estradas secundárias e vadeou pântanos para escapar aos inimigos. Pelo reino suportou anos e anos de incômodas viagens por terra, bem como se arriscou em muitas viagens de barco pelos rios. Enfrentou anos de injustas ações legais, que tornaram seu próprio lar um lugar inseguro, e ficou preso um longo inverno, numa sórdida cadeia, por acusações não comprovadas. Ao mesmo tempo, manteve a responsabilidade de liderar a Igreja, preocupando-se, orando e planejando o bem-estar de sua família e demais santos.

Por que Paulo e Joseph Smith fizeram tais coisas? Porque conheciam positivamente a veracidade do evangelho, da ressurreição e do julgamento. Joseph explicou que as constantes perseguições por falar de suas visões, o fizeram sentir-se "como Paulo... no entanto, poucos acreditaram nele; alguns diziam que ele era desonesto, outros que estava louco; e foi ridicularizado e injuriado. Mas tudo isto não destruiu a realidade de sua visão. Ele tivera uma visão, sabia que a tivera e toda a perseguição debaixo do céu não poderia mudar o fato; e ainda que o perseguissem até a morte... Assim era comigo". (Joseph Smith 2:24-25.)

Martírio

Tanto Paulo como Joseph predisseram que estariam seguros nas primeiras perseguições, mas também previram corretamente a própria morte. Em sua última epístola, dizia Paulo: "Porque eu já estou sendo oferecido por aspersão de sacrifício, e o tempo de minha partida está próximo." (II Timóteo 4:6.)

Já em 1842, Joseph dissera que sua obra estava virtualmente terminada e que poderia morrer a qualquer hora. Em 1844, concordou em ser preso, dizendo sem rodeios ao Governador Ford em várias cartas, que o processo legal era um pretexto "até que algum vilão sangüinário encontrasse oportunidade para matar-nos". Jornais contemporâneos registram os presságios de Joseph a caminho de Carthage, e Willard Richards registrou as palavras do Profeta no dia do martírio: "Tenho sentido uma boa dose de preocupação quanto a minha segurança, o que nunca fiz antes — não pude evitá-lo."[15] Seu advogado não-mórmon lembra que, na manhã do martírio, Joseph disse "que não viveria para ver outro dia, tão certo estava de que seria assassinado, o que provou ser verdadeiro".[16]

Ao lermos os ensinamentos de Joseph Smith e as epístolas de Paulo, podemos ver o compromisso de cada profeta. Ambos eram homens absorvidos por sua missão. De sua obra, dizia Paulo: "Pois me é imposta essa obrigação; e ai de mim, se não anunciar o evangelho!" (I Coríntios 9:16.) Com a mesma convicção de urgência, Joseph Smith disse: "Se já não estivesse nessa obra e não fosse chamado por Deus, voltaria atrás. Não posso, porém, voltar atrás — não tenho dúvidas da verdade."[17]

Estes dois profetas que estiveram na presença de Jesus Cristo, sabiam da urgência de cada dia e da obra da eternidade que prosseguia ao redor deles. Sua vida testifica eloqüentemente da veracidade de sua mensagem — e de seu chamado como profeta. ■

Richard L. Anderson, professor de religião na Universidade Brigham Young, é pai de quatro filhos. Presentemente serve na presidência da Estaca BYU XI.

NOTAS

1. Andrew F. Ehat e Lyndon W. Cook, *The Words of Joseph Smith* (Provo, Utah: Religious Studies Center, Brigham Young University, 1980), p. 12. As citações deste trabalho, reproduzindo trechos do diário, poderão ser citadas com acréscimo de pontuação.
2. Parley P. Pratt, *Autobiography of Parley Pratt,* (Salt Lake City: Deseret Book Co., 1979), p. 298.
3. Joseph Smith a Silas Smith, 26 de setembro de 1833, Kirtland, Ohio, cit. Lucy Smith, *Biographical Sketches* (Liverpool, 1853), p. 208.
4. Ver exemplos em Ehat e Cook, pp. 10, 164, 230.
5. Ehat e Cook, p. 5.
6. Ibid. p. 14.
7. Ver Pratt, pp. 195-197, indicando sua detenção descuidada em Independence, Missouri, antes de ser preso sob forte guarda em Richmond e Liberty.
8. Ver Richard Lloyd Anderson, "Joseph Smith's Prophecies of Martyrdom", *Sidney B. Sperry Symposium, 26 de janeiro de 1980.* (Religious Instruction, Brigham Young University: Provo, Utah, 1980), pp. 9--10.
9. Ehat e Cook, p. 123.
10. De Joseph Smith aos Doze, outubro de 1840, Nauvoo, Illinois, cit. Dean C. Jessee, *The Personal Writings of Joseph Smith* (Salt Lake City: Deseret Book Co., 1984), p. 481, também cit. B. H. Roberts (ed.), *History of the Church of Jesus Christ of Latter-day Saints* (Salt Lake City: Deseret Book Co., 1978), 4:227.
11. Ehat e Cook, p. 355.
12. Ibid, p. 113.
13. Joseph Smith a Emma Smith, 6 de junho de 1832, Greenville, Indiana, orig. na Sociedade Histórica de Chicago, cit. Jessee, p. 239.
14. Joseph Smith a Thomas Ford, 22 de junho de 1844, cit. *History of the Church*, 6:540.
15. Willard Richards, Joseph Smith Journal, 26 de junho de 1844, ms. no Departamento Histórico SUD.
16. Col, J. W. Woods, "The Mormon Prophet" *Daily Democrat*, Ottumwa, Iowa, 10 de maio de 1885.
17. Ehat e Cook, p. 179.

PARA UM SACRIFÍCIO, BÊNÇÃO DOBRADA

Mary Ann Young

Como poderíamos ter tido um precioso bebê em nossas mãos e não tê-lo aceito? Como, depois de tantos meses de orações, súplicas e esperança?

Entretanto, um belo bebê havia nascido e decidíramos que ele não era para nós.

Enquanto lutávamos para controlar as emoções, refletíamos sobre a experiência que começara com um estranho telefonema um mês antes, numa noite em meados de janeiro.

Era uma noite calma em casa, mas todas as nossas noites eram calmas. Não havia nenhum arrulho de bebê no berço, nenhum brinquedo colorido, nenhuma sacola de fraldas pendurada na maçaneta da porta do quarto, aquelas coisas gostosas encontradas em casas onde há crianças.

Era tarde da noite, quando o telefone tocou naquela noite memorável. James, meu marido, atendeu e foi cumprimentado pela voz vagamente familiar de uma conhecida sua.

"Soube, por um amigo nosso, que você e sua esposa estão interessados em adotar um bebê, não é?" — indagou ela.

"Isso mesmo", respondeu James, "estamos muito ansiosos por adotar uma criança." Eu me sentei, surpresa. A conversa continuou e fiquei atenta às suas respostas, desejando poder ouvir a voz do outro lado da linha.

Quando James descansou o fone, sua mão estava tremendo, e a voz era nervosa e tensa. "Foi uma pessoa que conheci por intermédio de um colega de trabalho," explicou. "Ela diz que tem uma parente distante solteira que está para ter um bebê. A garota é jovem, está desempregada e não tem condições de cuidar da criança. Sua família não pode ajudá-la. Ela quer fazer o que for melhor para o bebê e pensa em cedê-lo para adoção."

Naquela noite, revivemos toda a esperança e emoção sentidas tantas vezes antes, quando pensávamos que teríamos um bebê.

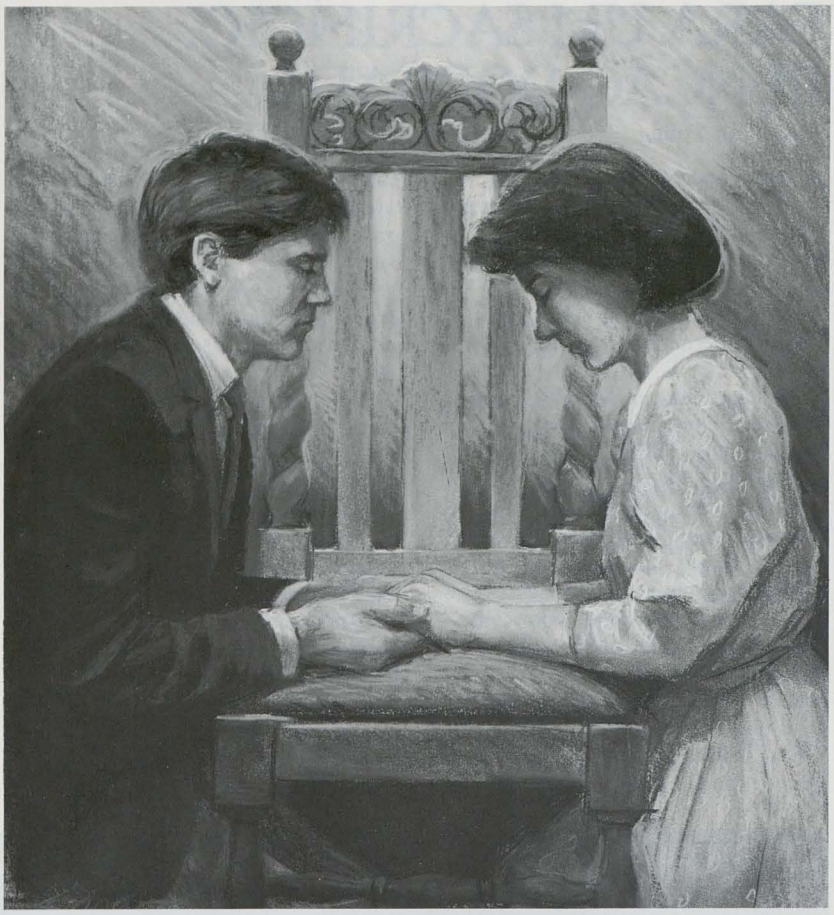
Mas as semanas se passaram sem mais notícias, e nosso otimismo ansioso foi-se desvanecendo. Falávamos sobre essa criança ainda não nascida todas as noites. Sabíamos que o telefonema trouxera falsas esperanças, mas continuamos orando e jejuando.

"Existem agências que cuidam de adoções", dizia James. "Certamente uma assistente social a contatará ou ela irá procurá-los. Provavelmente, seria mesmo o melhor para a futura mãe. As agências com assistentes sociais qualificadas poderão encontrar o melhor lar possível para crianças adotadas."

Ele não estava dizendo nada que ambos já não soubéssemos. Há meses já, estávamos em contato com uma assistente social de uma agência de adoções, e sabíamos que eles



Ilustrado por Scott Snow



prestavam um serviço muito necessário aos casais desejosos de adotar crianças e especialmente às garotas solteiras dispostas a cederem seus bebês para adoção.

A espera continuou durante a neve e frio de fevereiro e outras noites tranqüilas. O toque do telefone às duas da madrugada fez meu coração disparar. Assustada, levantei-me e, às apalpadelas, procurei o telefone no escuro.

"O James está?" — perguntou uma voz feminina.

"Sim, ele está. Está dormindo, mas vou acordá-lo." Quem quer que fosse devia precisar muito dele, ou não telefonaria aquela hora.

"Alô," tartamudeou James sonolento, depois ficou atento, respondendo às perguntas. "Sim, tudo bem. Não pensávamos que ela ainda estivesse... Nós a chamaremos amanhã." Ele deixou o telefone cair na cama, totalmente desperto. "Ela está tendo o bebê. Agora mesmo. Está em trabalho de parto e vai dar à luz logo. E espera que fiquemos com o bebê!"

Ambos ficamos sentados em silêncio, aturdidos. Alguém acabava de telefonar, dizendo simplesmente que tinha um bebê para nós. Agora! Naquele momento! James rompeu o silêncio. "Ela não foi a uma agência e não entrou em contato com uma assistente social. Pediu a essa sua parente que nos telefonasse novamente, dizendo que o bebê está para nascer e ela quer cedê-lo para adoção."

Subitamente, todas as preocupações a respeito de uma adoção particular que sempre caláramos vieram à tona no diálogo que tivemos naquela madrugada. Concluímos que, pela manhã, deveríamos falar com nossa assistente social e pedir seu conselho baseado em trinta anos de trabalho com adoções. Ajoelhamo-nos em oração, pedindo pela mãe desconhecida em trabalho de parto, por sua paz de espírito quanto à decisão que estava para tomar. Pedimos ao Pai Celestial que abençoasse o bebê prestes a nascer. Rogamos-lhe que nos abençoasse para sermos bem orientados em nossa decisão concernente à criança.

Naquela manhã, sentamo-nos e aconselhamo-nos com uma mulher muito sábia e amável, que dedicara anos de sua vida a serviço de mães e crianças. Ela escutou atentamente a história dos telefonemas inesperados e respondeu pensativamente. "Não posso e nem mesmo tentaria tomar a decisão por vocês", disse ela. "Tenho que deixar isto ao seu critério; posso somente oferecer-lhes minha experiência e ponto de vista. Sei o quanto anseiam ter uma criança e também que as agências freqüentemente exigem períodos de espera aparentemente insuportáveis para casais ansiosos. Vocês têm um 'bebê nas mãos', por assim dizer, e não posso prometer-lhes coisa alguma. Mas devo dizer-lhes que eu teria sérias preocupações quanto ao fato de James ser conhecido por uma parente da mãe do bebê." Ela fez uma pausa e pensou antes de falar. "Anos de experiência me ensinaram que geralmente é melhor para a criança que a identidade de seus pais naturais seja totalmente desconhecida.

"As agências de adoção, como sabem, fazem estudos extensivos tanto em relação à criança como aos pais em potencial, para determinar qual criança será mais adequada para cada família", continuou ela. "Seu caso não lhes permitiria esta vantagem, e vocês também não saberiam nada a respeito do histórico médico da criança."

Pensamentos, pontos de vista profissionais, temores e sabedoria foram ventilados numa conversa de duas horas.

No caminho para casa, ficamos ambos em silêncio. Havia uma tensão inegável no ar.

Em casa, ajoelhamo-nos em oração e eu soube a resposta antes que James me falasse sobre o que sentia. Não era a resposta que esperávamos receber. A criança não deveria vir para nossa casa. Mas, por quê? Parecia um milagre e estávamos prestes a recusá-lo.

"Sei que esse bebê não está designado a vir para nosso lar, para ser nosso", disse James. "Não recebi

aquela confirmação, aquela paz de espírito aliada às respostas positivas. Mas essa mãe espera que eu encontre um lar para o bebê. O bebê precisa de um lar, de um bom lar e precisa dele hoje."

James e eu conversamos longo tempo sobre o que seria melhor para a criança. Fizemos alguns telefonemas para amigos e profissionais que nos poderiam oferecer o melhor conselho. Naquela noite, James telefonou para a senhora que entrara em contato conosco, explicando-lhe brevemente por que não podíamos ficar com a criança; deu-lhe o nome de uma assistente social muito experiente que atenderia a jovem mãe de perto. Ela ligou e fez o contato. Dois dias depois, o menino foi colocado num lar especial onde ele seria amado e bem cuidado. Sabíamos que a criança estava a salvo em algum lugar, confortável e nos braços de pais que ansiavam por um filho. Ainda assim, ficamos sentados à beira da cama, depois de receber as notícias, pensando e lamentando. Mesmo enquanto nos questionávamos sabíamos que um Pai Celestial amoroso nos dissera, com discernimento e compreensão que excedem em muito nossas limitações humanas, que a criança não era para nós.

As noites do frio mês de março, passamos tranqüilamente em casa, trabalhando como de costume durante o dia. Por volta das oito horas da manhã de uma segunda-feira, James acordou cantando. Perguntei-lhe o que havia de tão maravilhoso naquela segunda-feira que me parecia ser apenas um dia de volta ao trabalho após um ótimo fim-de-semana. "Não sei", riu ele. "Apenas sinto que vai ser um bom dia."

Saí para o trabalho à hora de sempre, e estava excepcionalmente ocupada, quando o telefone tocou às nove e dez. "Alô, Mary Ann, aqui é Carol." Nossa assistente social! Eu teria reconhecido sua voz em qualquer lugar.

"Você acha que poderia arranjar uma folga suficiente para vir pegar seu bebê?"

Todos os que estavam por perto ouviram o grito de júbilo. Ninguém precisou perguntar o que era. "Um menino! É fantástico! Quando? Onde? Vou ligar para James imediatamente. Já estamos a caminho."

"Não desligue ainda," disse ela. "Preciso dar-lhe alguns pormenores e contar-lhe algo mais sobre o bebê." Eu estava tão entusiasmada, que mal conseguia escutar, mas, à medida que ia falando descobri que os poucos minutos a mais no telefone valeram a pena.

Entrei em contato com James. "Carol acabou de ligar. Você é papai! Ela tem um garotinho para nós. Ele já está lá, esperando que o apanhemos e o levemos para casa." Estava tão nervosa, que quase não conseguia falar.

"Carol falou-me do bebê exatamente como lhe estou contando. Sabe, e isto não é tudo, querido. Nosso menininho tem um irmão."

"O que você quer dizer com um irmão?" perguntou ele.

"Gêmeos," eu ri. "Você é o orgulhoso pai de gêmeos idênticos."

Uma corrida desbalada até a agência e subida apreensiva ao segundo andar, e lá, deitados juntos num berço de madeira com espaço de sobra, nossos lindos meninos!

Nossos gêmeos haviam nascido um dia depois do bebê que tivéramos oportunidade de adotar. No dia em que nos aconselhamos com nossa assistente social, nossos bebês encontravam-se no berçário de terapia intensiva, pesando menos de dois quilos cada um. Era estrita política da agência que os pais em perspectiva jamais fossem informados até que o bebê estivesse fora do hospital e pronto para a adoção. Carol e as outras assistentes sociais haviam-se reunido e nos escolhido como os pais para os gêmeos pouco antes de nascerem, mas nós não podíamos sabê-lo, até que tivessem nascido, ganho peso e pudessem deixar o hospital. Nossos meninos estavam no hospital, crescendo e esperando por nós durante dezessete dias, antes que recebêssemos o chamado da agência naquela gloriosa manhã de segunda-feira.

Havíamos esperado durante meses para adotar uma criança. Agora tínhamos de decidir se podíamos aceitar o bebê que nos estavam oferecendo.

Carter James e Jefferson Thomas foram selados a nós no templo depois de seis meses, período de espera exigido por lei. A alegria que trouxeram ao nosso lar é indescritível. Tanto James quanto eu sentimos intensamente que esses dois garotos louros e de cabelos lisos estavam reservados para nós.

Freqüentemente olho para os dois com ansiosa ternura, dando-me conta de que, se não houvéssemos escutado o conselho de nosso Pai Celestial, eles não estariam em nosso lar, e poderíamos ter perdido uma das maiores bênçãos que já recebemos. ■.

Mary Ann Young, enfermeira registrada e mãe de quatro filhos, é membro da Ala Edgemont I em Provo, Utah.



ÉLDER YOSHIHIKO KIKUCHI: INABALÁVEL NAS MUDANÇAS

Larry E. Morris

O Élder Kikuchi na escrivaninha, no Edifício dos Escritórios da Igreja na Cidade de Lago Salgado. O primeiro japonês nativo chamado a ser Autoridade Geral, ele foi apoiado membro do Primeiro Quorum dos Setenta em outubro de 1977.

Era outubro de 1977. Com o poslúdio tocado ao órgão, enchendo de música o Tabernáculo de Lago Salgado na Praça do Templo, o Élder Yoshihiko Kikuchi, recém-apoiado membro do Primeiro Quorum dos Setenta, encontrava-se perto da entrada, cumprimentando conhecidos. Um deles, presidente de estaca no Japão, apresentou-lhe um amigo seu, R. Gordon Porter, presidente de estaca na Cidade de Lago Salgado.

"Presidente Porter", disse o Élder Kikuchi, "o irmão não cumpriu missão no Japão?"

"Bem, cumpri, sim", replicou o Presidente Porter, imaginando como o Élder Kikuchi sabia disso.

Eles estavam ainda apertando-se as mãos, o Élder Kikuchi fitando o Élder Porter atentamente. "O irmão me confirmou membro da Igreja."

Incrédulo, o Presidente Porter procurou lembrar-se do seu tempo de missão no Japão. "Fazia quase vinte anos", comentou depois, "mas, enquanto apertávamos as mãos lembrei-me repentinamente daquele lar em Hokkaido, e revi o jovem *gakusei* (estudante) de pé, junto à porta, conversando com Delmont Law, meu companheiro sênior."

Esse encontro depois de duas décadas e a milhares de quilômetros, é um bom exemplo de como o evangelho afetou a vida de Yoshihiko Kikuchi, levando-o de uma mudança inesperada para outra. Durante todas essas mudanças, ele conservou-se humilde e fiel.

O passado do Élder Kikuchi dificilmente faria dele um provável candidato à conversão na Igreja. Nascido em 1941, foi criado no "país

da neve" rural de Hokkaido, a ilha mais setentrional do Japão. Os missionários SUD haviam deixado o Japão mais de dez anos antes de seu nascimento, por encontrarem pouco sucesso num país impregnado de tradições. Durante os anos trinta, enquanto o Japão se tornava cada vez mais militarista e antiamericano, desapareceram virtualmente os últimos traços da organização da Igreja.

Então, cinco meses depois do nascimento de Yoshihiko, houve o bombardeio de Pearl Harbor, no Havaí. E pouco antes do final da guerra, o pai de Yoshihiko — servindo nas tropas japonesas — morria num bombardeio do Japão. Poucos teriam esperado que um menino na situação de Yoshihiko viria filiar-se a uma igreja "americana".

"Eu tinha preconceito para com os americanos por causa da morte de meu pai", diz o Élder Kikuchi. "Quando atendi à porta naquele dia (em 1958) e vi dois americanos — empertigados com seus chapéus e sobretudos — naturalmente lhes disse: 'Não, muito obrigado.'"

Até mesmo conhecer os élderes como o fez, não teria acontecido normalmente, porque Yoshihiko deveria estar na escola. Mas ele estava-se recuperando de uma doença. Rapaz trabalhador, ele vinha estudando à noite e se levantava às quatro da manhã para trabalhar, a fim de ajudar a mãe no sustento da família. Esse regime rigoroso deixara-o completamente exaurido, e um dia ele desmaiou no trabalho. Depois da alta do hospital, ficara com seu tio e estava sozinho em casa, quando o Élder Law e o Élder Porter bateram à porta.

Assim como Yoshihiko teria normalmente estado em outro lugar naquele dia — fosse na escola, ou no trabalho — os élderes normalmente estariam de folga, porque aquele era seu dia de preparação. Mas, como não haviam encontrado muitos pesquisadores nas últimas semanas, foram bater às portas, porque o Élder Law fora inspirado a fazê-lo.

Quando Yoshihiko se negou a atendê-los, o Élder Law insistiu, dizendo que tinham uma mensagem importante para ele e que tomaria apenas alguns minutos. "Minha doença havia-me colocado numa posição de buscar a Deus", recorda o Élder Kikuchi, "e decidi deixá-los entrar. Eles contaram-me a história de Joseph Smith; fiquei muito impressionado."

"Yoshihiko impressionou-me por ser um jovem fora do comum", diz o Irmão Law, que agora vive em Mapleton, Utah. "Eu sabia que ele estava preparado para o evangelho."

"Sou grato que os élderes tenham andado a segunda milha," comenta o Élder Kikuchi. Hoje ele expressa freqüentemente seu apreço pelo trabalho dos missionários. "Quero dizer aos santos americanos o quanto aprecio meu testemunho", diz ele. "Quero especialmente que os irmãos e irmãs mais velhos saibam que aprecio profundamente o legado — e herança — que preservaram. Tenho conhecido membros da Igreja em Bend, Oregon; Salmon, Idaho; Tooele, Utah; e muitos outros lugares. Essas pessoas maravilhosas vivem uma vida simples, freqüentando a igreja fielmente toda semana. Eles talvez imaginem se estão realmente contribuindo para o reino do Senhor. Quero assegurar-lhes que estão. São pessoas fiéis que criam seus filhos em retidão e os mandam em missão. Quero que saibam que estão fazendo um trabalho maravilhoso para o Senhor."

Depois do contato com os missionários, o Élder Kikuchi transformou-se num "pesquisador de ouro", recebendo as palestras avidamente e até mesmo aparecendo na capela por iniciativa própria. Na primavera de 1958, poucas semanas depois de conhecer os élderes, ele foi batizado pelo Élder Law. A data era 6 de abril — aniversário da organização da Igreja.

Três anos depois, o próprio Yoshihiko era um missionário. Enquanto servia na ilha japonesa de Kyushu, teve uma experiência que provou ser significativa para sua vida. O Élder Gordon B. Hinckley, do Conselho dos Doze, visitava o Japão e falou numa conferência missionária de zona. Yoshihiko era o único élder japonês presente.

"Tivemos uma reunião de testemunho, e fui o último a prestar testemunho," conta o Élder Kikuchi. "Fiquei de pé e comecei a falar em japonês. Subitamente, senti-me tomado por um espírito muito cálido e, sem saber o que estava fazendo pus-me a falar em inglês. Não sei o que disse. Mas lembro a sensação maravilhosa que tive."

Depois que ele voltou ao seu lugar, o Élder Hinckley se levantou e proferiu uma bênção especial sobre o Élder Kikuchi. A partir daquele momento ele passou a interessar-se ativamente em aprender inglês, acreditando que seria importante para seu futuro trabalho no reino. Costumava carregar consigo um rádio transistor, imitando o que ouvia na rede de rádio das Forças Armadas dos Estados Unidos. "Sem a ajuda do Senhor, não teria aprendido. Agradeço-lhe por me ajudar," diz ele.

Sua fluência em inglês aumentou e, nos primórdios de 1970, enquanto



Yoshihiko Kikuchi aos seis meses, em 1941.

servia na presidência da Estaca Tóquio, freqüentemente era o intérprete quando Autoridades Gerais falavam nas conferências de estaca.

"Lembro-me muito bem de 'Kikuchi Kyodai' (Irmão Kikuchi)," conta um ex-missionário. "Ele ficava de pé, no púlpito, com a Autoridade Geral visitante, sempre ouvindo atentamente e depois dando a interpretação com a mesma ênfase e sentimento do orador. Sabe, ele nunca o faria levianamente."

Entre os líderes da Igreja aos quais o Élder Kikuchi serviu de intérprete, contam-se o Presidente Joseph Fielding Smith (quando um grupo de santos japoneses visitou a Cidade de Lago Salgado), Presidente N. Eldon Tanner, Presidente Spencer W. Kimball, Presidente Hinckley e outras Autoridades Gerais. Mas, de todas as relações do Élder Kikuchi com Autoridades Gerais, a mais freqüente e duradoura tem sido justamente a que teve início numa simples conferência de zona. O Presidente Gordon B. Hinckley e o Élder Kikuchi encontraram-se muitas vezes, enquanto o Presidente Hinckley fazia freqüentes viagens ao Japão; até agora já esteve lá aproximadamente quarenta vezes.

O Élder Kikuchi cumpriu missão de três anos e meio, incluindo uma extensão de seis meses como missionário proselitista de tempo integral e mais um período de doze meses como um missionário construtor. Menos de duas semanas depois de retornar para casa em 1964, ele casou-se com Toshiko Koshiya. Ela havia-se filiado à Igreja quando jovem — depois de dois anos de pesquisa — e

conheceu Yoshihiko não muito depois do batismo.

Com o casamento, deu-se outra importante mudança em sua vida — o jovem casal transferiu-se da tranqüila e tradicional área do Japão setentrional para a agitada metrópole "ocidental" de Tóquio. Yoshihiko tornou-se logo além de marido, pai, estudante universitário em psicologia aplicada a negócios, e mais tarde funcionário de tempo integral de uma firma de produtos domésticos e presidente do Ramo Oeste, que viria a ser posteriormente Ala III de Tóquio. Ele considera esse tempo como o período de maior crescimento em sua vida.

Tranqüila e modesta, a Irmã Kikuchi recorda aqueles dias com ternura: "Tivemos muitas bênçãos. Yoshihiko trabalhava arduamente cada minuto." Na realidade, a energia que demonstrara como jovem não havia diminuído; conseguia então umas quatro horas de sono por noite. "Ele nunca reclamava", continua a Irmã Kikuchi, não mencionando seu próprio esforço e fidelidade, ambos decisivos durante aquele tempo.

Quando completou trinta anos, o Élder Kikuchi parecia ter finalmente encontrado um estilo de vida estável: Ele e Toshiko eram pais de três filhas e um filho; ele estava servindo como presidente da Estaca Tóquio, com a família ainda residindo no "Ramo Oeste"; e tinha um excelente emprego como gerente regional de vendas para todo o Japão, numa firma internacional.

Outra mudança, porém, estava prestes a acontecer.

Um dia, em 1977, o Élder Kikuchi recebeu um telefonema do Élder Adney Y. Komatsu, do Primeiro Quorum dos Setenta — servindo na ocasião em Tóquio como supervisor de área — dizendo-lhe que o Irmão Arthur Haycock, secretário pessoal do Presidente Kimball, vinha tentando entrar em contato com ele. No mesmo dia, por volta de meia-noite, ele recebeu um telefonema do escritório da Primeira Presidência. O Presidente Kimball veio ao telefone, indagou a respeito de sua saúde e família, depois perguntou-lhe se estava planejando viajar para a Cidade de Lago Salgado para a conferência geral de outubro. Não, replicou o Élder Kikuchi, informando estar designado para ir à conferência uma vez ao ano, e havia ido seis meses antes.

"Entretanto, poderia vir?" perguntou o Presidente Kimball. "Gostaria de vê-lo. Quando chegar a Lago Salgado, por favor, entre em contato comigo."

Não recebeu nenhuma informação adicional.



Yoshihiko Kikuchi aos quinze anos (embaixo, à esquerda), posa com seus amigos e professores depois da formatura no ginásio.

O Élder Kikuchi aos dezenove anos, quando servia como missionário em Osaka, Japão.



Meio admirado e meio preocupado com a razão do chamado a Lago Salgado, o Élder Kikuchi fez apressados arranjos para partir, descobrindo então que seu passaporte havia expirado poucos dias antes. Seguiram-se vôos perdidos, (problema que os Kikuchi nunca tiveram antes ou desde aí), a perda da bolsa da esposa e uma série de problemas que fizeram o Élder e a Irmã Kikuchi chegarem tarde para a entrevista marcada com o presidente da Igreja. Eles ficaram com amigos naquela noite; a longa espera continuou.

Cedo, na manhã seguinte, encontraram-se finalmente com o Presidente Kimball, que muito gentilmente quis saber como estavam passando, bem como seus familiares. Então, disse-lhes por que haviam sido convidados a virem a Lago Salgado.

"Irmão Kikuchi — o Senhor o chamou para servir como Autoridade Geral."

Atônito, o Élder Kikuchi descobriu que mal podia falar.

"Presidente Kimball," ofegou, "sinto muito, mas poderia repetir isso?"

"O Senhor o chamou para servir como Autoridade Geral da Igreja."

Recordando aquele momento pungente, o Élder Kikuchi diz que ele e a Irmã Kikuchi "choramos e choramos. Estávamos tomados pela emoção."

Yoshihiko Kikuchi tornou-se assim a primeira Autoridade Geral nascida no Japão, juntando-se ao seu amigo e companheiro, Élder Komatsu, que nasceu no Havaí, de ascendência japonesa.

Embora o Élder Kikuchi aceitasse de boa vontade e com alegria esse chamado vindo de um profeta, ainda assim tinha dúvidas sobre sua capacidade de cumpri-lo.

"Nunca esperei ser chamado para tão grande responsabilidade," disse ele, no primeiro discurso de conferência geral. "Ainda me pergunto e ao Senhor: 'Por que eu, ó Senhor? Por que eu, ó Senhor?' Não obstante, ainda ouço no fundo do coração: Aonde mandares irei, Senhor, através de montanhas ou mar!" ("Por que Eu, Senhor?", *A Liahona*, fevereiro de 1978, p. 95.)

Exatamente como o primeiro contato do Élder Kikuchi com os missionários o levou a grande apreço por eles e seus pais, sua mudança de um pequeno ramo japonês para seu escritório da Cidade de Lago Salgado na sede da Igreja, tem tido uma influência muito grande sobre sua perspectiva.

"Para mim", diz ele, "é muito importante lembrar que o evangelho é tudo em minha vida, e esta é a Igreja de Jesus Cristo. Não é apenas para algumas raças ou nacionalidades; ela é internacional, universal, uma igreja para todos os povos."

Esta ênfase na universalidade do evangelho tornou-se um tema constante nos discursos do Élder Kikuchi:

"Que nós, membros desta Igreja verdadeira, tenhamos coragem suficiente para nos postar diante do mundo e proclamar esta grandiosa mensagem do evangelho eterno, o evangelho restaurado de Jesus Cristo, '...a toda nação, tribo, língua e povo...' (D&C 77:8.) Irmãos e irmãs, devemos ser a '... luz do mundo...' (Mateus 5:14.)" ("Enviar Missionários de Todas as Nações", *A Liahona*, março de 1980, p. 46.)

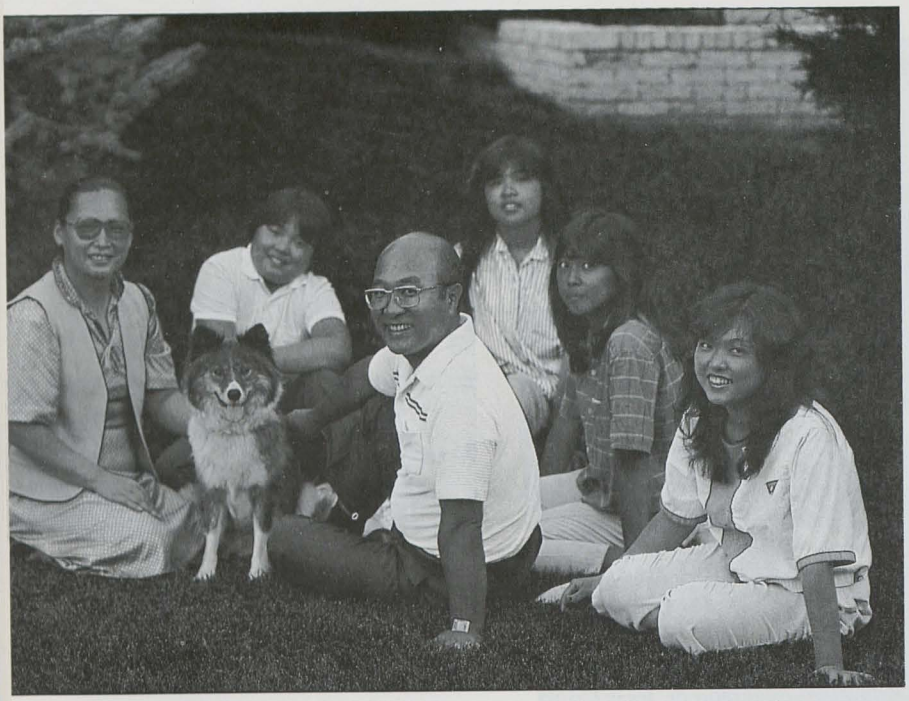
A designação atual do Élder Kikuchi, de conselheiro na presidência da Área Norte da Cidade de Lago Salgado (anteriormente ele era o administrador executivo da Área Granger/Murray) o levou para longe das reuniões de rua dos missionários, a que comparecia fielmente depois de seu batismo. Mas aqueles humildes inícios influenciaram-no fortemente, e no desempenho de seu chamado em Utah e onde quer que seja, ele continuamente ressalta estas duas idéias intimamente ligadas: Os membros da Igreja estão fazendo uma grande e maravilhosa obra, levando uma vida reta e verdadeira, e enviando em missão seus filhos e filhas; e é preciso lembrar-nos de que Cristo é o centro de nossa fé e que seu evangelho é para todos os povos, e tem de ser pregado a toda nação o mais rápido possível.



Toshiko e Yoshihiko Kikuchi com a filha mais velha, Sarah, no verão de 1966.

Pouco depois de seu batismo, o Élder Kikuchi tornou-se missionário para seu próprio povo. Mais tarde, passou a presidente de ramo, conselheiro de um presidente de missão, conselheiro de presidência de estaca e depois, presidente de estaca. Pouco depois de seu chamado como Autoridade Geral, sua área de serviço na Ásia foi ampliada; desta vez foi designado administrador executivo de área para o Japão e a Coréia.

Um dos presidentes de missão que serviram sob a direção do Élder Kikuchi foi R. Gordon Porter. "Ele me chamava ao telefone", recorda o Presidente Porter, "e dizia: 'Aqui fala seu pesquisador.'" O Presidente Porter acrescenta que virtualmente toda vez que conversavam, o Élder Kikuchi agradecia novamente o que ele e o Élder Law haviam feito. "Mas nós realmente não fizemos nada de especial", diz o Presidente Porter. "Como muitos missionários, estávamos simplesmente fazendo proselitismo em



A família Kikuchi hoje (da esquerda para a direita): Irmã Kikuchi, Matthew, Élder Kikuchi, Ruth, Renah e Sarah.

nosso dia de preparação.''

Ainda assim, aquela tarde de esforço extra resultou na conversão de um homem que tem tido oportunidade de influenciar muitos mais. A experiência de sua própria conversão ilustra duas verdades que o Élder Kikuchi preza muito: Que o Senhor opera através de pequenos meios e que a obra missionária tem um efeito multiplicador que pouco compreendemos.

O Élder Kikuchi serviu no Japão como administrador executivo de 1978 a 1982, e lá estava quando foram realizadas conferências de área em muitos lugares da Ásia e o Templo de Tóquio foi dedicado. Então veio outra mudança: Deixar Tóquio — a cidade outrora estranha que se tornara um lar — e dizer adeus à própria terra. A família Kikuchi mudou-se para a Cidade de Salt Lake, tendo que adotar um novo idioma e uma nova cultura. Basta apenas imaginar-nos partindo de nosso próprio país natal, para compreender os ajustamentos que tal mudança exige.

''O inglês é difícil'', diz a Irmã Kikuchi, que agora serve como regente de música e professora visitante da Sociedade de Socorro, ''mas estamos tendo uma experiência muito agradável aqui.''

Os filhos — Sarah, dezenove anos; Renah, dezesseis; Ruth, quatorze e Matthew, dez — enfrentaram bem a dificuldade de deixar o Japão e aprender uma nova língua. Eles agora freqüentam as mesmas escolas que seus muitos amigos americanos.

''A princípio tínhamos saudades de casa'', diz o Élder Kikuchi, ''mas agora estamos adaptados.'' Então, com um sorriso, ele acrescenta: ''Mas sentimos falta do *sashimi* (peixe cru).''

Ele e a Irmã Kikuchi ressaltam sempre aos filhos que o chamado do Élder Kikuchi é como outro qualquer; um chamado a ser cumprido fielmente, com os pensamentos voltados ao Senhor em lugar de qualquer senso de realização pessoal. ''Temos ensinado sempre aos nossos filhos que todo chamado na Igreja é importante, não importa qual seja; todos os chamados são do Senhor,'' diz a Irmã Kikuchi.

A família Kikuchi desfruta muitas atividades em conjunto, inclusive música, leitura, culinária, pesca e passeios de automóvel. O Élder Kikuchi aprecia o tipo de passatempos que se poderia esperar de um homem pensativo e meticuloso: jardinagem, pintura e carpintaria.

Agora, aos quarenta e poucos anos, ele já viveu uma vida notável, cheia de mudanças que nem ele nem seus familiares esperavam. Todavia, os sinais da influência do Senhor em sua vida são constantes e inconfundíveis, deixando-lhe um forte testemunho.

''Amo nosso Pai Celestial. Sei que Deus vive. Sei que existe um profeta de Deus vivo hoje, e o apóio com todo o coração. O Senhor vive e este é o seu evangelho. O Salvador Jesus Cristo é o centro de nossa vida. Eu o amo de todo o coração. É nele, por ele e através dele que podemos ser salvos.'' ■

"COM O SOM DE UMA TROMBETA"

Jeanne Newman

Talvez tenha levado uma vida de mimos, mas simplesmente não estou acostumada a ouvir que estou fadada a ir para o inferno. Na verdade isto aconteceu apenas uma vez, mas foi o suficiente para me levar a sérias reflexões que continuam até hoje.

Aconteceu quando deixei a Universidade Brigham Young, em Provo, Utah por um verão para trabalhar numa repartição do governo em Washington D.C. Um colega de trabalho era um rapaz particularmente brilhante e eloqüente, que não só trabalhava em período integral, mas também estava terminando os estudos de Direito. Ele não era membro da Igreja, mas vivera rodeado de membros por diversos anos. Provavelmente conhecia o aspecto teórico da doutrina até melhor do que eu, e seu conhecimento da Bíblia era soberbo. Tivessem nossas conversas alguma vez degenerado em discussão, sua arguta mente e língua de advogado teriam arrasado meu ego inexperiente. Penso que conseguir isso era realmente o seu intento, pois deleitava-se em fazer perguntas destinadas a me confundir, e seus ataques à Igreja eram bem planejados e habilidosamente executados. Suas intenções tornaram-se claras, quando, depois de um longo debate, ele comentou: "Não consigo nem mesmo fazê-la chorar, não é?"

Para ser honesta, ele me fez chorar uma vez, ou no mínimo eu chorei em sua presença. Mas não foi absolutamente por me sentir frustrada ou derrotada. Isto nunca foi problema porque, quanto pior o ataque, mais eu sentia o Espírito me amparando e confirmando a validade de meu testemunho, e enchendo-me com uma calma que apagava qualquer desejo de retrucar na mesma moeda.

As lágrimas vieram depois de uma conversa na qual explicara suas principais objeções à Igreja. Ele achava que o homem é salvo pela graça. O Salvador expiou nossos pecados, acreditava ele, e tudo o que é requerido de nós, é que acreditemos no Senhor e o aceitemos como nosso Salvador. Meu amigo afirmou ter um relacionamento pessoal com Cristo; assim, nada mais lhe era exigido para salvar-se. Por outro lado, os santos dos últimos dias, alegava ele amargamente, não têm nenhum apreço a Cristo ou pelo que ele fez. A crença deles em outros requisitos além da fé, tais como batismo e guardar os mandamentos, avilta a expiação de Cristo implicando que o mesmo é insuficiente para salvar o homem. As crenças mórmons, afirmava, são quase blasfemas. Poderia pensar em muitos adjetivos para descrevê-los, mas *cristãos* definitivamente não estava na lista. E esta, me dizia, era a razão pela qual eu iria para o inferno.

Ao ouvir tal condenação, ocorreram-me muitas respostas possíveis. Poderia dizer que Cristo instituíra a ordenança do batismo e ele próprio foi batizado; que foi ele quem mais pregava a necessidade de guardar os mandamentos. Poderia dizer que um de seus próprios discípulos disse que "a fé sem obras é morta". (Tiago 2:20.) Eu, porém, não disse nada disso, mas, quando o meu amigo fez uma pausa para recuperar o fôlego, simplesmente olhei para ele e disse: "O Salvador é mais importante que qualquer outra coisa em minha vida." E então prestei testemunho de Jesus Cristo. Falei-lhe do meu amor ao Salvador e do meu conhecimento de que ele me ama. Disse-lhe como a expiação do Salvador era a única coisa que dava propósito à minha vida; que o Evangelho de Jesus Cristo era a única âncora que eu tinha para me apegar, quando tudo o mais parecia determinado a me abater. Disse-lhe que toda a minha vida se concentrava em procurar viver o evangelho do Senhor e que eu realmente tinha um testemunho pessoal de Jesus Cristo, o Filho de Deus. Estou certa de que não falei eloqüente ou impressivamente, mas foi quando me vieram as lágrimas.

Quando terminei de falar, aconteceu uma coisa surpreendente; meu amigo, tão habilidoso no falar, ficou calado por vários momentos. Quando ele falou, sua voz havia diminuído consideravelmente de volume, passando a um tom moderado e suave: "Você é a primeira pessoa mórmon" disse ele, "que realmente me prestou testemunho de Jesus Cristo."

Somos membros da Igreja de Jesus Cristo. Esta é a sua igreja. Em nosso batismo fizemos convênio de "servir de testemunhas de Deus em qualquer tempo, em todas as coisas e em qualquer lugar... mesmo até a morte." (Mosiah 18:9.) Então, por que eu tive um amigo que vivera, trabalhara e convivera socialmente com santos dos últimos dias por muitos anos sem nunca ter ouvido um testemunho de Jesus Cristo? O caso de meu amigo pode ser único e certamente espero que o seja. Mas minha experiência com ele, deixou-me muito mais cônscia de nossa sagrada obrigação se sermos testemunhas valentes e francas de nosso Senhor e Salvador, Jesus, o

Cristo.

Certamente não nos falta motivo para testificar dele jubilosamente. Ele é o Criador: "Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez." (João 1:3.)

Ele é "a luz que está em tudo, e dá vida a tudo, que é a lei pela qual todas as coisas são governadas, sim, o poder de Deus que se assenta sobre o seu trono, e está no seio da eternidade, e no meio de todas as coisas.

"Ele compreende todas as coisas, todas as coisas estão diante dele, e todas as coisas estão em seu derredor; ele está acima de todas as coisas, e em todas as coisas, através de todas as coisas, e em derredor de todas as coisas; e todas as coisas são dele, e por meio dele, mesmo Deus, para todo o sempre." (D&C 88:13, 41.)

Ele é "Alfa e Ômega... o princípio e o fim, o Redentor do mundo". (D&C 19:1.)

É ele "o qual é imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação;

"E ele é antes de todas as coisas, e todas as coisas subsistem por ele.

"E ele é a cabeça do corpo da Igreja: é o princípio e o primogênito dentre os mortos, para que em tudo tenha a preeminência.

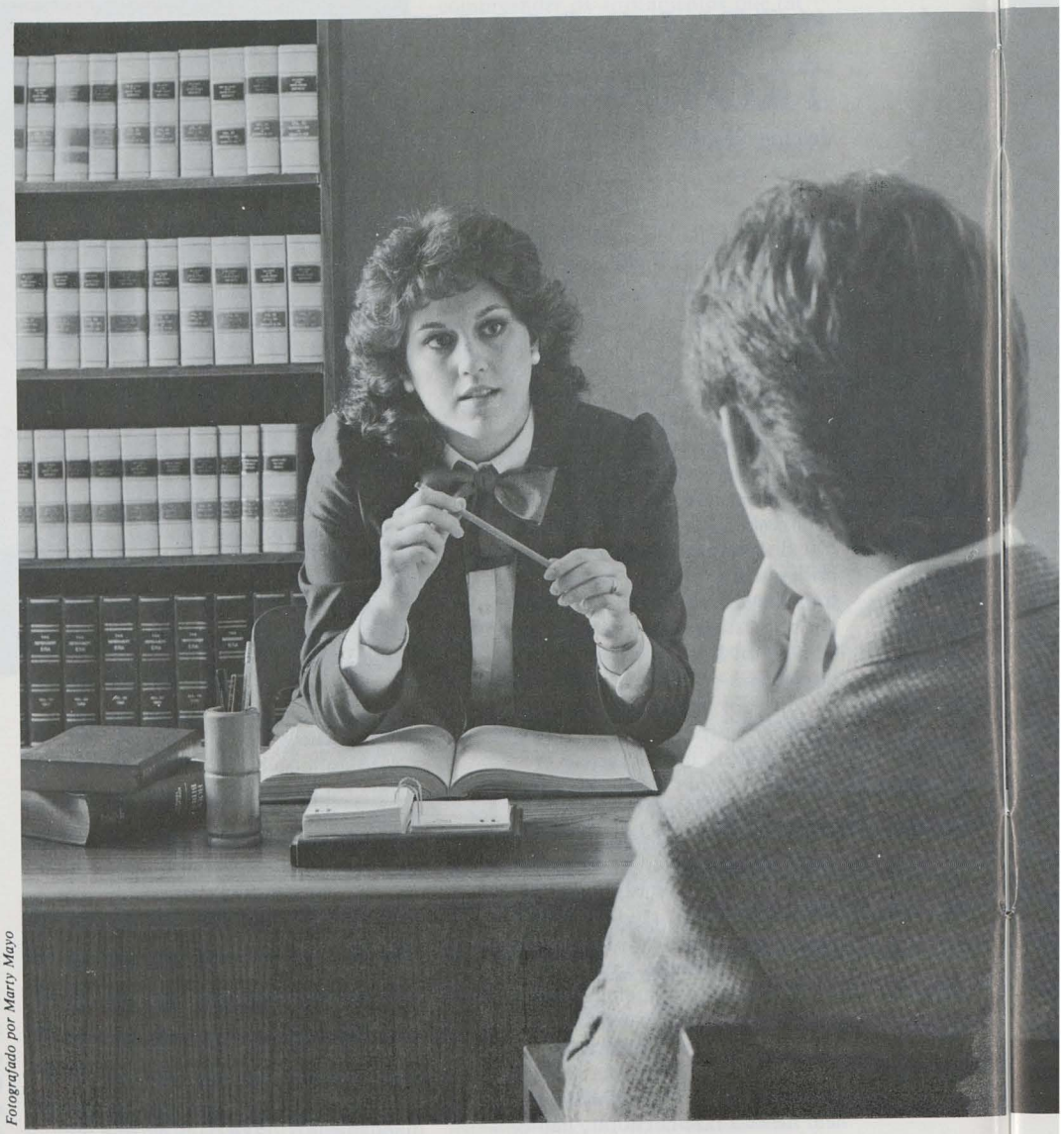
"Porque foi do agrado do pai que toda a plenitude nele habitasse." (Colossenses 1:15, 17-19.)

Ele é o que "tira o pecado do mundo" (João 1:29) e nos salva da destruição. Sem ele, a "carne não mais se levantaria" e estaríamos "à mercê daquele anjo que caiu da presença do Eterno Deus, e se tornou o demônio...

"E nossos espíritos deveriam tornar-se como ele, e nós nos tornaríamos demônios, anjos de um demônio, para sermos afastados da presença de nosso Deus, permanecendo com o pai das mentiras, em miséria, como ele." (2 Néfi 9:8-9.)

Mas, por causa de nosso Salvador, este não precisa ser nosso fim. Por causa dele, podemos arrepender-nos e ser perdoados, pois ele pagou o preço de nossos pecados. Sofreu tamanha angústia que o fez, "mesmo sendo Deus, o mais grandioso de todos, tremer de dor e sangrar por todos os poros, sofrer, tanto corporal como espiritualmente". (D&C 19:18.) Ele sofreu "estas coisas por todos, para que, arrependendo-se não precisassem sofrer". (D&C 19:16.)

É somente através de Cristo que podemos viver. Ele nos preserva "de dia em dia, dando(-nos) alento para que (possamos) viver, andar e fazer as coisas segundo (nossa) própria vontade". (Mosiah 2:21.) Sem ele, não podemos fazer coisa alguma. Somente



Fotografado por Marty Mayo

nele há força. Somente nele há vida. Somente nele há paz, esperança e salvação. Verdadeiramente, seu nome é: "Maravilhoso, Conselheiro, Deus forte, Pai da eternidade, Príncipe da paz." (Isaías 9:6.)

Como poderemos hesitar em erguer nossa voz com o som de trombeta, (ver D&C 33:2), para testificar e prestar testemunho de Jesus Cristo? Não estamos sozinhos ao prestar testemunho, pois todos os profetas testificaram do Salvador e Redentor. As escrituras estão repletas de testemunhos dele. Na verdade, todas as coisas testificam dele, pois ele próprio disse: "E eis que todas as coisas têm sua semelhança e todas as coisas são criadas e feitas para dar testemunho de mim; tanto as coisas temporais como as espirituais; coisas que estão acima nos céus, coisas que estão sobre a terra, coisas que estão na terra, e coisas que estão embaixo da terra, e todas as coisas, tanto acima, como abaixo da terra; todas dão testemunho de mim." (Moisés 6:63.) Até mesmo Deus, o Pai, testificou de seu Filho, quando disse em diversas ocasiões: "Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo." (Ver Mateus 17:5; 3 Néfi 11:7; Joseph Smith 2:17.)

Freqüentemente nos referimos aos apóstolos como testemunhas especiais de Cristo. Mas, o que isto significa? O Élder Bruce R. McConkie explica que "um *apóstolo* é uma testemunha especial do nome de Cristo, enviado para ensinar os princípios de salvação aos outros. É alguém que conhece a divindade do Salvador por revelação pessoal e que é designado a prestar testemunho ao mundo do que o Senhor lhe tem revelado". O Élder McConkie então continua, dizendo: "Na verdade, *todo membro da Igreja deve ter discernimento e revelação apostólica*, e está sob a obrigação de levantar a voz da advertência." (*Mormon Doctrine*, 2ª edição, Salt Lake City: Bookcraft, 1966, pp. 46-47.) O Élder David B. Haight disse: "É nossa responsabilidade e gloriosa oportunidade prestar constante testemunho de Jesus Cristo." (Conferência Geral, abril de 1974.) O Élder Joseph B. Wirthlin declarou enfaticamente:

"Nossa igreja não deseja e nem irá comprometer sua posição, de forma alguma! Nunca, em tempo algum, vacilará, hesitará, ou mostrará qualquer relutância em prestar inabalável testemunho da divindade de Jesus Cristo. Sendo a situação atual do mundo como é, cada portador do sacerdócio (e membro) deve tirar vantagens de toda oportunidade que surgir para testificar do Salvador, e ensinar e exemplificar a verdade do evangelho, fazendo resplandecer sua luz diante de amigos e estrangeiros, para perpetuar a verdade concernente ao nosso Salvador, Jesus Cristo." ("Assim, Também Resplandeça a Vossa Luz", *A Liahona*, abril de 1979, pp. 54-55.)

Precisamos estar mais do que dispostos — precisamos estar ansiosos por prestar testemunho de nosso divino Redentor e Amigo. Precisamos ser como os antigos nefitas, dos quais Néfi diz: "E falamos de Cristo, nos regozijamos em Cristo, pregamos a Cristo, profetizamos de Cristo." (2 Néfi 25:26.) É nossa obrigação e nossa jubilosa oportunidade. Deveríamo-nos sentir como Amon, quando disse: "Gloriemo-nos, portanto, sim nós nos gloriemos no Senhor; sim, nós nos rejubilaremos, pois que nosso gozo é completo; sim, louvaremos nosso Deus para sempre. E quem poderá glorificar-se demasiadamente no Senhor?" Como Amon, "não posso expressar nem a mínima parte do que sinto" (Alma 26:16), mas posso dizer que eu sei que Jesus Cristo é o Filho de Deus. Ele é nosso Senhor e Salvador. Esta é a sua Igreja e sua obra, e temos a responsabilidade de testificá-lo. Humildemente acrescento meu fervoroso testemunho aos muitos que dele têm sido prestados. ■

Minha experiência... deixou-me muito mais cônscia de nossa sagrada obrigação de sermos testemunhas valentes e francas de nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo.

MINHA AMIGA DISTANTE, NO TEMPO E NO ESPAÇO

Peggy Hill Ryskamp



O padre acendeu a luz elétrica recentemente instalada e, enquanto a lâmpada balançava mansamente, olhei ao redor da sala cheia de sombras que ela iluminava. O piso era de cimento e, excetuando dois armários antigos e vergados encostados à parede, tudo o que a sala continha era uma pouco firme mesa de madeira e cadeiras. Quando o padre abriu as janelas, vimos uma mistura de arbustos silvestres e flores, e pudemos ouvir um burro zurrando ali por perto.

Meu marido George, que havia passado muitas horas aqui em viagens anteriores, olhou em volta com um sorriso de enorme satisfação e foi com o padre a uma sala contígua para pegar os livros de registros. Fiquei sozinha na sala, tentando acostumar-me com o que via.

Então, afinal, estávamos na Espanha! Lembrei-me de como uma viagem à Espanha para fazer pesquisa genealógica nos parecera a princípio, quanto planejamento fora necessário para agregar a clientela, as semanas aflitivas até resolver a questão financeira, as orações e lágrimas por deixar as crianças e as listas e listas de coisas por fazer.

George logo voltou com os registros, mostrando-me, entusiasmado, os grossos volumes contendo páginas e páginas de espesso papel pergaminho, onde os padres haviam anotado casamentos, batismos e mortes desde o século dezesseis. Eles eram impressivos e instalei-me para ajudar George a pesquisá-los, esperando que seu entusiasmo pudesse suster-me.

Infelizmente, à medida que passavam as horas e os dias, descobri que o que parecia tão natural para George, não o era para mim. Ele conseguia ficar hora após hora estudando as páginas, totalmente absorto e alheio ao ambiente físico, enquanto eu percebia e reagia a cada detalhe. A cadeira de madeira tornava-se insuportável depois de sentar-me nela por um par de horas, as sombras da lâmpada dificultavam a leitura e era tão gelado, que, à noite, minhas costas doíam devido à friagem.

Minhas reações eram tão embaraçantes quanto frustradoras para mim. George sempre achara a pesquisa genealógica muito interessante e orava para que a experiência também o fosse para mim. Mas as longas, frias e inflexíveis horas pareciam sem fim.

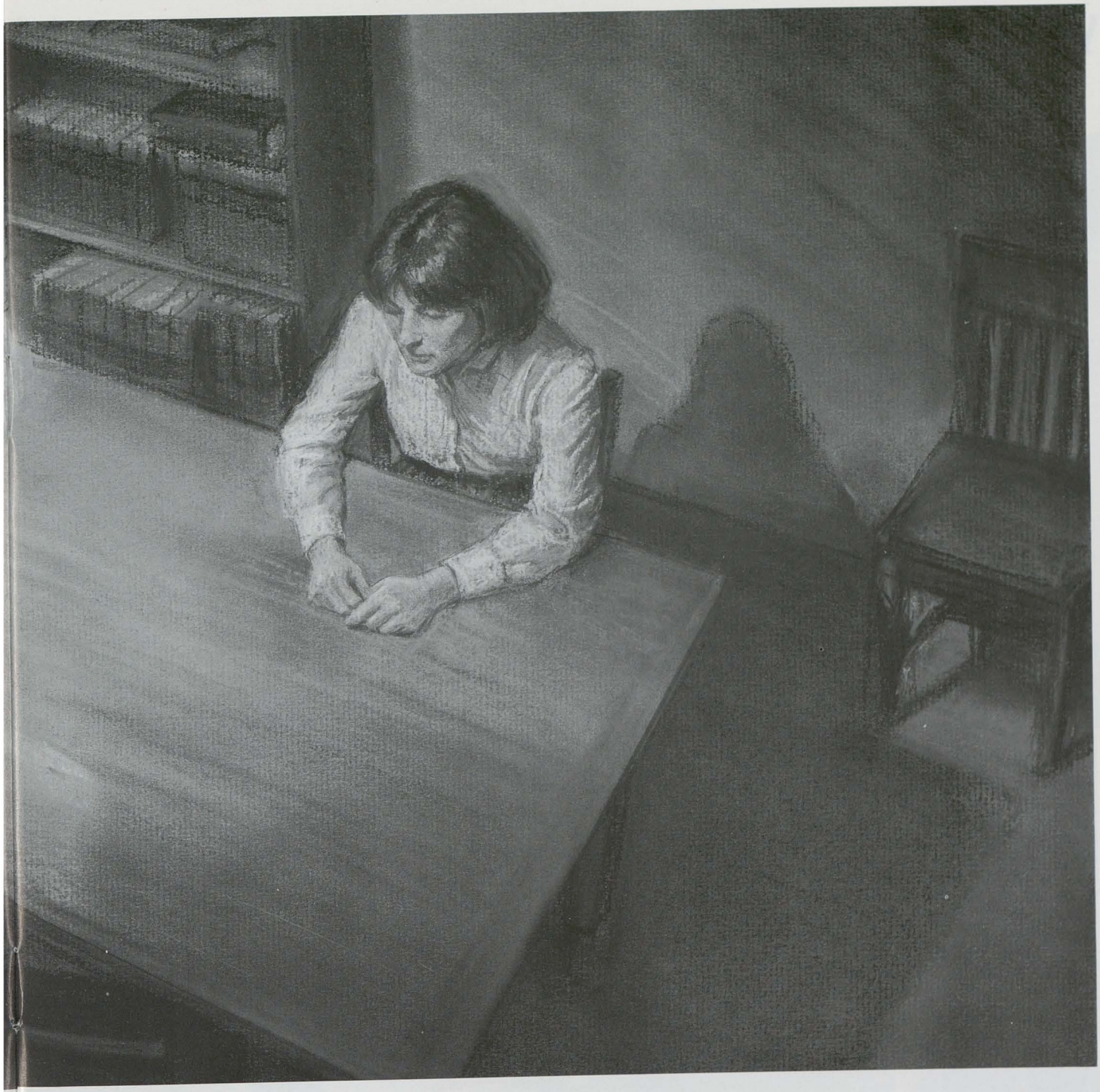
Finalmente chegou a hora de pesquisar uma nova linha, numa paróquia diferente. Visto ser uma nova linha familiar para nós, George se pôs a fasculhar o livro de casamentos, enquanto eu pesquisava no de batismos e nascimentos. Embora estivesse procurando os filhos de três casais diferentes, fiquei particularmente intrigada com uma família que encontrei nesses registros. Pareceu-me como se conhecesse a mãe, à medida que encontrava o registro de nascimento de cada um de seus filhos. O espaço entre o nascimento de seus filhos era semelhante ao dos meus, e lembrei-me de minhas próprias gestações e as reações de nossos filhos à chegada de um novo bebê. Eu já estava longe de casa havia duas semanas, e as lembranças de um lar cheio de barulho de crianças, beijos molhados e abraços exuberantes me deram saudades.

Então George sugeriu que eu trabalhasse nos registros de falecimentos por um pouco. Como pertenciam ao mesmo período, os nomes que encontrei eram-me familiares e anotei a morte de diversos membros mais velhos da família. Não esperava, porém, encontrar tantas mortes entre os mais novos, e lágrimas de compaixão marejaram-me os olhos quando reconheci o nome de um dos filhos da minha "amiga", que morrera aos três anos. Quando, virando a página, encontrei, oito dias mais tarde, o registro da morte de seu filho de seis anos, meu coração confrangeu-se e lágrimas rolaram.

Pensei novamente nos meus pequeninos, exatamente da mesma idade: — a sensação de seus corpinhos aninhados em meu colo, o som de suas risadas e vozes pela casa. A distância de todo um oceano me despertou saudades e continuei a chorar e a sentir empatia por aquela mãe, enquanto virava as páginas.

Mas, quando seis meses mais tarde, encontrei a morte de seu marido, fiquei tão triste, que tive que parar de escrever, e até mesmo George percebeu meus soluços. "Simplesmente não posso entender por que ela teve de passar por tudo isso", disse-lhe. "Não parece justo."

E então, de repente, compreendi o verdadeiro sentido das frases que eu ouvira e repetira a vida inteira, fazendo sentimentos e pensamentos se juntarem. "Querida amiga", pensei "esta é a razão pela qual estou aqui. Seu sofrimento não foi sem propósito; há algo que posso fazer por você. Graças a um Salvador amoroso e a um templo de Deus, posso ajudá-la a ter



Ilustrado por Scott Snow

de volta seu marido e seus filhos. Eles poderão ser seus para sempre agora, exatamente como tenho os meus."

As lágrimas continuaram correndo-me pela face,mas eram lágrimas de paz e alegria, de humilde gratidão pelos templos e famílias, e pela oportunidade de poder ajudá-las.

Desde que voltei da Espanha, ir ao templo passou a tocar-me mais profundamente. Quando verifico o nome alfinetado em minha manga, sinto respeito por essa mulher. Ela enfrentou privações físicas e uma proximidade com a morte que eu nunca tive que provar. E embora eu não possa compartilhar com ela minha água quente ou xampu, ou o remédio que com tanta naturalidade dou às minhas crianças doentes, posso dar-lhe do que tenho de mais precioso: as bênçãos do evangelho. ■

Peggy Hill Ryskamp, mãe de quatro filhos, serve como líder "em serviço" da Primária na Ala Riverside, Califórnia.

Repentinamente, com a verdadeira compreensão da obra vicária, pensei: "Posso ajudá-la a ter de volta seu marido e seus filhos. Eles podem ser seus para sempre, agora."

O TESOURO OCULTO

Lori Anne Brown

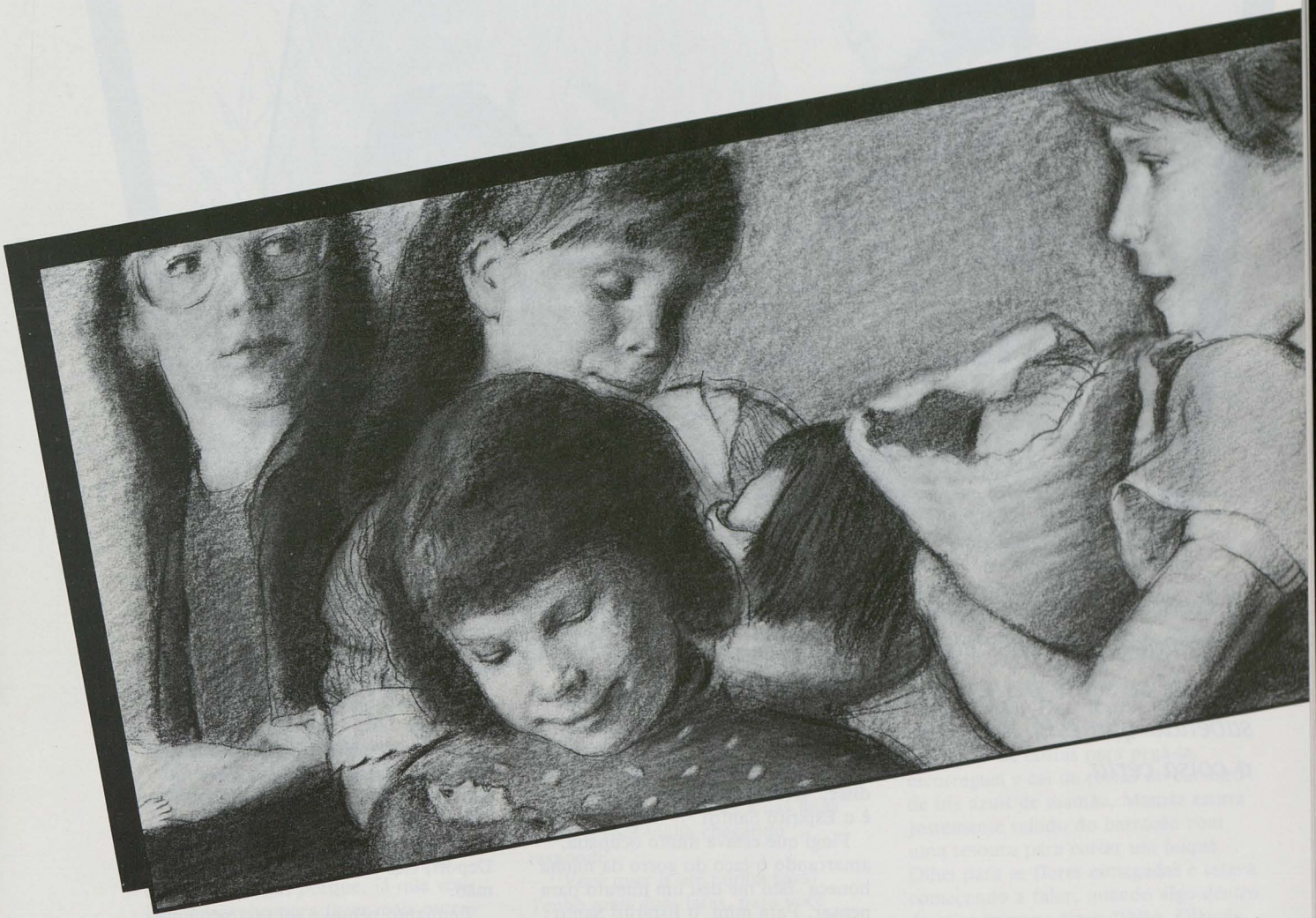
Parece que toda classe tem seu estudante estranho, e minha classe de seminário não era exceção. Um dos rapazes era um completo insucesso em todo o sentido da palavra. Pelo menos era o que parecia.

Ele era magrinho e penteava o cabelo preto oleoso todo para frente, de modo que cobriam os olhos e assim se escondia do mundo. Zombeteiramente, eu o comparava a um avestruz que enterrava a cabeça na areia para não ser visto pelos outros. Ele sempre se sentava no fundo da sala, jamais participando voluntariamente de qualquer debate. Não tinha amigos. Nunca se socializava com os colegas. Sinto-me envergonhada em dizê-lo, mas achava que ele não prestava para coisa alguma, e sei que muitos dos outros alunos sentiam o mesmo. Fiquei extremamente surpresa quando ele ganhou o campeonato de busca de escrituras. Pensei presunçosamente que apenas tivera mais tempo para estudar, porque não se dedicava a nenhuma outra coisa. A festa de encerramento do seminário provou o quanto eu estava errada a respeito dele.

Aquela noite continua indelevelmente gravada em minha



Fotografado por Mike McConkie



O Dom do Espírito Santo

Alice Stratton

Desci as escadas correndo, ainda de camisolinha e roupão, e gritei: "Ei, pessoal, tenho oito anos."

"É verdade. Feliz aniversário, querida", disse mamãe, fazendo-me rodopiar e dando-me um beijo.

"Parecia que eu *nunca* faria oito anos!" — declarei.

A principal coisa ao se fazer sete anos, é preparar-se para fazer oito. Sempre havia alguém dizendo que pelo meu novo dente da frente que estava nascendo, eu devia ter sete anos, e isto era animador, porque, no meu próximo aniversário, eu teria idade suficiente para ser batizada.

E agora era meu o próximo aniversário! Perguntei: "Posso convidar a Cinira para o meu batismo? Posso, mãezinha? Cinira não é mórmon, mas ela gosta de ir à Primária comigo."

"Claro que pode. Convide os pais dela também", respondeu mamãe.

Tomei meu desjejum às pressas e saí correndo para a casa da Cinira. Ela me viu chegando e abriu a porta.

"Adivinhe!" — falei ofegante. "Vou ser batizada hoje à noite e quero que você, sua mãe e seu pai venham assistir."

Cinira e seu pessoal foram não só ao meu batismo, mas também à Igreja no dia seguinte, para ver minha confirmação.

No dia depois de meu batismo, Cinira apareceu lá em casa para brincar de boneca comigo e minhas irmãs, Dani e Susana. De repente, Cinira perguntou: "Gláucia, o que é Espírito Santo?"

Sua pergunta deixou-me tão surpresa, que não consegui pensar no que dizer. Dani é dois anos mais velha



O Espírito Santo está-me ajudando a perceber como a gente se sente bem, sabendo que está fazendo a coisa certa.

que eu, e olhei para ela pedindo ajuda, mas ela fez que não notou. Apenas continuou escovando o cabelo da sua boneca.

Acho que Cinira pensou que não entendi sua pergunta, porque tentou novamente: "Na igreja, ontem, seu pai pôs as mãos dele sobre sua cabeça e disse: 'Recebe o Espírito Santo.' O que é o Espírito Santo?"

Fingi que estava muito ocupada, amarrando o laço do gorro da minha boneca. Isto me deu um minuto para pensar. Para mim, o Espírito Santo simplesmente existia e não precisava de nenhuma explicação. Mas eu sabia que a Cinira ia insistir numa resposta. Finalmente eu disse: "Bem, o dom do Espírito Santo é uma coisa muito boa."

"O que o Espírito Santo faz?" — Cinira quis saber.

"Ele é um ser de espírito, não podemos vê-lo. Mas ele ajuda as pessoas a fazerem a coisa certa."

"Oh," disse ela.

Fiquei contente, porque não me perguntou mais nada.

Depois que ela foi para casa, sentei-me na varanda para pensar. Pensei sobre o que significa ser batizada. Pensei na pia batismal de azulejos azuis, e na mão de papai segurando a minha, enquanto eu descia os degraus. Lembro-me de como os dois estávamos bonitos vestidos de branco. E lembro-me do barulhinho da água, quando papai me deu o mergulho. Pensei também sobre o domingo. Eu usei o mesmo vestido branco de babados que Dani usou dois anos atrás, quando ela foi confirmada. Exceto que ela usou uma larga faixa vermelha e fitas vermelhas no cabelo escuro. Eu usei uma faixa larga azul e fitas azuis no cabelo. Lembrei-me de meus tios e nossos mestres familiares, que ajudaram papai a me confirmar. Depois, eles sorriram e apertaram-me a mão.

Enquanto pensava sobre a pergunta de Cinira, lembrei-me de que papai disse uma vez que a espécie de aviso que sentimos quando somos tentados vem do Espírito Santo, procurando impedir que façamos coisas erradas. Eu deveria ter prestado mais atenção a esse aviso no dia em que achei que simplesmente tinha que ter um pedaço de alcaçuz. Tirei dez centavos da bolsa de mamãe, sem pedir a ela antes, e quase não me senti culpada quando dei o dinheiro ao balconista.

No dia seguinte, mamãe disse: "Gláucia, se você for correndo pôr esta carta no correio para o papai, dá tempo para eu assar uma torta de pêssegos para o almoço." Dani e Susana já tinham ido à casa da Tia Celeste, assim eu era a única que restava.

Então, mamãe olhou na bolsa e disse: "Ora, ora. Tinha certeza de ter dinheiro certinho para um selo, mas



aqui vejo apenas dez centavos.''

Ela tirou tudo para fora da bolsa e a sacudiu. ''Hummm'', comentou, ''parece que vou ter que descontar um cheque no banco para poder despachar esta carta ao seu pai. Teremos que esquecer a torta, porque, já que vou sair, aproveito para fazer mais outras coisas.''

''Ah, mãezinha, você me deixou com tanta vontade de comer torta. A carta não pode esperar até amanhã?''

''Não. Papai disse que ela precisa ser despachada hoje de manhã.''

''O que vamos ter para o almoço?'' — perguntei.

''Sanduíche de atum. Por favor, fique perto do telefone. A Irmã Helena ficou de telefonar-me. Diga-lhe que eu ligarei assim que voltar.''

Senti-me muito mal, enquanto a via sair de carro.

Isto foi no ano passado. Enquanto pensava nisso, agora que eu estava batizada, eu sabia que era importante contar à mamãe o que tinha feito. Eu lhe daria uma das moedas que havia ganho no meu aniversário, para ajudar a acertar a coisa toda.

Eu ainda estava sentada na varanda, quando passou o Carlos pelo nosso portão, andando sobre latas amarradas aos pés. ''Oi, Gláucia'', gritou. ''Adivinhe como fiquei tão alto.''

''Já sei, pela barulheira das latas quando você vinha chegando'', respondi.

''Você quer ir até minha casa? Tenho mais duas latas, para você andar também'', convidou.

''Não posso. Estou descalça'', respondi. ''Além disso, estou resolvendo uma coisa importante.''

''Bem, quando você tiver acabado, calce os sapatos e venha'', disse ele, continuando o caminho.

Sentada ali na varanda, continuei pensando na pergunta de Cinira. Numa de nossas aulas da Primária, aprendemos que o Espírito Santo é o Espírito da verdade. Nossa professora disse que ele nos ajudaria a não mentir. Imaginei que precisava de ajuda nisso também. Lembrei-me do dia em que mamãe entrou na cozinha, logo depois de eu ter derrubado, sem querer, o açucareiro no chão. Antes que ela pudesse falar, eu disse: ''A culpada é a Susana.''

''Gláucia, dê uma olhada pela janela'', ela me disse. ''O que você está vendo?''

Vi Susana se balançando numa corda pendurada na árvore. ''Foi por isso mesmo. Eu estava com pressa de balançar-me com ela, e foi aí que bati contra a mesa.''

''Gláucia'', mamãe virou meu rosto para ela. ''Ninguém quebra louça de propósito. Todos fazemos coisas sem querer. Não é o açucareiro que é importante. É você. Mais importante para mim que todos os pratos do guarda-louça — até mesmo que os copos de cristal — é uma menininha que fale a verdade.''

Olhei para o chão. Sabia que deveria pedir desculpas, mas não pedi. Em vez disso, perguntei: ''Os pratos, às vezes não ficam tão perto da beirada, que caem sozinhos?''

''Oh, Gláucia'', disse mamãe, e eu desejei que ela me tivesse batido em vez de me olhar daquela maneira. Isso me teria feito sentir muito melhor.

Eu continuava sentada na varanda, pensando, quando Dani e Susana chegaram correndo. ''Venha jogar bola conosco'', elas me convidaram.

Ficamos jogando a bola uma para a outra, e então Dani jogou uma bola que era muito alta para mim. Correndo de costas para pegá-la, escorreguei e caí de costas no canteiro de íris azuis de mamãe. Mamãe estava justamente saindo do barracão com uma tesoura para cortar um buquê. Olhei para as flores esmagadas e estava começando a falar, quando algo dentro de mim pareceu dizer: ''Não, Gláucia, você *não* vai dizer que Dani a fez cair.''

''Sinto muito, mãezinha'', desculpei-me ''Corri de costas e caí.''

''Sim, eu sei. Eu vi'', replicou.

''E você não está zangada comigo?''

''Claro que não.''

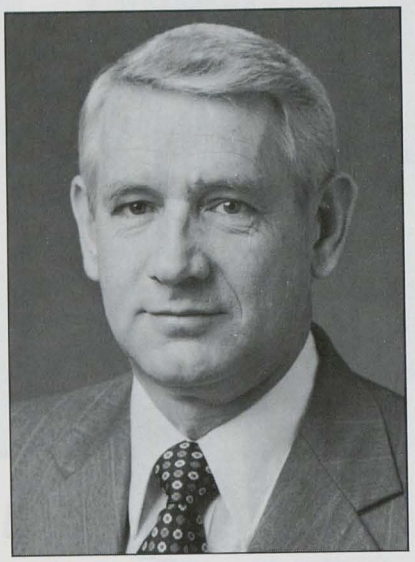
Da maneira como mamãe sorria, quase me sentia bem por ter caído nas flores.

''Veja só quantas íris você *não* esmagou,'' disse-me ela. ''Uma filha que fala a verdade é mais importante que um quintal inteiro cheio de flores!''

Oh! Aquilo deve ter sido o Espírito Santo sussurrando que eu devia dizer a verdade, pensei. E ele está-me ajudando a perceber como a gente se sente bem, sabendo que está fazendo a coisa certa. Eu mal podia esperar para contar à Cinira. ■

De um Amigo para Outro

De uma entrevista pessoal de Janet Peterson com o Élder Dean L. Larsen, da presidência do Primeiro Quorum dos Setenta





"A casa onde cresci em Hyrum, Utah, era uma velha casa que havia começado com um só cômodo, feita de toras de madeira. Mais tarde, foram acrescentados mais quartos e um segundo andar. Eu era o quinto filho e tenho três irmãos e três irmãs. Meu pai era professor de biologia no ginásio local, e no verão cultivávamos nossa propriedade para ajudar a aumentar a renda dele.

"Éramos uma família muito unida e trabalhávamos juntos. Tínhamos cavalos, vacas, porcos e galinhas para cuidar. Cultivávamos feijão e tomate que vendíamos para as fábricas de conservas e empacotadores em Hyrum.

"Tínhamos um grande número de pés de framboesa. Quando as framboesas estavam maduras e prontas para colher, elas sempre pareciam interferir nas celebrações do Quatro de Julho, feriado nacional, e na comemoração da chegada dos pioneiros SUD ao Vale do Lago Salgado, em 24 de julho.

"Toda primavera, tínhamos que cortar os ramos secos das moitas de framboesa. Depois de darem frutos durante um ano, eles secavam e morriam. Era um trabalho desagradável passar entre os arbustos e cortar todos aqueles ramos mortos e espinhentos. Eram carroças cheias deles todos os anos. Geralmente, os empilhávamos na rua ao lado de nossa propriedade e fazíamos grandes fogueiras com eles. Toda a criançada do bairro aparecia lá e nós assávamos batatas e maçãs e brincávamos muito.

"Lembro-me de que costumava cravar algumas daquelas varas secas em pares ao longo da estrada que passava pelas nossas terras, e depois colocava outras em cima delas, formando barreiras que eu pulava correndo. Era apenas uma brincadeira naquela época, mas quando freqüentei o ginásio e a faculdade, tornei-me um corredor de barreiras nas equipes de atletismo.

"Todos tínhamos amigos na vizinhança, mas meus amigos mais chegados eram meus irmãos e irmãs. As coisas que mais gostávamos de fazer, nós fazíamos com nossos irmãos. Éramos ferozmente leais uns com os outros e ainda o somos."

Recordando mais a respeito de seu lar da infância, o Élder Larsen diz: "Morávamos muito perto do reservatório de água de Hyrum, o qual ainda existe. No verão, quase todos os dias, depois que havíamos terminado de trabalhar, nós íamos lá para nadar.

"Meu pai era um grande apreciador da vida ao ar livre. Caçar e pescar era um passatempo normal para nós. Desde quando era muito pequeno, lembro-me de ir caçar e pescar. Mesmo antes de ter tamanho suficiente para carregar uma arma ou ter uma licença para caçar, eu costumava ir a caçadas a veados ou alces, no outono. Aquelas experiências foram muito importantes.

"Não tínhamos dinheiro para gastar com divertimentos, inventávamos nossas próprias diversões. Entretanto, não nos sentíamos nem um pouco prejudicados com isso. Havia sempre coisas muito agradáveis para fazer.

"Desde quando era menino", conta o Élder Larsen, "gostava muito de cavalos. Eu tinha um potro, filhote de uma de nossas éguas. Como nasceu no meu aniversário, meu pai disse que ele era meu e que era minha a responsabilidade de criá-lo e tratar dele. Aquele potro e eu nos tornamos muito amigos. Quando chegou a época de ser montado, eu podia fazer qualquer coisa com ele. Ele confiava em mim e eu nele. Nunca foi domado como se costumam domar cavalos. Fazíamos todas as coisas juntos, de





"Penso que os filhos também compartilham a responsabilidade de estabelecer um sentimento de solidariedade no lar."

comum acordo."

Ler era outra coisa de que gostava o Élder Larsen. "Tínhamos uma sala em nossa casa que chamávamos de sala do norte", lembra ele. "Era uma sala grande no andar principal. Durante minha meninice, não tínhamos aquecimento central; assim, para economizar combustível, costumávamos fechar a sala norte no inverno, exceto nas ocasiões especiais, como Natal, por exemplo. Ela continha uma biblioteca que meu pai havia colecionado através dos anos. Eu costumava divertir-me examinando aqueles livros, enfiado num capote de inverno.

"O Natal era sempre uma grande festa para nossa família. Meus avós paternos eram dinamarqueses e continuamos observando uma porção de velhas tradições dinamarquesas. Uma das tradições da véspera de Natal era a troca de presentes que nós, crianças, havíamos comprado uns para os outros, e que era seguida por um jantar maravilhoso. Mamãe costumava preparar tudo durante dias e nós costumávamos ajudá-la.

"Mamãe e papai nos ensinaram os princípios fundamentais da honestidade, moralidade, trabalho árduo e integridade. Eles cuidavam de que estávamos desenvolvendo bons hábitos de trabalho na lavoura e na escola.

"Quanto mais tempo vivo e quanto mais observo as coisas que mais contribuem para a felicidade individual e uma sociedade estável", diz o Élder Larsen, "mais profunda apreciação tenho pela família e pela manutenção dos laços familiares. Assim, freqüentemente quando falamos sobre o fortalecimento e formação de famílias fortes, parecemos implicar que esta é responsabilidade exclusiva dos pais. Eles realmente têm essa responsabilidade, é claro, mas penso que os filhos também compartilham a responsabilidade de estabelecer e demonstrar lealdade para com os pais e irmãos, a fim de desenvolver aquele sentimento de solidariedade que mantém uma família unida." ■

A Fuga de Ló

Depois da morte do pai, Ló foi viver com seu tio, Abraão, que o amava como se ele fosse seu próprio filho. Ló prosperou muito e, da mesma forma que Abraão, era dono de muitos animais e servos. Quando o Senhor ordenou a Abraão que se mudasse para a terra de Betel, Ló foi junto. Ao chegarem em Betel, entretanto, acharam necessário separar-se. Abraão disse a Ló que examinasse a terra e escolhesse onde desejava viver, pois ele se estabeleceria na área restante.

Ló examinou as planícies do Jordão e viu que tinham bastante água, que eram um lugar lindo e fértil; portanto, foi onde se estabeleceu. Armou suas tendas perto da cidade de Sodoma, enquanto Abraão levava o que era seu para outra direção, para a terra de Canaã.

A princípio parecia que Ló havia feito uma boa escolha. No entanto, as cidades próximas, Sodoma e Gomorra, eram muito, muito iníquas. Os reinos vizinhos fizeram guerra contra Sodoma e Gomorra e, depois de haverem capturado as cidades, levaram Ló e toda a sua família como prisioneiros. Quando Abraão soube do que tinha acontecido, armou trezentos e dezoito de seus servos treinados e libertou Ló.

Ló foi um homem justo que tentou ensinar o evangelho aos filhos, mas viveu numa das cidades mais iníquas do mundo. O povo de Sodoma e Gomorra havia-se tornado tão mau, que era necessário que fosse destruído. Abraão ficou preocupado, quando o Senhor lhe disse isso; ele sabia que Ló era um bom homem e pensava que certamente deveria haver outras pessoas igualmente boas naquelas cidades.

Abraão perguntou ao Senhor: "Destruirás também o justo com o ímpio? Se houver dez justos em Sodoma, destruirás a cidade?"

O Senhor respondeu: "Por causa dos dez não a destruirei."

Infelizmente, não havia nem mesmo dez pessoas justas na cidade toda, portanto, ela teria que ser destruída.

O Senhor enviou dois anjos a Sodoma. Ló encontrou-os no portão da cidade e se curvou em sinal de respeito, convidando-os a irem a sua casa, para comer e descansar. Enquanto os dois anjos desfrutavam da hospitalidade de Ló, várias pessoas iníquas se reuniram do lado de fora da casa, exigindo que os mensageiros lhes fossem mostrados. Ló foi para fora e procurou persuadi-las a irem embora, mas elas ficaram zangadas com Ló e tentaram machucá-lo. Os anjos puxaram-no para dentro de casa e fecharam a porta. Em seguida, feriram aquelas pessoas iníquas com cegueira.

Os anjos admoestaram Ló a reunir sua família e abandonar a cidade imediatamente, pois, disseram eles: "O Senhor nos enviou para destruir Sodoma e Gomorra."

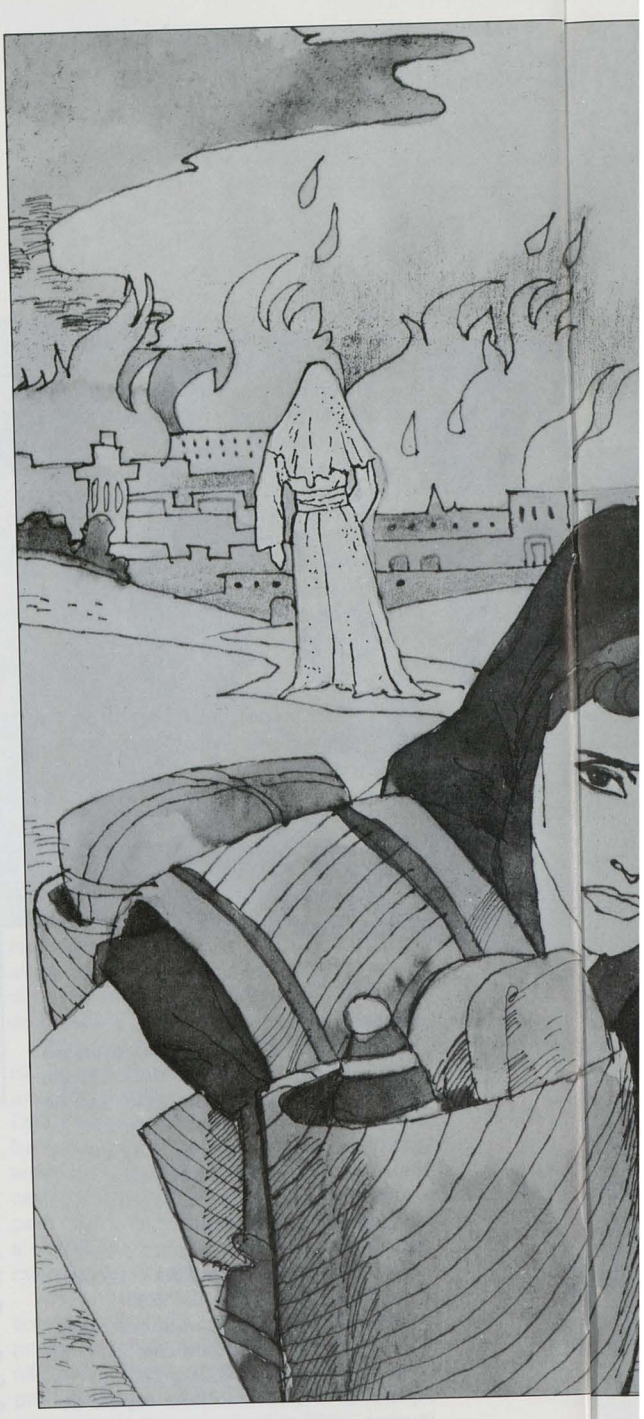
Ló se dirigiu imediatamente aos filhos casados, prevenindo-os do perigo: "Levantai-vos, saí deste lugar, porque o Senhor há de destruir a cidade."

Como ele deve ter ficado triste, quando os filhos casados se recusaram a lhe dar ouvidos. Ele sabia que, se eles permanecessem em Sodoma, morreriam. Só duas filhas solteiras de Ló foram obedientes e concordaram em ir embora.

De manhã os anjos disseram a Ló: "Levanta-te, toma tua mulher e tuas duas filhas que estão aqui, para que não pereças no castigo da cidade."

Ló hesitou, talvez pensando nos filhos casados que se haviam recusado a lhe dar ouvidos, mas os anjos sabiam que não havia tempo a perder. Tomaram Ló, sua mulher e as duas filhas pela mão e conduziram-nos para fora de Sodoma, dizendo-lhes: "Escapa-te, salva tua vida; não olhes para trás de ti, nem te detenhas em toda esta planície; escapa-te lá para o monte, para que não pereças."

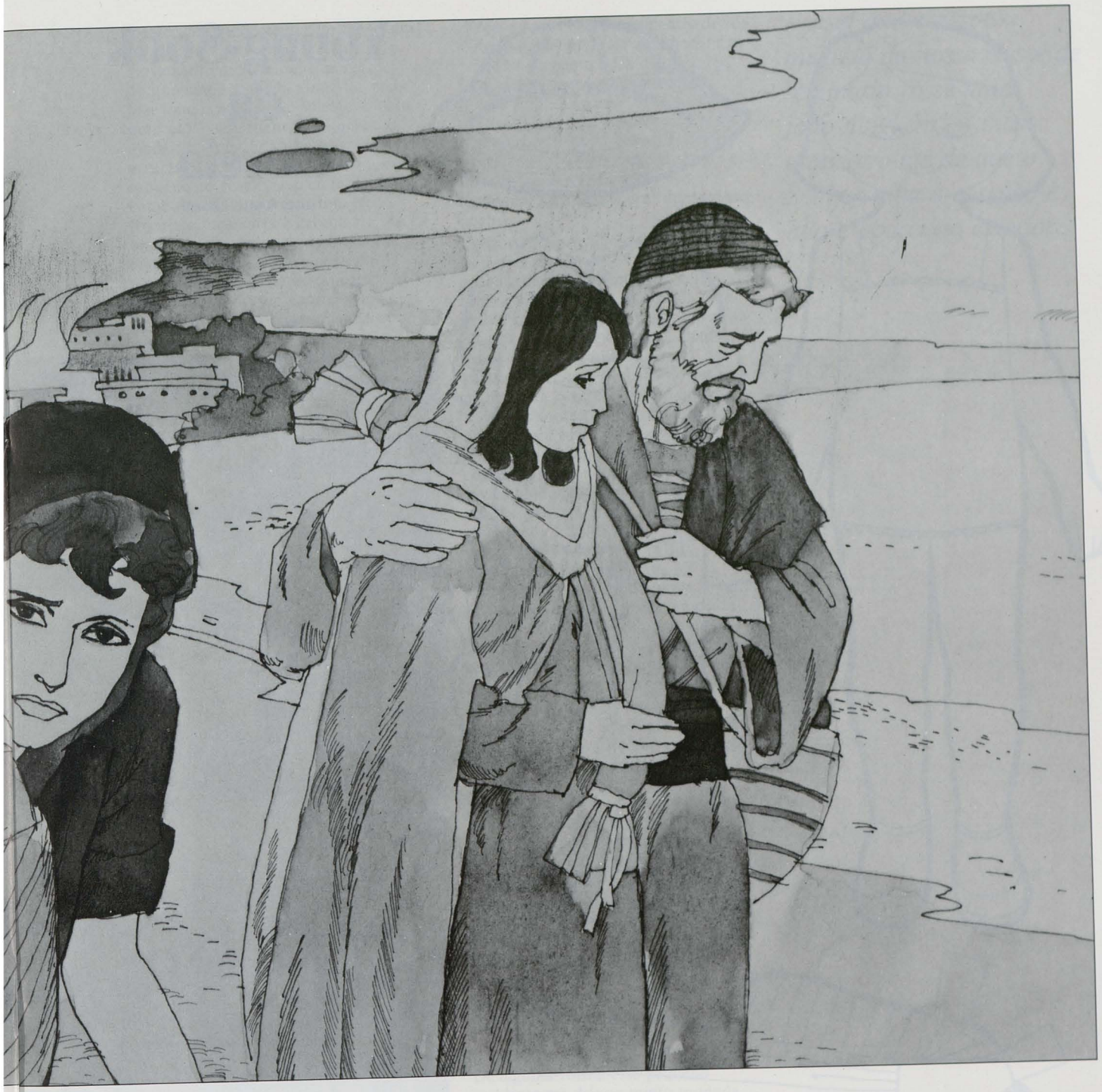
Depois que Ló e sua família já estavam suficientemente longe de Sodoma, para estarem a salvo, os anjos pediram a Deus que destruísse a cidade. O Senhor fez chover fogo e enxofre[1] sobre Sodoma e Gomorra, e todos os seus habitantes foram mortos.



Animais, casas e até mesmo plantas foram destruídos pelo fogo. Nada foi deixado naquelas cidades.

Os anjos haviam dito a Ló e sua família que não olhassem para trás, mas a mulher de Ló não conseguiu resistir à tentação. Ela olhou para trás, para ver o que estava acontecendo e

1 "Enxofre", também chamado súlfur, é um minério que ao queimar solta uma chama azulada, com um cheiro terrivelmente desagradável.



imediatamente se transformou numa estátua de sal.

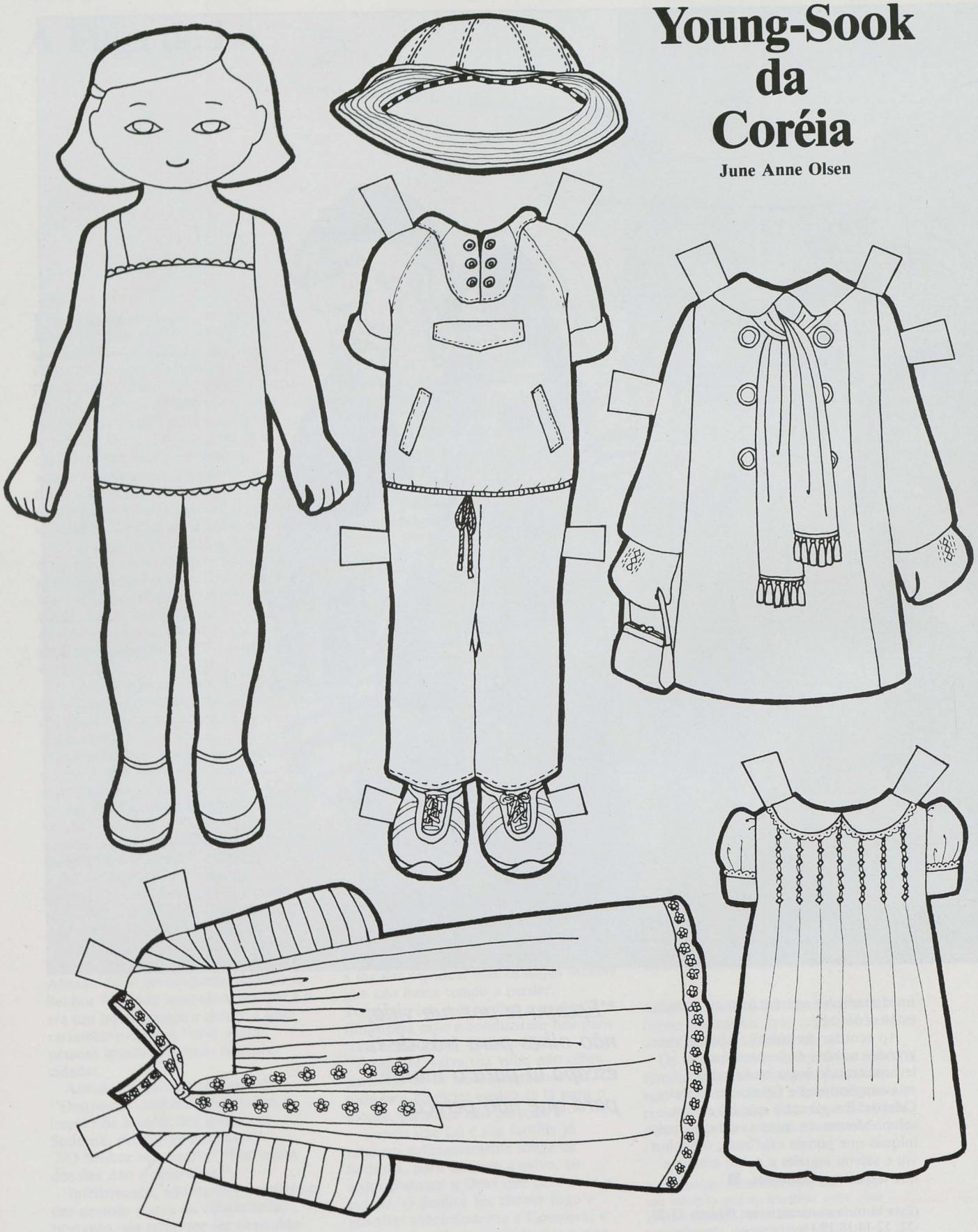
Ao acordar de manhã, Abraão viu grandes nuvens de fumaça que se levantavam do lugar onde antes estavam Sodoma e Gomorra. O Pai Celestial lhe garantiu que Ló estava salvo. Mesmo de entre as cidades mais iníquas que jamais existiram, o Senhor viu e salvou aqueles a quem amava e que lhe eram obedientes. ■

(Esta história se encontra em Gênesis 11:27--32; 12-14;18;19.)

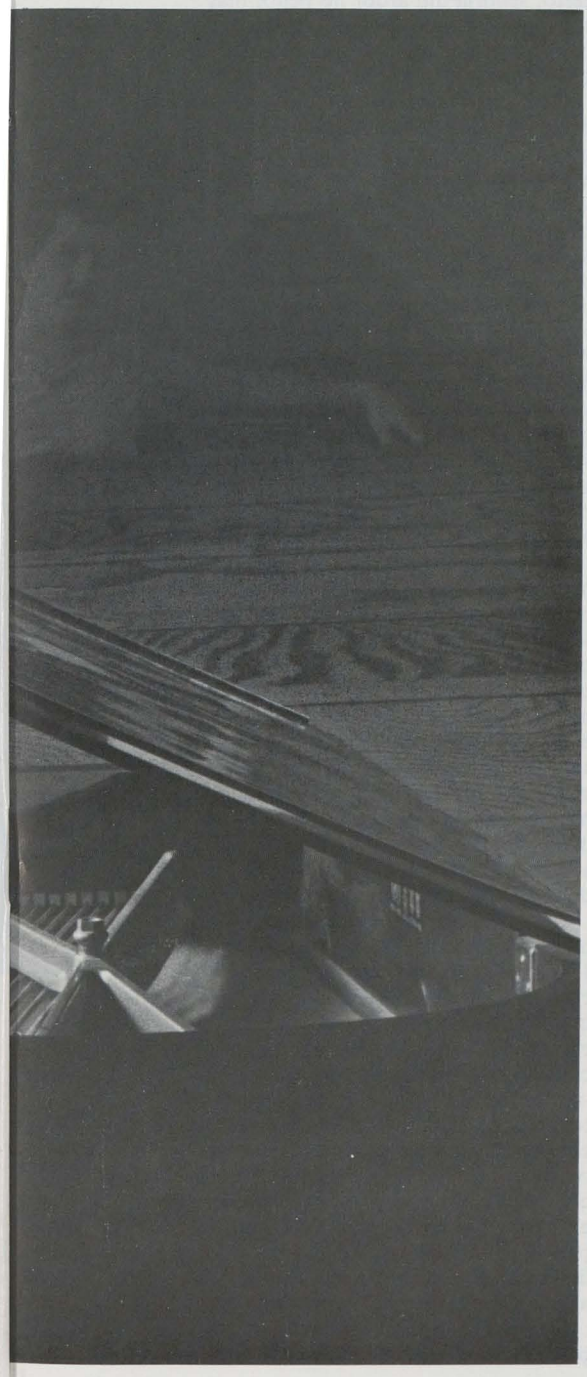
"Escapa-te por tua vida;
não olhes para trás de ti...
escapa lá para o monte,
para que não pereças."

Young-Sook da Coréia

June Anne Olsen



mente. Cheguei cedo na capela — um milagre — e já o encontrei lá. Novamente racionalizei que sua pontualidade se devia a não ter nada mais que fazer. Cumprimentei-o com um "alô" indiferente e fui depressa ajudar colegas "mais amigáveis" a arrumar as cadeiras. Além disso, eu sabia como reagiria, se eu tentasse entabular uma conversa com ele. Primeiro, abaixaria a cabeça até que os olhos se fixassem nos pés inquietos. Suas mãos agitadas balançariam nervosamente as chaves do carro, mostrando todo seu constrangimento. Ele sempre ficava tenso quando eu chegava perto. Instintivamente, decidi evitar aquela embaraçosa experiência.



Então chegou a hora de iniciar a festa. Eu procurava organizar os outros alunos, quando vi meu professor dar uma espiada na capela. Um sorriso de puro deleite apareceu em seu rosto, como a expressão de um mineiro ao descobrir ouro. Na realidade, fora descoberto um tesouro oculto.

Acordes maravilhosos perpassavam as portas da capela — não notas apenas, mas sentimentos. A pessoa que tocava o piano fora abençoada com extraordinários dotes musicais. Eu olhei lá dentro, esperando encontrar um adulto praticando para um concerto, e fiquei chocada ao ver que o pianista era o garoto quieto que eu achava não prestar para nada. Um por um, a classe inteira foi entrando de mansinho na capela, enquanto ele continuava tocando, sem partitura, peças inteiras de Bach, Beethoven e outros. Dolorosamente, minha consciência lembrou-me de meu julgamento injusto dele. Eu o pronunciara um insucesso, simplesmente por ser diferente de mim. Sentia-me superior a ele. Que piada! Humildemente, dei-me conta de que ele devia ter muitos outros talentos que sequer admitiam comparação com os meus. Que grande erro ter pensado nele como um ninguém.

Alguém tossiu. Imediatamente, ele olhou pegando-nos como a um bando de crianças com a boca na botija, sorvendo suas delícias musicais sem permissão. No mesmo momento, ficou vermelho, não de raiva como eu esperava, mas de puro embaraço. Fechou a tampa do piano e vagarosamente deixou a plataforma. Muitos elogios encheram o ar quando saiu da capela pela passagem entre os bancos. Ainda vermelho, ele murmurou um "muito obrigado", não querendo mais qualquer atenção de nós.

A festa do seminário foi um sucesso com todos rindo, gracejando e agindo como malucos. (Deveria dizer, agindo normalmente.) Isto é, todos, menos eu. De alguma forma esse pequeno incidente me deixou muito mudada.

Em I Samuel 16:7 diz que Deus olha o coração, não a aparência exterior do homem, e creio que devemos fazer o mesmo. Precisamos penetrar na fachada externa da pessoa para encontrar seu verdadeiro valor. Diz a máxima: "Não julgue um livro por sua capa." Descobri da maneira mais difícil que é verdade. Assim, da próxima vez que começar a pensar em alguém como um insucesso ou um misantropo, lembre-se de olhar seu interior — pois ali podem estar ocultos tesouros inestimáveis. ■

Pensei que o garoto magrela da nossa classe de seminário fosse um joão-ninguém — mas esquecera-me de que o Senhor olha o coração e não a aparência exterior.

EM BUSCA DE UM TESTEMUNHO

Dennis L. Lythgoe

Cresci na Igreja. A maioria dos meus professores e líderes eram muito animados e eficientes, procurando sempre instilar em mim o amor ao evangelho, conhecimento de seus princípios e, especialmente, um testemunho — o que o Presidente Joseph Fielding Smith chamou de "fala do Espírito Santo à alma, de uma forma convincente e positiva". (*Answers to Gospel Questions*, comp. Joseph Fielding Smith, Jr., 5 vols., Salt Lake City: Deseret Book Co., 1979, 3:28.) Lembro-me de vários professores e oradores expondo em serões, no meu tempo de adolescente, como se obtém um testemunho. Parecia tão fácil, que decidi seguir seus conselhos.

A escritura citada mais freqüentemente era Morôni 10:4-5, que explica como obter um testemunho do Livro de Mórmon: "E, quando receberdes estas coisas, eu vos exorto a perguntardes a Deus, o Pai Eterno, em nome de Cristo, se estas coisas não são verdadeiras; e, se perguntardes com um coração sincero e com real intenção, tendo fé em Cristo, ele vos manifestará sua verdade disso pelo poder do Espírito Santo. E pelo poder do Espírito Santo, podeis saber a verdade de todas as coisas."

Algumas pessoas me ensinaram como as orações são respondidas, e referiam-se à experiência de Joseph Smith e Oliver Cowdery ao traduzirem o Livro de Mórmon. Quando Oliver Cowdery teve dificuldades com a tradução, o Senhor o instruiu a ponderar na mente e depois perguntar-lhe se estava certo. Caso estivesse certo, sentiria um ardor no peito, mas se estivesse errado, teria um "estupor de pensamento" que o faria esquecer o que estivesse errado. (D&C 9:7-9.)

Como estudante do segundo grau, decidi seguir esse conselho para tentar obter meu próprio testemunho do evangelho. Eu queria saber se ele era verdadeiro. Assim, li atentamente o Livro de Mórmon, sublinhando e tomando notas das passagens memoráveis. Quando terminei, senti um grande senso de antecipação a respeito da promessa de Morôni. Ajoelhei-me e orei, procurando saber por mim mesmo se o livro era verdadeiro ou não. Embora orasse de quando em quando durante diversas semanas com o que achava ser "real intento" e determinação, não consegui perceber a resposta. Quando meus amigos se levantavam para prestar testemunho nas reuniões de jejum, meus pais ficavam desapontados com meu silêncio. Disse-lhes que eu estava tentando, mas que simplesmente ainda não obtivera um testemunho. Não podia ser desonesto. Preocupava-me e imaginava o que estaria fazendo de errado. Talvez minha vida não fosse suficientemente boa para que o Senhor ouvisse minha pergunta; ou talvez houvesse algo de errado em minha maneira de orar; ou talvez eu não soubesse como reconhecer a resposta dele.

Continuei orando e estudando por mais dois anos durante os quais li o Livro de Mórmon pela segunda vez, e então o bispo me pediu que saísse em missão. Por um lado fiquei entusiasmado, porque sempre quis cumprir missão; mas, por outro, senti-me muito preocupado, pois meu testemunho ainda não me fora concedido. Como poderia convencer os outros, se não podia falar com convicção? Meu irmão estava saindo em missão ao mesmo tempo, e meus pais, que tinham meios muito limitados, comprometeram-se a nos ajudar financeiramente.

Quando fui entrevistado pelo presidente de estaca, ele me

Sempre quis cumprir missão, mas estava muito preocupado; como poderia partilhar um testemunho que eu não tinha?

surpreendeu sugerindo que eu ficasse em casa até meu irmão mais velho voltar, a fim de diminuir o encargo financeiro de meus pais. Profundamente desapontado, voltei para casa, para confiar este triste conselho a meu pai, normalmente um homem tranqüilo, de fala mansa. Meu pai ficou angustiado. Expressou enfaticamente sua opinião de que eu deveria ir ao mesmo tempo que meu irmão, e que o Senhor nos ajudaria a arcar com os encargos financeiros. Enfiou seu sobretudo e anunciou que iria falar com o presidente de estaca. "Você vai para a missão — e vai *agora*!" disse com tal convicção como nunca vira nele. Antes de sair, quis que todos nos ajoelhássemos numa oração familiar. Meu pai proferiu uma oração simples e curta, expressando sua gratidão pelas bênçãos recebidas e pedindo ajuda para sua conversa com o presidente de estaca, e ajuda para seus filhos ao se prepararem para partir para o campo missionário.

Enquanto escutava aquela oração com fé e procurava discernir o futuro, fui espiritualmente movido por algo que não consigo descrever. Naquele momento, recebi o testemunho da veracidade do evangelho. Fui tomado por um sentimento de felicidade e emoção, como que sabendo que meu pai teria sucesso em sua pequena missão, o que realmente aconteceu. Mas, soube também, com absoluta certeza que eu seria capaz de sair em missão (como fui para a Nova Zelândia) e testificar com honestidade e convicção a qualquer pessoa que me quisesse escutar. Foi uma experiência profundamente satisfatória. Minhas passadas ansiedades sobre tornar-me missionário sem a convicção de um testemunho haviam-se dissipado. O Senhor respondera às minhas preces, embora não da maneira como eu esperava. Quanto a meus pais, eles conseguiram manter seus dois filhos como missionários por dois anos e prosperaram financeiramente como nunca antes.

Tenho procurado analisar por que demorei tanto para obter o testemunho. Pode ser que o Senhor quisesse concedê-lo em conexão com o chamado missionário, para aumentar minha fé em meu Pai Celestial e meu pai terreno; ou talvez eu não tenha reconhecido tentativas anteriores do Senhor de me alcançar. Eu não esperava ter uma visão como Joseph Smith. Mas também não sabia como descrever o "ardor no peito".

O Senhor disse a Joseph Smith que falava aos seus servos "na sua fraqueza, conforme a sua linguagem, para que alcançassem compreensão". (D&C 1:24.) Todos sentem e descrevem suas experiências espirituais de maneira diferente. Talvez eu precisasse aprender como o Senhor falaria comigo, e reconhecer as respostas que estava obtendo. Agora eu entendo. Quando oro por uma resposta, uso a mesma fórmula que me foi ensinada em minha juventude. Pondero em minha mente, tomo o que penso ser uma decisão razoável, depois pergunto ao Senhor se estou certo. Se sou tomado de uma sensação crescente de arrebatamento, estou convencido de que o Senhor aprova minha decisão. Quando estou jejuando, a falta de alimento me lembra continuamente o propósito. Oro freqüentemente e sinto uma crescente emoção e certeza, como se o Espírito Santo falasse a minha alma. Se estiver errado, fico confuso e deprimido, percebendo finalmente que estou sentindo um "estupor de pensamento".

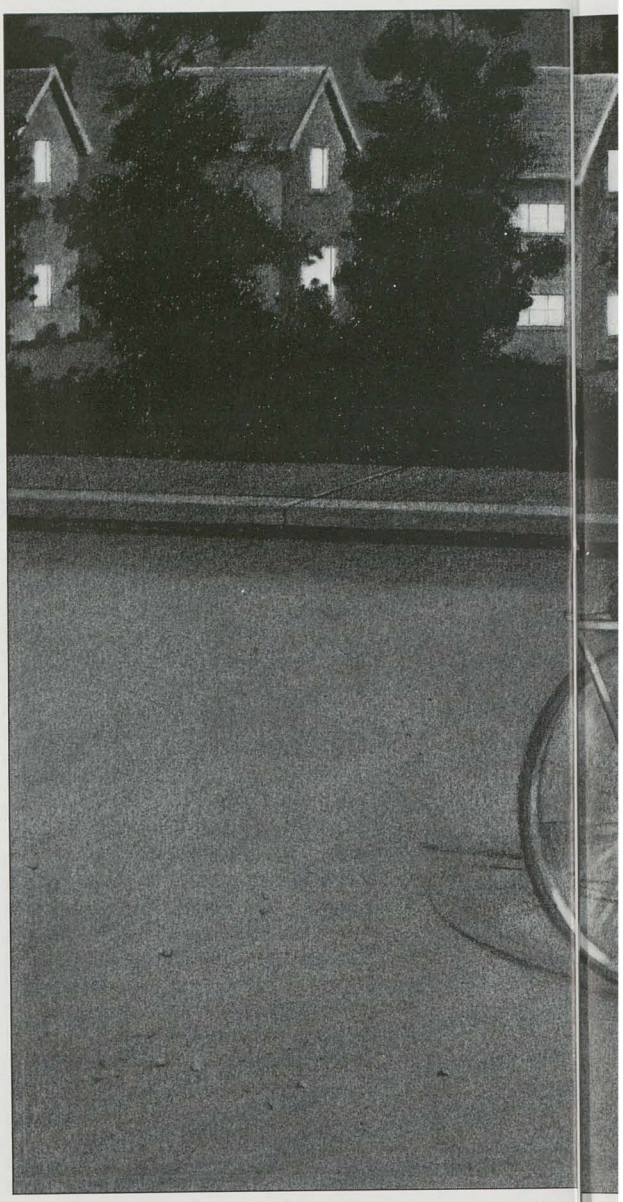
Estou convencido de que o Senhor responderá às nossas orações, mas temos que nos comunicar com ele com a suficiente freqüência para podermos reconhecer como ele nos responde. Temos de aprender a conhecê-lo. Depois de receber a cálida certeza que nos vem quando uma oração é respondida, quando recebemos um testemunho espiritual, entenderemos como ocorre a comunicação com Deus. O Presidente Joseph F. Smith descreveu as impressões do Espírito em sua alma como tão impressivas, que as sentiu do alto da cabeça até as solas dos pés. "Deus mo tem mostrado e removido toda a dúvida de minha mente, e aceito isto como admito o fato de que o sol brilha ao meio-dia."

O Élder Loren C. Dunn, do Primeiro Quorum dos Setenta, disse: "Poderá não vir como um facho de luz. (Não sei como o Senhor vai comunicar-se com vocês.) É mais provável que seja em forma de reafirmação, um sentimento em seu íntimo, uma confirmação que talvez venha de maneira calma, natural, mas real, de dia para dia, até você perceber que realmente sabe. Vou dizer-lhe uma coisa — você não vai conseguir um conhecimento das coisas de Deus de modo instantâneo."

Para alguns, o testemunho vem mais facilmente do que para outros. De mim exigiu muito esforço — estudo, ponderação, oração e jejum — até obter a resposta. Também foi difícil para o Profeta Enos; ele orou um dia inteiro até depois de anoitecer, debatendo-se em espírito, até que sua "fé começou a ser inabalável no Senhor". Sua resposta foi uma voz vinda do Senhor, dizendo-lhe que seus pecados estavam perdoados e que seus desejos seriam atendidos por causa de sua fé (Enos 1:5, 11-12). Uma vez obtido, o testemunho precisa ser alimentado por constante estudo, oração e atividade na Igreja, aliados ao viver cristão. O Presidente Harold B. Lee disse que o testemunho é "frágil. É tão difícil de reter quanto um raio de luar. É algo que temos de recapturar todos os dias de nossa vida." (*Church News*, 15 de julho de 1972, cit. "Cursos de Estudo da Sociedade de Socorro" — Viver Espiritual, Lição 3, p. 22.) Mas ele vale o esforço. ■

AQUI, ÉLDER MYERS

Leonardo F. Myers



O frescor da noite acariciava-me o rosto enquanto meu companheiro e eu pedalávamos freneticamente nossas bicicletas de volta ao apartamento, para chegarmos a tempo em casa. O tempo de maio era típico do Texas, quente e úmido; assim, o ar fresco da noite era uma delícia.

Comecei a pensar no sucesso que estávamos tendo em Brownsville. Uma família de cinco fora batizada o mês passado e outra família de cinco estava para sê-lo este mês. De repente, senti aquela bem-vinda sensação cálida e familiar, e fui impelido a olhar para trás. Através das árvores vi uma fileira de casas, um pouco afastadas da estrada — casas que nunca havia percebido antes!

Quando chegamos ao apartamento, eu disse ao meu companheiro, Élder Maughn, que devíamos voltar àquelas casas na manhã seguinte para conhecer algumas pessoas. Então planejamos nossas atividades para o dia seguinte e fomos para a cama. Quase não pude dormir com as emoções daquele dia. Havíamos desafiado uma família a batizar-se e eles aceitaram, e agora, aparentemente o Senhor tinha mais pessoas para ensinarmos.

A manhã veio muito rapidamente para mim. Depois de um banho, desjejum e estudo, dirigimo-nos para as casas que eu havia percebido na noite anterior. Foi fácil perceber por que não as havíamos notado antes. Havia uma pequena estrada, na realidade mais uma passagem entre o depósito de ferro velho e arbustos e árvores de galhos caídos. Era tão irregular, que mal pudemos passar com a bicicleta.

Havia cerca de sete casas ao longo dela; assim, começamos pela primeira e fomos seguindo até a última. Sim, a de número seis era a casa. Batemos à porta, e uma mulher atendeu. Sua face irradiava um brilho cálido, bondoso e protetor. Apresentamo-nos e dissemos que tínhamos uma breve mensagem sobre o Senhor. Ela convidou-nos a entrar na pequena casa de dois cômodos.

Ao entrarmos na sala-de-estar, fomos saudados por nada menos que cinco crianças, variando de onze a dois anos. As crianças deram risadinhas enquanto falávamos. Dissemos à senhora que gostaríamos de voltar quando o pai estivesse em casa, e ela nos convidou a vir naquela noite.

No resto do dia, minha cabeça girou imaginando como ensinaríamos a família. Sabíamos que, com a ajuda e consentimento do Senhor, poderíamos ajudar essa família a se tornar membro de sua igreja.

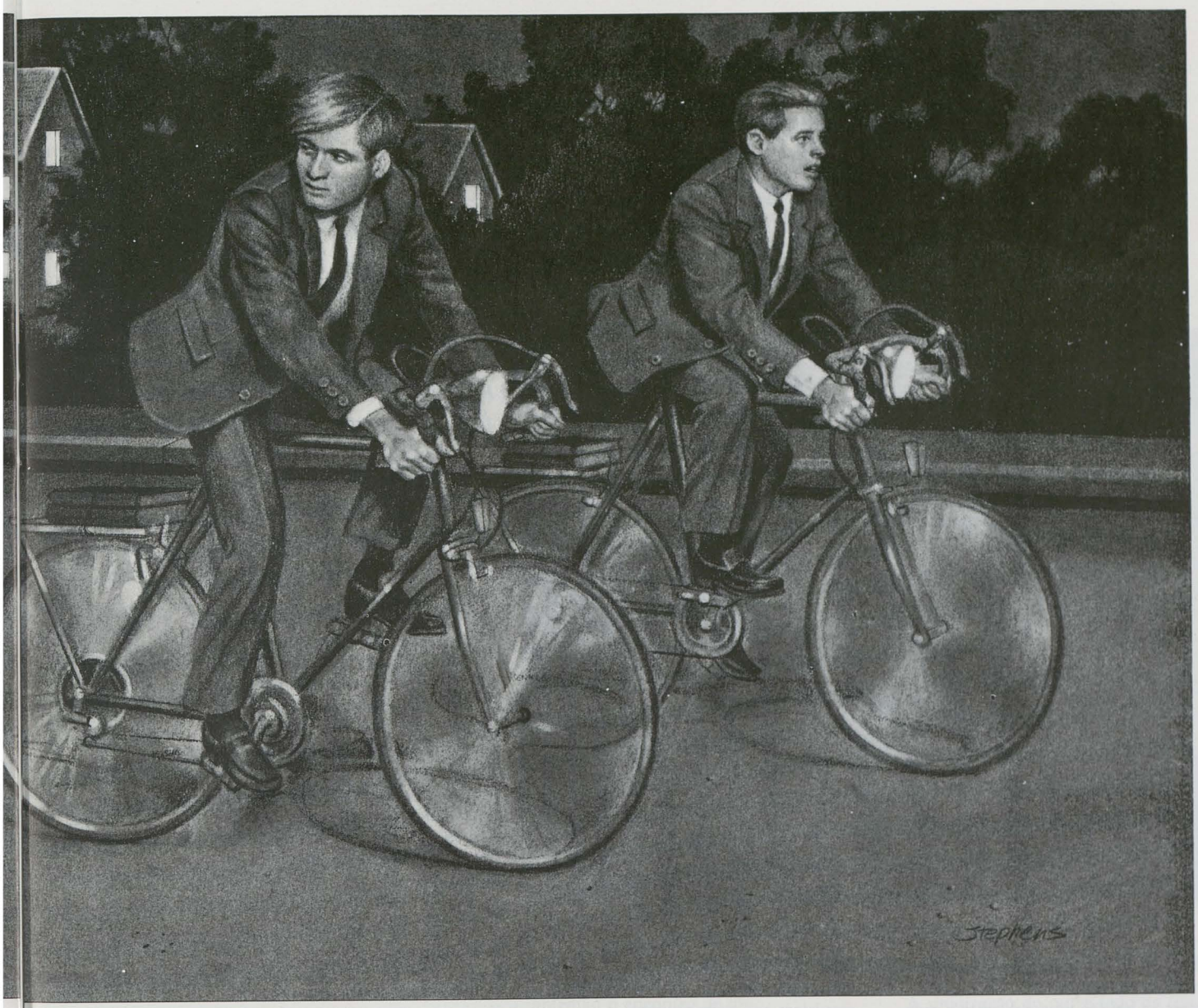
Nalgum momento, entre o bater às portas e o almoço, senti uma pontada de medo. O dízimo! Refletindo sobre a família que havíamos visitado de manhã cedo, imaginei como aceitariam o princípio do dízimo. Pensei naquela família de sete pessoas e seu lar, que aparentemente tinha apenas o essencial. A cozinha constava apenas de uma mesa e bancos ao redor dela. O outro cômodo, dividido em dois por uma simples cortina, servia ao mesmo tempo de quarto e sala-de-estar. A única mobília nessa sala era uma cadeira e um sofá esfarrapado. Como essa família seria capaz de pagar o dízimo?

Pagar o dízimo honestamente parecia ser a pedra de tropeço para algumas pessoas que havíamos ensinado antes, e preocupei-me com isso durante o dia inteiro. Silenciosamente, orei para que essa família obtivesse um testemunho forte antes de ensinarmos o princípio do dízimo.

Novamente, o frescor da noite bateu eu meu rosto, quando voltamos para dita casa a fim de conhecermos o pai e começarmos a ensinar a família. O pai segurava tantas crianças quantas podia, enquanto as outras se aconchegavam a ele. Fomos tomados de um sentimento cálido e familiar ao conversarmos com eles, expondo nossa mensagem sobre a verdadeira igreja do Senhor.

Após uma breve oração, projetamos o filme estático *O Homem em Busca da Felicidade*. Isto manteria as crianças interessadas, e os pais também costumavam apreciá-lo. Dei uma olhadela para a mãe durante a parte sobre a saída da existência, e pareceu-me ver traços de lágrimas em seus olhos. Não pude evitar nova olhada em sua direção durante a parte sobre a morte e o retorno de nosso espírito para junto dos entes queridos. Sim, desta vez não havia dúvida. Aquela doce mãe tinha lágrimas nos olhos escorrendo-lhe pelas faces.

A mãe ainda enxugava as lágrimas quando o filme terminou, por isso prestei testemunho da veracidade dos conceitos ensinados no filme e do Evangelho de Jesus Cristo. Então,



Ilustrado por Mark Stephens

prosseguimos com a palestra. Ela foi muito bem aceita. Depois de marcar uma visita para a noite seguinte, proferimos a oração e fomos embora.

Reparando que não havia carro na frente da casa, voltei a imaginar como aceitariam o princípio do dízimo.

Chegando ao nosso apartamento, o Élder Maughn e eu nos ajoelhamos e oramos. Rogamos ao Pai Celestial que abençoasse essa família com um forte testemunho e provesse um meio de poderem guardar os mandamentos.

Quando nos ajoelhamos para a oração pessoal, permaneci ajoelhado um pouco mais que o usual antes de ir para a cama. Quando chegasse a hora, como poderíamos apresentar o mandamento do dízimo de modo que o Espírito os tocasse com um testemunho e o desejo de aceitá-lo?

A família estava progredindo bem. Cada lição era uma experiência espiritual para todos nós. Os membros os visitaram e os levaram à igreja. Finalmente, lançamos o desafio para o batismo e eles o aceitaram.

O passo seguinte era a lição sobre os mandamentos. Habilmente arranjei que meu companheiro apresentasse o conceito do dízimo. Sim, eu apresentaria o primeiro conceito, ele o segundo, que era o dízimo, então eu continuaria com o terceiro e assim por diante. Dessa forma, eu não teria de pedir à família que obedecesse à lei do dízimo e esperar a resposta.

Aquele momento pareceu chegar depressa demais. Quando entramos na casa, naquela noite e nos preparamos

Orei para que essa família tivesse um testemunho forte antes de ensinarmos o princípio do dízimo, pedra de tropeço para algumas pessoas.



A família estava progredindo bem. Cada lição era uma experiência espiritual para todos nós. Finalmente, lançamos o desafio para o batismo.

para a aula, comecei pelo primeiro conceito. Antes de terminar duas frases, o pai fez uma pergunta a que meu companheiro respondeu e continuou com o *meu* conceito! Então ele terminou o primeiro conceito e agora era a minha vez, o dízimo! Fiz uma rápida e silenciosa oração, e fui em frente.

Expliquei o que a palavra *dízimo* significa, como era um mandamento nos tempos antigos e continuava sendo agora. Chegou a parte que eu temia: Pedir à família que aceitasse a lei do dízimo. Esse bom irmão respondeu, mas eu estava tão preocupado, que não ouvi a resposta. Continuei a falar apressado e percebi que ele havia respondido sim! Estava no ponto em que a pergunta deveria ser repetida; assim, confiantemente perguntei: "O senhor obedecerá à lei do dízimo?" Novamente a resposta foi sim. Então com lágrimas nos olhos prestei testemunho de que o mandamento era verdadeiro e que muitas bênçãos seguiriam seu cumprimento.

No domingo seguinte, apenas uma semana antes de a família ser batizada, procurei-os ansiosamente. Quando a Escola Dominical começou, ainda não haviam chegado. Não os vi em lugar algum. Talvez tivessem decidido que não poderiam obedecer aos mandamentos, pensei comigo. Fiquei pensando se o problema era o dízimo.

Então, pouco antes do início da reunião sacramental, vi a família entrando na capela. Apressei-me em cumprimentá-los, com um sorriso de uma orelha a outra, tenho certeza. Explicaram que tinham vindo a pé todo o caminho, no mínimo seis quilômetros, o pai carregando dois dos pequenos.

Sentamo-nos ainda em tempo para o início da reunião, e tudo o que pude pensar foi nessa família. Que exemplo para mim! Eu já os amava, apesar de conhecê-los havia três semanas apenas.

Depois da sacramental, a mãe chamou-me de lado e disse: "Aqui, Élder Myers. Aqui tem dez dólares. Meu marido recebe a cada duas semanas, e queríamos começar a pagar o dízimo agora." Fiquei ali parado pelo que me pareceu uma eternidade, simplesmente olhando para a mãe, tão sincera e humilde. Olhei para os dez dólares. O marido ganhava duzentos dólares por mês e eles se dispunham a guardar a lei do dízimo. Que família fiel.

Suponho que hesitei demais, pois a mãe perguntou: "Não é suficiente?" Rapidamente virei a cabeça, pois lágrimas começaram a encher meus olhos. Encontrei o segundo conselheiro no bispado e pedi-lhe que explicasse àquela boa irmã como preencher o formulário do dízimo.

Enquanto ele lhe explicava o procedimento, escapuli para uma sala vazia. Tentei segurar as lágrimas, mas aquele "Aqui, Élder Myers" continuou soando em meus ouvidos. Agradeci ao Pai Celestial por essa grande oportunidade e testemunho àquela família.

Na semana seguinte, eles foram batizados.

Mesmo agora que já regressei da missão, ainda penso na maravilhosa família e a lição que me deram a respeito do dízimo. Toda vez que pago o dízimo, ainda ouço as palavras daquela doce irmã: "Aqui, Élder Myers. Não é suficiente?" ■

A Liahona

YAO-SHI

Richard Tice

O Élder Anderson e eu corríamos os olhos pelos fundos de dois prédios de apartamentos, procurando janelas vazias. Nas sacadas, havia roupas dependuradas em varais. Do parapeito das sacadas, pendiam com *futons*, coloridos acolchoados usados diretamente no chão. Algumas mulheres os batiam com bambu. Estávamos acabrunhados, e eram só 10h30 min. da manhã.

"Bem, hoje é dia", disse meu companheiro.

"Estou certo de que encontraremos um."

Estávamos certos, mas hoje também era sexta-feira, e os novos missionários chegariam amanhã. Eram tantos, que a missão teve de abrir três novos ramos, um deles aqui em Yao-shi. Tínhamos de achar um apartamento para os novos missionários *hoje*.

O Élder Anderson indicou uma pequena banca de frutas. "Élder Tice, vou convidá-lo a comer algumas frutas. Você está pensando demais." Ele tinha olhos azuis, sardas e cabelo castanho-claro, contrastando fortemente com minha pele morena e cabelo preto.

"Você está certo. Vamos celebrar de antemão o encontro de um apartamento com peras douradas, e depois de havermos encontrado um lugar, eu o convido a comermos rosquinhas com creme bávaro e framboesa na Lanchonete Donuts."

"É assim que se fala! Rosquinhas é o remédio certo para eu esquecer as bolhas nos pés!"

Escolhemos as peras douradas de pele fininha e suculentas, e que estalavam ao serem mordidas. Entre as velhas casas de madeira, encontramos um pequeno parque. Comer na rua era falta de educação, mas num parque tornava-se aceitável.

Quatro garotinhos pararam de brincar e ficaram olhando fixamente para os estrangeiros. As mães mandaram que largassem de nos olhar assim e tentaram fazê-los voltar. "*Ti desu yo*" (tudo bem), asseguramo-lhes. Então, com suas fortes mãos e pulsos o Élder Anderson partiu dois *nashi* ao meio e os deu às crianças perplexas.

Então nos apresentamos: "*Choro to moshimasu.*" (Meu nome é Élder Tice.)

"*Anderson Choro desu.*" (Sou o Élder Anderson.)

Dei ao Élder Anderson meus lenços de papel para enxugar as mãos. Algumas mulheres deram risadinhas. Passamo-lhes nossos cartões, anotamos seus endereços e fomos embora depois de repetidas reverências.

Ao dobrar a esquina, o Élder Anderson comentou: "Todos os dias, das 8h30 min. da manhã às 9h00 da noite! Quem pensaria que demoraria tanto a achar um apartamento?"

"Duas semanas e meia. Vamos fazer os missionários voltar a estes arredores depois que estiverem instalados. Desejaria poder trabalhar aqui."

"É. Amo esta cidade."

Horas mais tarde, alcançamos novamente a rua principal, onde as casas eram poucas e a estrada se transformava em via expressa.

"Bem, Élder Tice, estamos de volta. O que fazemos agora?"

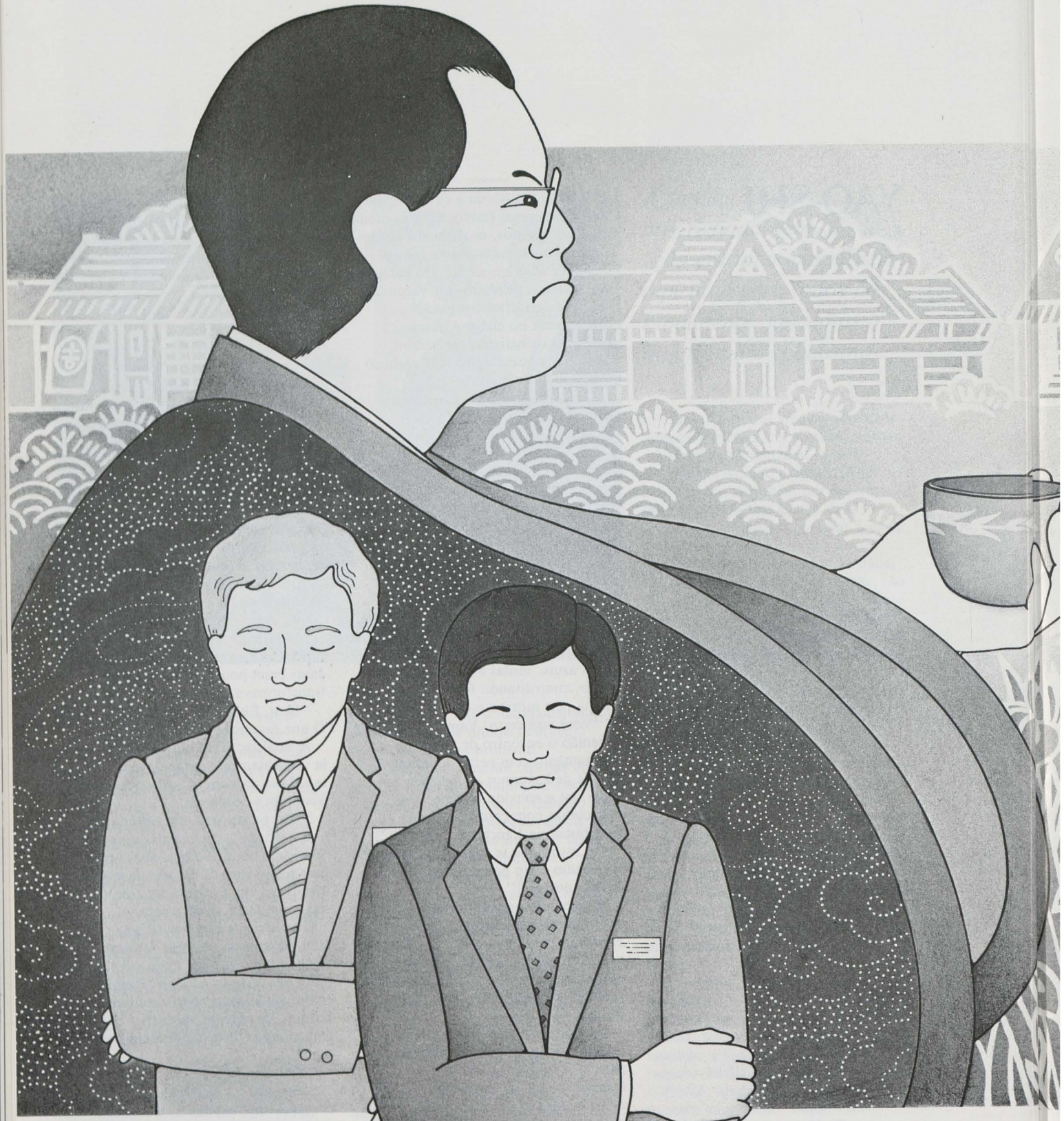
A sinalização do outro lado da rua ia vagarosamente desaparecendo na escuridão da noite. Uns poucos carros passaram velozmente.

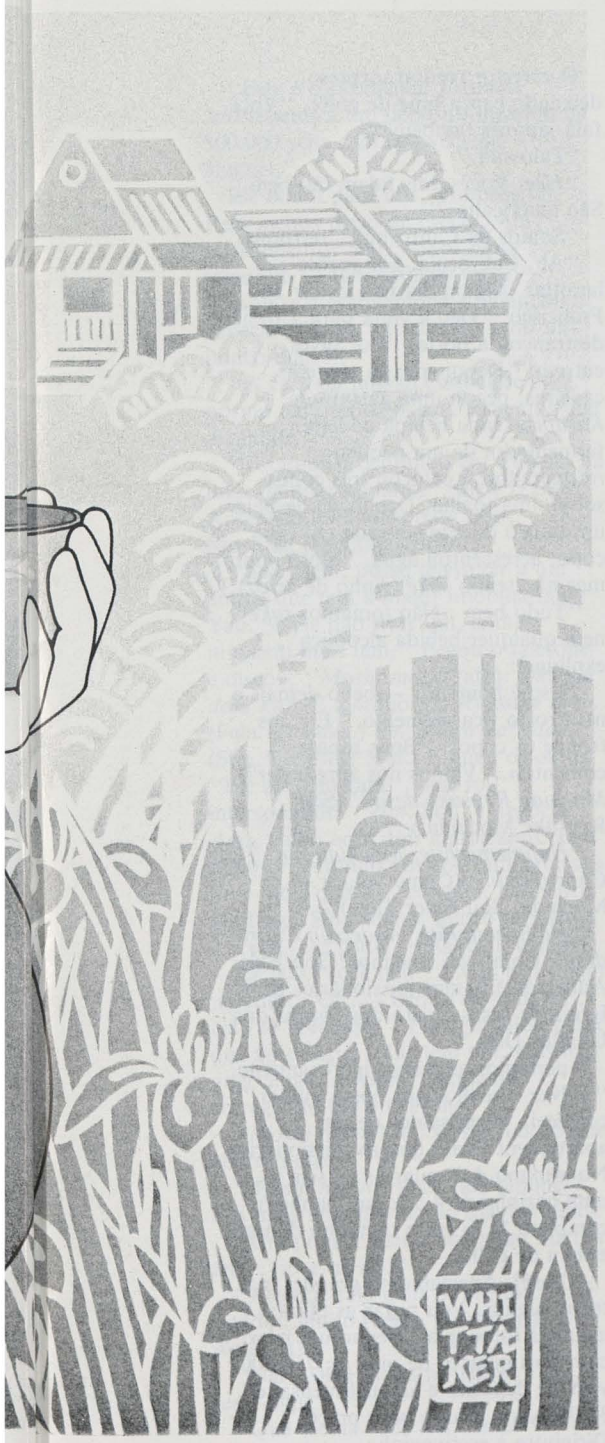
"Não parece que esta estrada nos leve à cidade", comentei hesitante. "São sete horas. Faltam duas horas para nosso trem." Ele não se moveu, depois baixou a cabeça novamente. Eu tinha que fazer alguma coisa.

Uma série de campos de arroz se estendia a partir de onde as casas terminavam. Os talos eram viçosos, e a noite escurecia os campos. Um intenso brilho verde demorava-se ao redor das bordas. De repente, eu sorri. "Você já comeu grãos de arroz diretamente do talo?"

"Não são duros?"

"São, sim. O melhor é descascá-los." Apanhei seis grãos e dei-lhe três. "Fiz isto somente duas





vezes. Não quero comer todo o arroz deles.''

Meu companheiro começou a rir. ''Você deve ser a única pessoa em todo o Japão, que come arroz cru.''

''Experimente. Você pode ser a segunda.''

Raspamos as compactas cascas verdes até as sementes aparecerem. O Élder Anderson pôs uma na boca e mordeu com força.

Ela se partiu. Finalmente ele a engoliu. ''Você acha isso engraçado?'' — perguntou.

''Claro que é'', respondi.

Ao nosso redor, as plantas reluziam sob a luz da rua. Ficamos a observá-las por algum tempo. ''Vamos tentar outra oração?'' — sugeri.

''Sim, penso que devemos.''

Apontei para uma ruela alguns prédios abaixo. Com exceção de uma pequena mercearia, todos os negócios ao longo da via estavam fechados. ''Vamos até lá. Parece suficientemente reservado.'' Atravessamos a rua e entramos na ruela. ''Élder Anderson, você faz a oração?''

''Com todo prazer, Élder Tice.'' De frente um para o outro, baixamos a cabeça.

''Nosso bondoso e amado Pai Celestial, sabes que precisamos de ti. Tu nos enviaste aqui, onde o evangelho ainda não foi pregado. Muitas vezes temos-te pedido ajuda para encontrar um apartamento. Precisamos que nos ajudes. As pessoas desta cidade precisam da tua ajuda. Só assim conseguiremos achar um apartamento esta noite. Por favor, guia-nos. Pedimos-te este auxílio em nome de Jesus Cristo, amém.''

Sentimo-nos animados. Estendemos a mão direita com a palma virada para baixo, a minha debaixo da do Élder Anderson, depois as lançamos para cima com um entusiástico ''Yoshi!'' (Tudo bem!)

''Há uma imobiliária a diversos quarteirões daqui'', comentei, ''passamos por ela mais cedo, mas

Há duas semanas vínhamos procurando, em vão, um apartamento para os novos missionários — e então encontramos o Sr. Mochida.



estava fechada.'' Pusemo-nos a correr para lá.

A rua não estava mais deserta. Pessoas conversavam em frente das casas, desfrutando a noite amena. Chegamos à imobiliária, mas ainda estava fechada. Bati à porta. De um lado, havia uma passagem estreita, vendo-se o edifício e as casas de madeira adjacentes. Cerca de noventa metros adiante, um esbelto homem de meia-idade golpeava uma bola de golfe, procurando acertá-la no buraco. Ele errou uma tacada, e a bola rolou em nossa direção. Apressei-me em apanhá-la, depois a entreguei ao homem. ''*Arigatô*'' (obrigado), disse ele. Deve ter pensado que eu era japonês, pois, quando respondi: ''*Do itashimashite*'' (de nada), seus olhos se arregalaram. E arregalaram-se mais ainda, quando o Élder Anderson se aproximou.

''*Hee. Gaijin desu ka?*'' — perguntou. *Gaijin* era a abreviação popular de *gaikokujin*, pessoa de um país estrangeiro. Nós assentimos.

Perguntamos-lhe se conhecia o dono da imobiliária.

''É minha'', respondeu, apontando o nariz com o dedo indicador. ''Hoje é meu dia de folga.''

''Estamos contentes por encontrá-lo'', disse o Élder Anderson.

O corretor recuou surpreso, deixando cair a bola de golfe. ''Você fala japonês também?''

''Falo sim.''

''*Hee*. Vocês dois falam tão bem. São americanos?''

''Somos da Califórnia'', retruquei.

''Ah, Califórnia. Sol quente e laranjas. Algum dia vou visitar São Francisco.'' Deu a volta para a frente e destrancou a porta. ''Por favor, entrem.'' Depois puxou algumas cadeiras, pegou uma garrafa de *Karupisu*, uma bebida de leite fermentado, de um pequeno refrigerador, e colocou três copos sobre uma toalha. Depois de despejar um pouco do concentrado em cada copo, acrescentou água. ''Sinto muito, mas não tenho *sakê* (vinho de arroz).''

''Tudo bem . Não tomamos *sakê* nem qualquer bebida alcoólica'', expliquei:

''Isso é bom! Eu — bebo demais e meu rosto fica vermelho.'' Ele nos trouxe os copos. ''Bons rapazes'', comentou. ''Vamos nos apresentar? *Mochida Ryusuke desu.*'' (Sou Ryusuke Mochida.)

''*Hajimemashite, Mochida san. Tice Choro desu.*'' (Como vai, Sr. Mochida. Sou Élder Tice.)

''*Hajimemashite, Anderson Choro desu*. (Como vai o senhor? Sou Élder Anderson.) Somos missionários de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.''

Apertamos as mãos vigorosamente. ''Talvez o senhor nos possa ajudar'', comecei. ''Precisamos de um apartamento para quatro missionários. No mínimo dois quartos de seis *jo*, uma cozinha de 4,5 *jo* um banheiro completo.'' *Jo* era o tamanho de uma esteira de palha.

''*Yoshi*. Apartamento grande, mas tenho alguns. Vou pegar as plantas e algumas fotocópias. Tenho um novo com dois quartos de oito *jo*; 750.000 yens de depósito e aluguel mensal de 35.000 yens. Muito bom preço.'' Dirigiu-se à escrivaninha.

"Este é o problema. Estamos autorizados a um depósito máximo de 500.000 yens e 28.000 yens de aluguel."

Ele olhou para nós. "Impossível. Pelo menos perto de Osaka. Até apartamentos mais velhos desse tamanho custam 600.000 yens." Sentou-se à escrivaninha e balançou a cabeça. "Vocês não podem subir um pouco mais?"

"A casa da missão estabelece a norma para todos os apartamentos que alugamos."

"Estamos procurando em Yao-shi há mais de duas semanas", disse o Élder Anderson. Olhamos para o Sr. Mochida esperançosamente.

"*Saa*. Bem, posso telefonar a um amigo que tem a maior imobiliária de Yao. Se ele não tiver um, então ninguém mais tem." Pegou o telefone e discou. "*Moshi moshi* (alô). *Okusan desu ka?* (É a senhora?) *Ryusuke desu.* (Fala Ryusuke.) *Ee. Imasu ka? Hai.*" (Sim. Ele está? Sim.) Ergueu os olhos. "Ele está em casa", mas foi interrompido. "*Hai*. Sim, é negócio. *Ano*, tenho aqui dois americanos. Eles estão procurando um apartamento: seis *jo* — dois quartos, cozinha, banheiro, sanitário. Sim, tenho, mas o problema é preço. Depósito — 500.000, aluguel — 28.000. Você tem?... Mas eles falam japonês... Oh?... Bem, fale com eles. Não se preocupe." Ele gesticulou para que apressasse. "Ele tem um, mas não quer alugar a vocês", explicou, entregando-me o telefone.

"*Moshi moshi*" (alô), foi tudo o que ocorreu dizer.

"*Moshi moshi*. Você fala japonês?" Era mais uma dúvida do que pergunta.

"Um pouco. Estou no Japão faz um ano e nove meses."

"Até que fala mais ou menos. Você estudou muito tempo japonês na América?"

"Não. Dois meses no Havaí e o resto aqui."

"Que escola você freqüenta?"

"Não freqüento escola. Sou missionário de A Igreja de Jesus Cristo..."

"Uma igreja cristã, huh? Bem, sinto muito desapontá-lo. Deixe-me falar com Ryusuke-san agora."

Levantei os olhos, confuso. "Ele quer falar com o senhor."

Mochida-san pegou o fone. "*Moshi moshi. Ee.* Por que você não... Não lhe faria mal algum vê-los... Você já conheceu alguns deles? Bem?... Eu os levarei aí. Diga somente alô." Colocou o fone no lugar e sacudiu os ombros. "Ele é realmente muito amável. Bem, vamos indo?"

O escritório azulejado de azul era novo, com a frente quase toda em vidro. Mochida-san desceu do carro e nós nos arrancamos dos apertados bancos traseiros. Nosso amigo abriu a porta levemente. "*Gomen kudasai. Mairimashita yo.*" (Desculpem-me.)

"*Dozo, dozo, ohairi kudasai.*" (Por favor, entrem.) Uma senhora esbelta, usando um quimono de algodão escarlate e azul, apareceu por uma cortina lateral, carregando uma bandeja com xícaras de chá e um bule. Depôs a bandeja e veio ao nosso encontro com passinhos arrastados, parando antes do *genkan*, ou vestíbulo. Moshida-san abriu a porta larga.

Depois que ela nos convidou de novo a entrar, enfiamos chinelos que nos foram fornecidos, e subimos deixando nossos sapatos no *genkan*. Um homem de compleição forte e quase um metro e setenta, entrou apressado pela porta dos fundos, franzindo o cenho. Élder Anderson e eu nos inclinamos e nos apresentamos.

Nosso anfitrião retribuiu a reverência rapidamente. "*Seki Nijiru desu.*" (Sou Nijiru Seki.) Sua esposa sorriu graciosamente, e inclinou-se vagarosamente. Ele olhou para o Élder Anderson. "Você também fala japonês?"

"Falo, sim. Estou no Japão há somente um ano, por isso não falo tão bem como o Élder Tice."

"Vocês estão usando ternos. Eu não teria falado com vocês, se tivessem aparecido de cabelos compridos e jeans."

"Todos nós usamos terno e mantemos os cabelos curtos. É uma regra da missão", disse o Élder Anderson.

"Bem, sentem-se. Podemos falar." Ele e a esposa instalaram-se nas cadeiras; nós e Mochida-san sentamos no sofá.

Eu comecei. "Há duas semanas e meia estamos procurando um apartamento. Precisamos encontrar um até amanhã. O senhor..."

"Meu prédio de apartamentos fica num bairro tranqüilo. É para recém-casados. Eles tomam cuidado com os apartamentos. Quatro jovens estudantes..."

"Missionários", atalhei.

"*Ee to*... missionários... Não posso alugar para rapazes solteiros. Os quartos ficam em desordem, porque as mães não estão por perto para limpá-los. Recém-casados são mais conscienciosos."

"As regras da missão nos fazem limpar nosso apartamento", expliquei. "Todas as manhãs, das 8h00 às 8h30 min. Nós também temos inspeções."

"Compreendo. Ainda vão largar cinza e pontas de cigarro por todo canto. Rapazes..."

"Mas, nós não fumamos."

Seki-san tartamudeou. Mochida-san encarou-me surpreso.

"É isso mesmo", confirmou o Élder Anderson. "Em nossa igreja, temos um mandamento de não fumar. Faz muito mal à saúde."

Ambos aquiesceram. A esposa de Seki-san aproveitou o silêncio para servir um pouco de chá.

Eu gaguejei: "Desculpe-me, mas isto é *ocha*" (chá)?

"Não. É *mugicha*. *Mugicha* é feito de sementes torradas de cevada. É geralmente servido no verão."

"*Yokatta*!" (Ótimo!) — dissemos aliviados. Expliquei: "Nós não tomamos nada feito com folhas de

chá. Também não tomamos café. Faz parte das nossas leis de saúde."

A esposa terminou de servir. "Isso é muito rígido. Mas, não se preocupem. Isto é *mugicha*." Ela colocou as xícaras à nossa frente. A bebida estava tão quente, que não consegui segurar a xícara sem alça.

"Chá verde é bom para vocês." Evidentemente, Seki-san havia-se recuperado. "Ainda assim, rapazes solteiros não são muito responsáveis. Não há como saber quando eles chegam em casa. Não podemos permitir que perturbem os outros à meia-noite. Sinto muito."

Ao que o Élder Anderson respondeu: "A missão exige que todos os missionários estejam em casa às 9h30 min. da noite e na cama às 10h30 min."

"Temos que nos levantar às 6h30 min", acrescentei.

"*Maa*! (Oh!) É mesmo?" Seki-san remexeu-se constrangido em sua cadeira. "Simplesmente não posso alugá-lo a vocês. Todas as outras famílias seriam de recém-casados. Vocês ficariam entrando e saindo o dia inteiro. O rádio estaria ligado. Vocês perturbariam os outros." Ficou inesperadamente de pé e elevou a voz. "Com os maridos fora, somente as *okusan* (esposas) estariam em casa, e não fica bem! Não posso permitir comportamento imoral! *Okusan* e homens solteiros! E quanto às mulheres jovens? Quem vai detê-las? Não há jeito de se saber..."

"Agora, espera um minuto!" — exclamei.

O Élder Anderson se pôs de pé. "Somos missionários de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias! O senhor sabe o que isto significa?"

Seki-san contraiu as bochechas e sua esposa serviu-lhe mais um pouco de *mugicha*. Levantando a xícara, sorveu ruidosamente a bebida antes de sentar-se.

Inclinando-me em sua direção, fitei-o intensamente. "Quando nos tornamos membros da Igreja, fazemos algumas promessas decisivas a Deus. Uma delas chama-se a lei da castidade. Mantemo-nos castos antes do casamento e somos fiéis depois dele. Os missionários, especialmente, procuram viver todos os mandamentos. Cremos que provêm de Deus. Eles nos trazem alegria e nos tornam pessoas honradas e respeitadas. Também prometemos não namorar enquanto somos missionários. Em nossa missão, ninguém, a não ser missionários, tem permissão de entrar em nosso apartamento." Minha irritação se fora, eu estava-me sentindo culpado. Baixei os olhos. "Exceto, é claro, o senhorio... sinto muito se me exaltei."

Seki-san abanou a mão. "Não, não. Tudo bem. Vamos ser amigos."

Então o Élder Anderson voltou à carga: "Acho que seremos bons inquilinos. De manhã estudamos japonês e o evangelho. Saímos de casa às 10h30 min, voltando apenas nas horas de refeição. Não devemos ouvir música popular, e como muitos de nós não gostamos de música clássica, não haverá muito barulho." E sorriu de orelha a orelha, um sorriso contagiante e simpático.

"*Saa, saa* (vamos, vamos). Tomemos um pouco de *sakê*."

Sua esposa começou a pôr-se de pé, mas Mochida-san, que esteve calado até agora interrompeu: "Eles também não tomam *sakê*."

"Bem, então *biru*." (A cerveja é extremamente popular no Japão.)

"Ora, eles não bebem *biru*, tampouco. Nada de álcool." Ele estava-se divertindo imensamente. Deu-nos umas palmadinhas nos ombros. "Bons sujeitos. Talvez eu devesse parar de beber."

"Você? O dia que você parar de beber, eu paro também", riu-se Seki-san.

"Bem, pelo menos poderia cortar um pouco."

"Você devia mesmo. Ao menos não teria de se preocupar com caixas de garrafas vazias de *biru* empilhadas em frente da porta." Interrompeu-se, e então, levantou. "Vamos ver as plantas?"

O senhorio disse: "Não posso alugar para rapazes solteiros. Os quartos ficam em desordem, porque as mães não estão por perto para limpá-los."

"Quer dizer que..." gaguejei, mal conseguindo acreditar em meus ouvidos. Pisquei para segurar as lágrimas. "Muito obrigado mesmo." Peguei um lenço e enxuguei os olhos.

"*Ti to mo*. (Está certo.) Ficarei honrado em alugá-lo para vocês. Será um prazer."

O Élder Anderson ficou de pé para apertar a mão de Seki-san. "Estamos muito gratos." Então começamos a chorar. Finalmente emprestei meu lenço a ele.

Quando saímos, meia hora mais tarde para pegar o trem, um pouco antes de entrarmos no carro de Mochida-san, o Élder Anderson começou a cantarolar nosso comercial favorito: "Mr. Doughnuts." ■



Fotografado por Mike McConkie

OBJETIVO NÚMERO UM – CONVERTER PAPAI

Elizabeth Sainsbury Orton

(Baseado num incidente verídico. Os nomes foram alterados.)

É difícil ser o único membro ou membro ativo da família. A ala parece estar repleta de famílias ideais que fazem a noite familiar, oram e lêem as escrituras juntos; tudo o que você gostaria de ter também. No entanto, você se senta sozinha na igreja ou vai com outra família às festas da ala. Não é que você queira trocar de família, mas gostaria de que sua família mudasse, porque os ama e quer que tenham as bênçãos eternas; não quer sentar-se sozinha na congregação da vida futura. Todavia, você fica desencorajada, quando a resposta deles aos seus rogos é não. Às vezes você chega a sentir pena de si mesma, mas sempre se agarra à esperança de que um dia eles se filiarão à Igreja. Susana também tinha essa esperança.

Susana, de dezesseis anos, é uma garota bonita e talentosa; bonita porque é autoconfiante e talentosa, porque é determinada. Em vez de preocupada e cautelosamente, molhar a ponta dos pés no rio da vida, ela mergulha figuradamente de cabeça, talvez ficando a princípio um pouco lívida e sem fôlego, mas, mesmo assim, se divertindo. Depois do batismo três anos atrás, Suzana dirigiu seus esforços ao seu lar: queria que o pai se batizasse.

"Eu sabia que, se meu pai se batizasse, mamãe também viria para a Igreja. Assim, esse era meu objetivo número um", recorda Susana. "Pensei que o conseguiria sozinha, porque sabia que meus pais gostavam de mim; então, achei que eles iriam fazê-lo por mim", disse com intrépida (confiança). "Tentei tudo", acrescentou mais humildemente.

"Tentei forçar, mas não funcionou. Depois, tentei fazê-los sentir pena de mim. Disse-lhes que tinha que sentar sozinha na Igreja, cantando sozinha,

enquanto todas as outras pessoas estavam com seus familiares. Isto também não funcionou."

Embora às vezes ficasse desencorajada, Susana não desistiu. "Depois que aprendi mais sobre a obra missionária", ela continuou, "tentei uma abordagem diferente: Convidava-os para ir às reuniões. Quando eu fazia um discurso na reunião sacramental, mamãe vinha. Uma vez cantei na conferência da estaca. Ganhei até um vestido novo. Mamãe pretendia ir, mas ficou doente, então fui sem nenhuma esperança de que papai ou mamãe estivessem lá. Estávamos cantando nosso número, quando olhei para os fundos da capela e vi meu pai chegando. Tive vontade de chorar, mas não podia, pois tinha que cantar.

"Outra vez papai foi comigo ao programa para pais e filhas da ala. Enquanto estávamos tomando o desjejum, olhei para papai e veio-me o pensamento de que um dia ele se batizaria. Bem no meio da refeição eu o soube e desejei mais do que qualquer outra coisa."

Mas o batismo não aconteceu do dia para a noite, e Suzana aprendeu mais sobre a obra missionária. "Eu sabia que não podia fazê-lo sozinha", admitiu.

Um dia, voltando da escola para casa, Susana viu duas bicicletas estacionadas na sua rua e dois missionários batendo na casa de alguém. Os missionários já haviam estado na casa dela cinco vezes. Usualmente teriam ido apenas uma vez. Mas Susana não permitiu que aquilo bloqueasse seu novo alvoroço. Talvez desta vez seu pai estivesse preparado.

"Esperava que os missionários não entrassem na casa em que estavam batendo, porque eu queria falar com eles. Como de fato não entraram, falei-lhes sobre meu pai. Contaram-me que haviam orado a respeito de onde deveriam trabalhar, e foram enviados à minha rua. Penso que o Senhor sabia que meu pai estava pronto para ouvir o evangelho. Quer outras pessoas soubessem ou não, o Senhor o sabia, e isto era tudo o que importava."

Mas, nem tudo foi fácil e perfeito. Houve vezes em que Susana ficou muito desanimada, perguntando-se por que as coisas não andavam mais depressa. "Então eu tinha que me lembrar de que preparar-me para o batismo fora um processo lento para mim também. Olhava em volta e via outros jovens sentados sozinhos na igreja ou cuja situação parecia pior que a minha; nem por isso pareciam desanimados. O exemplo deles ajudou-me a parar de sentir pena de mim mesma."

Nesse meio-tempo, percebendo que seu exemplo era decisivo, Susana colheu outra bênção da obra missionária: a de preparar-se e crescer pessoalmente.

"Tinha de estar tão preparada quanto papai. Tinha de orar muito, jejuar e até arrepender-me. Percebia que a obra missionária é amor e serviço, é dizer à mamãe e ao papai que você os ama, mesmo que seus irmãozinhos estejam ouvindo. Também procurei seguir o exemplo dos missionários de mostrar amor a papai."

Os missionários foram à casa de Susana sete vezes no espaço de cinco meses. E toda vez ela percebia que seu pai estava chegando mais perto do batismo.

"Uma noite, em abril, fui à minha entrevista de aniversário com o bispo. Papai ficou de me apanhar depois." Susana continuou travessamente: "Escondi-me no corredor, para obrigá-lo a entrar e procurar-me. Quando entrou na capela, perguntou se poderia ver o bispo a sós. Ficou lá dentro uns trinta minutos, enquanto eu esperava no vestíbulo, imaginando sobre o que estariam conversando!

"A caminho de casa, eu estava ansiosa de ouvir o que acontecera. De repente, papai disse: 'Bem, Susie, penso que vou batizar-me.' Fiquei estática. Queria chorar, mas sabia que não devia, pois papai não gosta de ver a gente emocionar-se. Tudo o que consegui dizer foi: 'Acho que é maravilhoso.' Era o tipo da coisa boba, mas o que dizer, quando acaba de realizar-se o seu maior sonho?"

O pai de Susana foi batizado no dia 14 de abril.

Mas Susana sabe que sua obra missionária ainda não terminou. "Ainda fico impaciente e desanimada, às vezes, mas dou-me conta de que tornar-se uma família celestial é um processo paulatino. É preciso compreender meus pais. Tento fazer minha parte. Quando estou espiritualmente fraca, isto reflete em casa. Por isso procuro manter meu testemunho forte, fazendo o que devo fazer; e sinto-me melhor quando o faço."

Susana aprendeu muito sobre a obra missionária, quase sempre através de tentativas e erros. Aprendeu que o momento oportuno e as reações diferem de pessoa para pessoa, que pressão e piedade não funcionam, que servir de fato é muito mais importante do que apenas falar de serviço, que o Espírito precisa tocar a vida da pessoa, e que o desejo — bem, quanto a desejo, Susana não tem falta dele; ela continua tentando, a despeito dos erros, viver o evangelho destemidamente, embora, às vezes, seja embaraçoso, assustador e até mesmo muito difícil.

Mas, Susana o resume positivamente: "Meu pai não queria absolutamente nada com a Igreja vinte anos atrás, mas, depois de passar por muitas visitas dos mestres familiares, e depois das muitas diferentes duplas de missionários, e depois de ter uma filha que não o deixava em paz, papai é um membro da Igreja."

E quando lhe perguntam sobre suas metas mais imediatas, Susana responde com entusiasmo: "Ter noites familiares, orações em família e ser selada no templo à minha família — este é meu objetivo número um agora!" ■

CONFORTO TRANQÜILIZADOR

JoEllen Jester

Minha família aguardava ansiosa no quarto de hospital em Boise, Idaho. Os médicos ainda não haviam diagnosticado a doença de papai, mas todos nós sabíamos que ele estava muito mal. Depois de papai estar . doente havia um mês, mamãe pediu a Rich, meu irmão, que viesse da Universidade Brigham Young para dar-lhe uma bênção. Esgotados todos os recursos da medicina, essa era nossa única esperança.

Estávamos todos reunidos, e eu fiz uma prece em meu coração. No último mês, ficara mais tempo de joelhos que todo resto de minha vida. Não havia dormido muito e não me sentia fisicamente bem. Meus nervos estavam à flor da pele e sentia-me sempre cansada. Embora não soubesse de que mal papai sofria, tinha a horrível impressão de que ele iria morrer.

Passados alguns minutos, Rich pôs as mãos sobre a cabeça de papai e começou a bênção. Estávamos todos esperando que Rich prometesse a recuperação de papai; contudo, não foi o que fez. Ele só disse a papai que a paz estaria com ele e sua família, e que nós seríamos confortados.

Deixei o quarto com lágrimas nos olhos. Meu irmão Keith levou-me para casa. Fui para meu quarto, para ficar a sós e pensar. Enquanto ali sentada, sobreveio-me uma sensação de paz e eu soube que ficaria bem. Ainda sentia que papai não viveria, mas usufruí de uma tranqüilidade que nunca havia experimentado antes.

Na semana seguinte, os médicos descobriram que a doença de papai era câncer ósseo. Voltei a ficar nervosa e com medo. Os meses seguintes foram um horrível pesadelo. Eu chorava até adormecer esgotada, imaginando se algum dia terminaria a dor daquela provação toda.

Seis meses depois da bênção, papai faleceu no hospital. Eu estava em casa quando ele morreu, e meu irmão Steve telefonou-me para informar do seu passamento. Fui ao meu quarto e comecei a chorar. Não sabia como devia sentir-me. Estava como que vazia.

Deitada ali na cama, pensando como seria meu futuro sem papai, comecei a sentir-me lesada. Eu tinha apenas quatorze anos na época e não achava justo ter de ficar sem pai tão jovem. Mergulhei numa profunda sensação de perda.

Então, fui tomada por um sentimento de paz e calma, parecido com a sensação que experimentara no dia da bênção de papai, meses antes.

Eu tinha apenas quatorze anos e não achava justo ter de ficar sem pai tão jovem.

Essa paz foi acompanhada de uma sensação de alívio. Senti o espírito de papai e soube que seu amor ainda estava comigo e sempre estaria. Percebi, naquela noite, que, embora, meu pai estivesse longe fisicamente, seu espírito e amor nunca me poderiam ser tirados. Sabia que meu pai não havia ido embora para sempre. Sua inspiração e orientação continuariam comigo por toda vida.

Agora, cinco anos mais tarde, percebo ainda melhor o amor que tanto meu Pai Celestial como meu pai terreno têm por mim. Freqüentemente tenho sentido a proximidade de meu pai terreno. Tenho sentido muitas vezes o conforto tranqüilizador de seu espírito e sei que ele não me deixou só. ■

